Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

COLEÇÃO INSTITUTO DO CEARÁ

HISTÓRIA DO CEARÁ

MONOGRAFIA Nº 3
(1º TOMO)

TH. POMPEU SOBRINHO

Pré-História Cearense

Editora "Instituto do Ceará", Limitada
1955

ÍNDICE

Assunto	páginas
Considerações Gerais	5
Primeira corrente migratória de povoadores	23
Segunda corrente migratória de povoadores	26
Terceira corrente migratória de povoadores	30
Quarta corrente migatória de povoadores	32
Quinta corrente migratória de povoadores	35
Os Paleolíticos e os seus descendentes	43
Láguidos	56
Huárpidos	69
Patagônidos	70
Os Mesolíticos e os seus descendentes	72
Fuéguidos	76
Nordéstidos	78
Os Neolíticos da quarta corrente e os seus descendentes	81
Sudéstidos	83
Brasílidos	84
Os Cariris	89
Os Caraíbas	91
Os Tupi-Guaranis	97
Os Aruaques	105
Outras famílias de Brasílidos	109
Andidos	114
Centrálidos	116
Povoamento do Nordeste e especialmente do CEARA'	118
Notas ao Primeiro Capítulo	125
Obras consultadas	135

PROÊMIO

A pré-história de qualquer região do Brasil oferece insobremontáveis dificuldades; e por isto, comparada com a dos países europeus e a de certos trechos dos Estados Unidos da América do Norte, acha-se num lastimável estado de atraso.

Por sua própria natureza, os conhecimentos das populações pré-históricas, antropológicas ou culturais, são ainda geralmente incompletos, interrompidos no tempo e não raramente confusos. Muito pouco, quase nada mesmo, sabemos dos primórdios da cultura humana, dos primeiros movimentos e orientações do espírito da nossa espécie, de cujo desenvolvimento, entretanto, resultou a civilização atual. Apenas, de períodos muito menos recuados, embora ainda bem remotos, possuimos elementos que nos ajudam a compreender a vida material e psíquica dos velhos antepassados da humanidade.

Ora, se isto acontece mesmo onde a ciência pré-histórica nasceu e se desenvolveu ao máximo, com um constante treino de muitos anos, afanoso trabalho, desvelos e beneditina paciência, onde não se poupam esforços enormes desde que dêles se possam auferir mesmo minguados esclarecimentos, qualquer mortiça chama que ilumine escusos recantos dêsse passado multimilenar, o que se pode esperar dos nossos conhecimentos de um povo coevo destas regiões? — Sem dúvida, nada mais do que resumidas e salteadas noções, entrecortadas de informes nem sempre isentos de incertezas, escassas notícias carentes de elos e lógicas

conexões. As nossas primitivas populações, realmente, conservam-se ainda veladas com um manto bem pouco transparente.

Os pré-históricos nacionais são raros e lutam com mil dificuldades, a míngua de recursos materiais e desestímulos acabrunhantes. Quando alguns escassos e animosos investigadores, remando contra a corrente, a despeito do geral desafeto pelas atividades específicas desta ciência, que pede tanta paciência e desprendimento, tanta persistência e disciplina e tanto saber, se voltam para o campo infinitamente vasto das nossas eras passadas, épocas que precederam os domínos relativamente iluminados da história, topam desde os seus primeiros passos com grandes obstáculos a empecer-lhes a marcha vocacional, limitando logo o âmbito das suas aspirações. Não lhes faltam apenas os estímulos oficiais; os particulares não existem nos países subdesenvolvidos culturalmente; nenhuma agremiação douta lhes anima os propósitos, aprecia os esforços, discute os resultados, e isto quase sempre por se acharem os grêmios culturais absorvidos ou enleiados com questões de somenos interêsse nacional ou científico, por displicência ou talvez, também, por ignorância. Os favores do Govêrno, de ordinário, não atingem, como se devera esperar, a tais situações. Nem mesmo alcançam aos animosos funcionários ou agregados das pobres instituições oficiais de pesquisas científicas. Esta é a razão por que o estado dos nossos conhecimentos no campo das ciências sociais indígenas e, principalmente, das nossas ciências que investigam as cousas obscuras de um passado perdido na noite dos tempos, dos fatos relacionados com as primeiras atividades humanas no território nacional oscila em nível intelectual relativamente baixo. Neste setor, os nossos esforços têm um caráter pulsátil, épocas de trabalho mais ou menos eficiente alternando com longos períodos de estagnação. Já um arguto observador estrangeiro notou que na América Latina muitos países matam de fome os seus pesquisadores científicos. (1)

---

(1) — William Vogt, — "Road to Survival" 1950.

Mas, indubitàvelmente, por tôda a parte, e mesmo neste vasto rincão do Orbe que é o Brasil, florescem espíritos impulsionados pelos encantos da natureza ambiente, que lhes despertam insopitáveis desejos de sondar as profundezas dos tempos, na esperança de desvendar a estrutura, as características das culturas primitivas, os aspectos somatológicos e o modo de vida dos primeiros homens da nossa espécie. Dêstes espíritos curiosos. alguns não satisfeitos apenas com o que se há conseguido conhecer nos estreitos limites da Europa Ocidental, espalharam-se pelo mundo, ampliando as suas pesquisas. Poucos perlustraram as nossas plagas nacionais. Por onde andaram, sempre encontraram quem os ajudasse com mais ou menos desprendimento, e até mesmo quem se fizesse seus rivais.

A extensão dos conhecimentos pré-históricos alarga-se e aprofunda-se. No nosso meio, alguns sábios deliberada ou eventualmente, se entregaram a pesquisas do longínquo passado, trabalharam rijamente, expondo-se muitas vêzes às mais duras contingências. O exemplo magnífico, como alhures, despertou vocações nacionais. Por isto, algo, porém muito pouco, já se sabe daquilo que muito temos de aprender.

Todavia, êste pouco que se tem logrado apurar positivamente ou que se presume saber dentro de razoáveis limites de certeza, merece uma composição sintética ou esquemática, contribuição que, divulgada, seguramente contribuiria certamente para animar a escavação do nosso mais remoto passado, ora despertando curiosidades que dormitam, ou em potencial se alheiam, ora indicando orientações seguras aos espíritos aficionados que se agitam e esperam apenas pela indicação de um caminho afim de se lançarem na liça, em busca das cousas que ocorreram nas vetustas eras da infância da humanidade no nosso meio. Não nos decidiríamos a preencher esta lacuna demasiadamente pesada para os nossos ombros.

O objetivo que visamos, muito mais modesto, mais estreito, enquadra-se apenas no âmbito de uma relativamente pequena região do país. Como o título exprime, objetiva-se relacionar o que

sabemos ou julgamos saber da pré-história cearense. Fazendo-o, obedecemos a um imperativo determinante do INSTITUTO DO CEARÁ, preenchendo uma parcela do plano que organizara em boa hora para divulgar a história das atividades dos homens neste canto do Brasil. Pretende a nossa velha e prestigiosa associação de cultura expor, com a possível extensão, aquelas atividades em todos os tempos, desde a mais remota ocupação do território por sêres humanos até o presente; deseja condensar em alguns volumes monográficos tôdas as ações e reações do processo histórico na sua mais ampla significação.

Teremos, consequentemente, que partir de muito longe, de um nebuloso passado ante-colonial. Daí, a monografia n.º 3, com o título de PRÉ-HISTÓRIA CEARENSE.

Talvez a escolha do artífice não tenha sido a mais acertada.

Mas, seja como fôr, o espírito de disciplina levou o autor a todos os esforços compatíveis com as circunstâncias de meio, de cultura e de capacidade intelectual.

Consta a monografia de duas partes. No primeiro volume, com um único capítulo, cogita-se do povoamento inicial da região. Vale por uma introdução, visto como, ao tratar-se de uma população selvagem, com uma cultura rudimentaríssima, convém antes de tudo examinar as suas origens certas ou prováveis e explicar, com os elementos a mão, como e quando essa gente veio ocupar o território dêste Estado.

A segunda parte ocupa-se do quanto foi possível coligir das manifestações culturais de tão vetustos habitantes, através dos monumentos que nos legaram.

As fontes para o estudo da matéria não podem ser outras que os vestígios registados nas rochas ou os restos líticos ou cerâmicas da sua indústria. Assim, simplesmente pelas inscrições rupestres que traçaram abundantemente nos rochedos

e pelas coleções até o presente organizadas de utensílios, objetos domésticos, adornos, amuletos e armas de pedra ou pelas coleções de cerâmicas tão variadas podemos ajuizar as atividades dêsses velhos habitantes da nossa terra.

Da cerâmica, restam-nos elementos relativamente abundantes e de tipos ou estilos diferentes. Ressaltamos, nesta ordem de monumentos, as coleções de cachimbos, a maior parte dos quais parecem ser objetos de uso religioso, razão talvez por que tais elementos mereceram especiais cuidados de confecção e notável esmero na ornamentação, porventura utilizando motivos simbólicos.

Compreende-se que em estudos dessa natureza, para que se consigam profícuos resultados, importa obedecer aos métodos ditados por uma longa e cuidadosa observação e experiência prolongada dos fatos.

Como observa um homem de grande saber em assuntos desta natureza, "a pré-história não difere de etnografia senão pela antiguidade das populações em aprêço. Assim, pois, torna-se evidente que o estudo das coleções pré-históricas há de obedecer aos métodos conhecidos em etnografia." (1)

Em virtude disto, os elementos das diversas coleções devem ser descritos, classificados e depois devidamente comparados, a fim de que seja possível surpreender as correlações, parentescos ou filiações, e também, muitas vêzes, os caminhos ou vias pelas quais transitaram certos dêstes elementos culturais ou se distribuiram no espaço.

Isto se relaciona com uma utilíssima exigência do método, que adotamos ou tentamos seguir com o rigor compatível com as circunstâncias. Consiste na distribuição geográfica dos fatos culturais, visando especialmente facilitar as imprescindíveis comparações, que devem ser estendidas dentro de áreas adequadas,

---

(1) Paul Rivet. "L'Anthropologie" in Boletim do MUSEU NACIONAL. Setº de 1928, Vol. IV, n. 3. A expressão ETNOGRAFIA tem aqui o sentido que o sábio emprestou ao têrmo, no obra citada.

descobrir migrações de elementos e apanhar de modo mais satisfatório e mais fàcilmente correspondências e correlações, continuidade no espaço entre presumidos ou reais centros de dispersão ou origem.

Êste processo nos leva a organização de cartas ou mapas cartográficos de distribuição, dentro de âmbito que interessa mais ou menos de perto ao caso em consideração.

Ora, no caso em consideração, tarefas desta natureza podem não ser fáceis e até mesmo impossíveis ou limitadas a certas condições mais ou menos estreitas. De qualquer forma demandam sempre penosas investigações nem sempre coroadas de pleno êxito, principalmente por deficiência de dados úteis ou indispensáveis, que deviam sempre acompanhar cada elemento cultural das coleções disponíveis. Tal circunstância, porém, falha muitas vêzes, limitando o número de elementos de maior valia.

Na descrição dos objetos e monumentos procuramos não só tornar conhecidas a morfologia, ressaltando particularidades ou anomalias, como também a técnica, conforme fôra em certos casos permitido apreciar.

Não devemos disfarçar as dificuldades e a soma considerável de esforços que tais cousas impõem, e quase sempre não foi possível fazer a mór parte do que fôra preciso para conseguir resultados apreciáveis. Não obstante, alguns efeitos interessantes, mais ou menos parciais, resultaram satisfatórios, suficientes ou sensìvelmente completos, permitindo conclusões práticas e bem definidas. Muitos trabalhos frustados resultaram da ausência de indicações regularmente precisas, pouco claras ou mesmo errôneas, e disto muito mais do que da riqueza numérica das coleções. O estado precário de alguns monumentos, por vêzes de indisfarçável importância, também contribuiu para empanar certas conclusões e impossibilitar outras.

Além da morfologia e técnica de confecção de um objeto, exige-se ainda o uso correto, o modo como foi conservado através dos séculos e como jazia no seio do depósito geológico que o

conservou até os nossos dias, depósito que, por sua vez, importa ser definido.

Embora, porém, tais indicações sejam de evidente importância, especialmente no seu conjunto, compreende-se que, conforme as circunstâncias, uma ou outra ou mesmo algumas que falhem, não obstam a boa inteligência dos estudos finais ou de certas conclusões. Felizmente, no caso em tela, isto é relativamente comum.

Recomenda-se com insistência justificada que se torna ainda necessário dar aos achados arqueológicos o valor relativo que merecem, não em função da sua forma, bom acabamento ou beleza, mas como expressão relevante de uma cultura, qualquer que ela seja, qualquer que seja o seu grau de adiantamento. Êste valor, nas coleções disponíveis, foi, em geral, de estimativa mais ou menos precária e algumas vêzes ficamos perplexos, sem meios práticos para aventurar qualquer avaliação digna de fé.

Tôdas estas considerações e dificuldades com que lutamos indicam uma orientação conveniente à disposição da matéria na segunda parte da obra:

Inscrições rupestres;
Objetos de pedra;
Cerâmica;
Considerações finais e conclusões.

Mas, não se compreende que tais estudos, incidindo sôbre arcaicas civilizações ou culturas, prescindam do conhecimento, embora elementar ou mesmo incompleto, das respectivas populações ou povos, sob o seu aspecto antropológico.

Daí a necessidade de terminar a monografia com mais um capítulo em que se exponham sucintamtnte o especto racial dos habitantes precolombianos do Ceará e uma síntese da correspondente cultura.

Êste capítulo há de ser baseado em vestígios osteológicos, porém ainda arrimado em convenientes conhecimentos históricos;

os primeiros que nos transmitiram os cronistas em vista dos contactos iniciais que tiveram com êsses antigos povoadores. Ao tempo do descobrimento da terra, por aqui viviam os selvagens descendentes prováveis daqueles pioneiros do povoamento. Se alterações existiam, quase imperceptíveis seriam quanto ao aspecto somático, salvo no que importa a eventuais cruzamentos internos, alguns dos quais podem ser discriminados ou ao menos previstos. No que diz respeito à previsão da estrutura cultural, o problema parece mas difícil, mas, não insolúvel. Certamente, as considerações a respeito, tanto quanto possível assentes nas coleções líticas e cerâmicas existentes e nos razoáveis informes históricos, não têm a pretensão de resolver questão tão complexa, mal escudada em insuficiente documentação de valor decisivo. Cuidou-se todavia de observar com meticuloso interêsse os estágios primordiais, desde os primeiros contactos e apanhar o fácies social, tanto quanto possível ainda isento de influências aculturativas. O edifício social, apenas estruturado, fica como contribuição porventura útil para uma reedificação com novos e melhores materiais.

A exposição que vimos de fazer revela o quanto foi árdua a emprêsa cometida pelo INSTITUTO DO CEARÁ, mostra que os esforços para conseguir os melhores resultados não foram poupados; e induz-se de tudo que a matéria foi apenas aflorada. O ensaio, como é natural, oferece lacunas, simples omissões, faltas e erros, porém arcabouça sumàriamente o objetivo desejado, desbravando um terreno virgem.

O INSTITUTO DO CEARÁ não podia e nem devia esperar que os dados pré-históricos se acumulassem até que bastassem à composição de uma obra completa e perfeita.

Na execução material do trabalho, embora as oficinas da EDITORA DO INSTITUTO DO CEARÁ empenhassem considerá-

veis esforços, não se conseguiu escoimá-lo de sérias faltas. A revisão de provas, conquanto merecesse especiais atenções, não logrou aquêle grau de correção para o texto que quantos, nesse labor se ativeram, tanto desejavam.

O autor não pode eximir-se ao dever de agradecer, por si e pelo INSTITUTO DO CEARÁ, aos Doutores Dolor Barreira, em primeiro lugar, Carlos Studart e Raimundo Girão e à esforçada prof. Maria da Conceição Sousa, pelo muito que se cansaram na revisão de provas.

PRÉ-HISTÓRIA CEARENSE

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

3

COLEÇÃO INSTITUTO DO CEARÁ

HISTÓRIA DO CEARÁ

MONOGRAFIA Nº 3
(1º TOMO)

TH. POMPEU SOBRINHO

Pré-História Cearense

Renato Nicolai

Editora "Instituto do Ceará", Limitada
1955

III

4

SUMÁRIO — *Considerações gerais. Alguns postulados. O Quaternário, o Pleistóceno e as raças primárias. Ainda outros postulados pré-históricos. Paleolíticos na América; as duas primeiras correntes migratórias. Mesolíticos; a terceira corrente migratória. Neolíticos; a quarta corrente e os povos de alta cultura. Tipos étnicos e famílias línguo-culturais. Láguidos; gês e tarairiús. Nordéstidos; tremembés e maués. Brasílidos; as grandes famílias e os cariris. Quadro esquemático das correntes migratórias, origens, chegada à América, características somáticas e culturais. Os descendentes dos invasores e sua dispersão. O povoamento inicial do Nordeste brasileiro.*

Evidentemente não é possível compreender de modo satisfatório a origem dos primitivos habitantes desta região ou mesmo do Brasil, quem foram êles e de onde provieram, quando e como aqui chegaram, sem que se recorde prèviamente em largos traços o povoamento primitivo da América. Mas, sem dúvida, im-

porta fazê-lo em face das mais modernas investigações e conclusões dos sábios que pacientemente têm estudado e versado o assunto com espírito científico. O resumo há de ser cuidadosamente escoimado de qualquer digressão desnecessária ou acadêmica.

Desde que o Novo-Mundo foi revelado com os seus misteriosos habitantes, espíritos curiosos dedicaram-se afanosamente à emprêsa árdua de descobrir a chave do excitante enigma do seu povoamento inicial. Numerosas fantasias, discretas e até burlescas, soluções ingênuas, simplistas ou complicadas, hipóteses engenhosas mas desprovidas de base consistente ou mesmo de qualquer fundamento foram mais ou menos prestigiosamente apresentadas sem que, entretanto, nenhuma lograsse apreciável estabilidade.

Felizmente, com o refinamento da cultura atual, êste primeiro mas longo período de investigações de gabinete passou. Contudo, quanto se fizera não foi de todo perdido; despertou interêsses, focalizou questões e concorreu realmente para situar o problema num campo limpo de veleidades. Agora, trabalha-se cientìficamente, com precisão e paciência.

As pesquisas recentes sôbre os mais variados assuntos relacionados com o primeiro povoamento da América levam paulatinamente a numerosas soluções definitivas e completas da questão. Os resultados conseguidos até o presente, conquanto ainda não resolvam integralmente todos os problemas complementares, já firmaram muitas verdades irredutíveis e, para tudo o que se não há logrado definitivo sentido, formularam teorias bem alicerçadas ou sugeriram hipóteses lógicas, sòlidamente arrimadas em fatos concretos.

Um esquema do conjunto já pode ser apresentado com caráter rezoàvelmente preciso. Podem-se mesmo organizar esquemas regionais mais ou menos bem estruturados, permitindo satisfatória inteligência dos fatos referentes ao povoamento de zonas limitadas. É o que se pretende fazer aqui, focalizando especial-

mente o povoamento pré-colombiano do Nordeste brasileiro e especialmente do Ceará.

Antes de abordar a matéria principal, convém, para evitar fastidiosas digressões e inúteis comentários, apresentar os seguintes postulados, conquistas pacíficas de investigações recentes e certamente irregováveis:

I — O homem americano não é autóctone; portanto deve ser considerado como produto de migrações do Velho-Mundo.

II — Na Era Terciária, nem mesmo nos primeiros períodos do Pleistóceno, o homem que veio povoar a América não havia chegado.

III — Não ocorreu nenhuma migração pré-histórica através do Oceano Atlântico capaz de contribuir para o efetivo povoamento dêste continente. Admite-se que nenhuma ponte continental ou caminho terrestre através dêste oceano tivesse existido ao tempo em que a espécie humana atual conseguira os meios ou as condições de difundir-se. Quando logrou tais condições, que a levaram ao Novo-Mundo, já encontrara moldado o quadro geográfico da TERRA, sensìvelmente como o conhecemos presentemente. Apenas modificações locais teriam ocorrido alterando o traçado das costas em proporções limitadas.

Precedendo à exposição sucinta do povoamento inicial da América, processado no decurso de muitos milênios e rico extraordinàriamente de curiosas vicissitudes, importa recordar de uma maneira tanto quanto possível esquemática as circunstâncias fundamentais que presidiram à formação das raças históricas do mundo.

Isto, naturalmente, pede algumas resumidas noções da geologia própria do último estágio glacial do Pleistóceno e da longa

transição dêste sub-período para o Holóceno, dentro do qual vivemos.

O povoamento primitivo do Novo-Mundo não é acontecimento isolado. Prende-se à expansão dos povos da nossa espécie. Há, realmente, interessante paralelismo entre o povoamento da América, da Ásia e da Europa e mesmo da Oceania, que cumpre considerar e sobretudo ressaltar.

Não nos interessam diretamente os elementos humanos do Pleistóceno Inferior ou Médio, como os Arquoantropos orientais ou ocidentais e, bem assim, ainda as formas menos arcáicas ou neandertaloides com as suas velhas culturas paleolíticas, tôdas elas somática e culturalmente muito diferentes da que atualmente prolifera na superfície da Terra. (1)

O mesmo já se não pode dizer das formas primitivas dos homens fósseis da espécie *sapiens*, que precederam às formações raciais da humanidade atual.

Os primeiros contingentes migratórios que entraram na América provinham, sem nenhuma dúvida, das camadas primitivas do *Homo sapiens fossilis*. A nossa espécie começara com esta variedade étnica, mais tarde surgiu a variedade *recens* (*Homo sapiens recens*). Durante um certo tempo as duas coexistiram, povoando o Velho-Mundo.

Lembra-se que o primeiro período da *Era Quaternária* divide-se em *Pleistóceno Inferior*, *Médio* e *Superior*, e que se caracteriza pela sucessão de sub-períodos frios e 3 estágios intermediários relativamente temperados ou cálidos. Foi no decurso dos seus primeiros milênios que apareceu o Gênero Humano na superfície do planêta.

A começar da mais antiga, eis estas divisões do Quaternário num quadro esquemático, com as suas denominações próprias.

Era Quaternária	Período **Holocênico** 10 milênios	**Recente** 8/9 milênios
		Post-Glacial (intermediário)
	Período **Pleistocênico** A "Grande Idade do Gêlo" 1.000 a 800 milênios	4.ª Glaciação: **Würm** A "Pequena Idade do Gêlo"
		3.º Interglacial **Riss-Würm**
		3.ª Glaciação: **Riss**
		2.º Interglacial **Mindel-Riss**
		2.ª Glaciação: **Mindel**
		1.º Interglacial **Guns-Mindel**
		1.ª Glaciação: **Güns**

Sòmente o último sub-período do Glacial, *Wurm*, que os geólogos americanos preferem chamar *Wisconsin*, interessa diretamente a esta notícia. O *Wurm* tem sido comparado a uma pequena *Idade do Gêlo*, por isto que reproduz em miniatura o próprio *Pleistóceno* com os seus extensos e demorados avanços e recuos das áreas de glaciação; é a conhecida *Idade do Gêlo*.

recuos das áreas de glaciação; é a conhecida *Idade do Gêlo.*

Virifcou-se que neste sob-período ocorreram 3 invasões glaciais mais ou menos amplas, designadas por *Wurm* I, *Wurm* II, *Wurm* III, entre as quais se intercalavam os sub-períodos quentes que duravam enquanto os gelos se restringiam às calotas polares ou aos altos cimos das grandes montanhas. São dois êstes estágios de clima doce; ao primeiro se designa por *Wurm* I/*W*. II, (Peoriano) e ao outro por *Wurm* II/*W*. III.

Tanto na Europa como na América os sub-períodos frios

como os intercorrentes temparados têm comumente denominações especiais.

No quadro esquemático seguinte figura-se a sucessão dos sub períodos wurmianos com as suas denominações, a estimativa mais aceitável da duração de cada um em milênios e a denominação das culturas respectivas.

Quartenário		Holóceno	Enolítico Neolítico	Atual Metais — 10 M Post-Claciol — 20 M
	Pleistóceno Superior Würm ou Wisconsin	Mesolítico		Mankato W 3 — C → 25 M Pomeraniano — 28 M W2/W3 Two-Creecks — 32 M
		Paleolítico Superior		Taza Well-Cary W2 — C→36 M Weichsel — 42 M W1/W2 Peoriano na America: — 80W würm I na América: — C→80/90 M Iowa — 120M

C – Culminação Glacial, M – Milênio

A primeira invasão glacial do Wurm ocorreu há cêrca de 120 milênios.

Nos três períodos de glaciação, os gelos desciam dos focos polares e das altas montanhas, indo cobrir grandes extensões das terras e mares circunvizinhos; nos estágios inter glaciais, de duração muito variável, WI/W2 e W2/W3, os gelos retraíam-se mais ou menos consideràvelmente às calotas polares e aos cimos das montanhas.

A última culminação glacial no Wurm II, ou *Mankato* dos americanos, processada há cêrca de 25 milênios, seguiu-se o longo período de transição entre o *Pleistóceno*

e o *Holóceno* com a sua lenta deglaciação. As condições clímicas do *Holóceno*, que parece ser mais um estágio interglacial, têm-se conservado sensìvelmente inalteradas desde cêrca de 10 milênios.

Foi no decurso desta última glaciação plestocênica que apareceu, no interior da Ásia, a atual espécie humana, o *Homo sapiens*, sensìvelmente ao tempo em que desapareciam as outras espécies menos evoluídas do gênero.

Efetivamente, quando terminou o primeiro sub-período *wisconsiano*, denominado *Iowa*, e começou o enorme interglacial, conhecido por *Peoriano* na América e *Warthe* ou *Wurm I* na Europa, apareceram formas humanas muito semelhantes às que presentemente povoam o mundo. Isto é atestado por numerosos fósseis humanos ao lado de elementos de uma indústria lítica ainda bem rudimentar, mas característica, correspondente a *Aurinhaciense* da Europa. No fim dêsse interglacial e comêço do *Wurm* II (Tazawell-Cary ou Weichsel), ao que parece, conseguiam as primeiras formas da nova espécie certa difusão no Velho-Mundo, pois deixaram vestígios evidentes em tôdas as partes daquele continente; em *Combe-Capelle* na Europa, *Cape-Flats* na África do Sul, em *Cohuna* na Austrália, em *Wajjak* na Indonésia, etc.

Supõe-se com bons fundamentos que êste ser humano, ètnicamente muito homogêneo, porventura o brôlho fecundo de um paleoantropo oriental, impressionantemente parecido com os atuais australianos, razão por que traz a denominação de *australoide primitivo*, fôra na Ásia surpreendido pela rápida invasão dos primeiros gelos wurmianos, ficando confinado em grandes compartimentos territoriais por intransponíveis barreiras de gêlo, enormes e persistentes geleiras que cobriam as montanhas e altiplanos, relacionadas com as espêssas camadas geladas, que desciam dos núcleos polares de glaciação e invadiam extensas áreas subjacentes.

No comêço do Pleistóceno, ou melhor do Guns, supõem os mais conspícuos paleo-antropologistas por falta de provas concretas que nenhuma espécie de *Homo* existia; porém ao começar o Wisconsiano ainda vivia na Europa o *Homo Neandertralensis*, pro-

duto do Pleistóceno médio oriundo da Ásia, com a sua indústria *Munsteriense*, produto da evolução de culturas mais antigas (Prechelense, Chelense, Acheulense, etc.). Esta espécie habitava também a Ásia (Palstina, Mesopotânia, Ubsquistan), a Indonésia (Java), a África (Marrocos, Egito Rodésia). Presume-se que tenha derivado, através de longa evolução e mutação, do *Sinantropo* o homem do Mindel Riss que, evolvendo, mais tarde difundiu-se pelo Velho-Mundo. (2)

A longa segregação em amplos espaços dera lugar, como devia ser natural, a um comêço de diferenciação étnica. A enorme barreira gelada do maciço do Himalaia, prolongada pelos longos contrafortes da montanha projetados para leste até o sul da China e para o oeste até a Ásia Menor, dividia o mundo asiático em duas grandes porções: uma, ao norte, fria e sombria; outra, ao sul, quente e ensolarada. O resultado biológico mais impressionante desta divisão da humanidade durante muitos milênios foi a queda do índice de pigmento da pele dos povos boreais e, ao contrário, o aumento de pigmento da pele dos elementos humanos encantonados ao sul, especialmente concentrados na Índia. (2) Esboçavam-se assim dois tipos raciais: o de pele clara ao norte e o de pele escura ou negra ao sul.

Mas as grandes planícies do norte da Ásia, por sua vez, estavam separadas em duas secções pela barreira gelada da cadeia de montanhas *Tieno-Altaica*, que corria do Himalaia para nordeste e separava a China com a parte oriental da Sibéria da porção ocidental desta. Os dois compartimentos estanques do norte não tinham comunicação com a Europa porque um braço de mar, lagos gelados e a cadeia dos Urais constituiam uma barreira no extremo oeste da Ásia.

Três eram, pois, as áreas geográficas de segregação da humanidade. Nelas, cada grupo começou a evolver independentemente, diversificando-se conforme as condições cósmicas particulares de cada região e certas mutações genéticas que vingavam, generalizavam-se por homogênese e se fixavam definitivamente como caracteres raciais.

O calor do *Peoriano* abriu algumas brechas nas barreiras e por elas se escaparam levas de prisioneiros, milenarmente reclusos. Os egressos espalharam-se por algumas regiões da terra, vencendo por vêzes distâncias consideráveis.

Apresentavam então três ou quatro tipos antropológicos definidos. Na ordem cronológica de sua entrada na Europa, eram: 1) A chamada raça de *Grimaldi* que teria vindo da Ásia sul-ocidental e pela África, onde parcialmente se espalhara, alcançou o sul da Europa. Por enquanto, quase sòmente na península italiana foram encontrados seus fósseis; (3) tinha aspecto negróide, cabeça muito alongada e bem desenvolvida, arcadas supercilia-res não desenvolvidas; dentição semelhante a dos australianos. Representa um notável progresso étnico sôbre a raça de Neanderthal. 2) Segue-se a raça de *Combe-Capelle* que deve ser a mesma que, com pouca diferença, teria constituído o fundo étnico da sub-espécie de *Homo sapiens fossilis*, da qual as demais formas raciais derivam. (4) Os seus vestígios foram encontrados na Fran ça, na Tcheco-eslováquia, e Polônia, na Alemanha, na Inglaterra, na Itália e noutros sítios europeus, bem como também fora da Europa, na África meridional e oriental, na Indonésia e na Austrália. A universalidade das suas relíquias ósseas tão características justifica a crença de que teria êste tipo, notàvelmente afim do australiano atual, constituído a forma primitiva do *Homo sapiens*. Corrobora esta suposição o fato de ser *Combe-Capelle* o tipo étnico menos evolvido de quantos se conhecem integrando a nossa espécie. Embora tenham chegado a Europa os seus representantes depois da gente de *Grimaldi*, acredita-se que fôra o primeiro a libertar-se das prisões geladas da Ásia, no comêço do *Peoriano*, quando ainda o seu grau de diferenciação somática em relação ao tipo australóide inicial era bem pouco acentuado. Devemos lembrar que representantes dêste tipo poderiam constituir elementos australóides que ficaram ao sul da barreira do Himalaia, donde fàcilmente teriam emigrado e alcançado a África e a Europa. (4a) Homens de elevada estatura, dolicocéfalos e hipsicrânios, são por vêzes comparados aos de *Cro-Magnon* por notáveis pale-

ontólogos. 3) O terceiro tipo de *H. sapiens fossilis* que apareceu na Europa é o integrante da raça de *Chancelade*, cuja constituição arquitetônica lembra a do atual povo *esquimó* da Groelândia e do Labrador, sendo especialmente mais próximo do *Presquimó*. Era gente forte, robusta como o *Cro-Magnon*, de que se diferencia especialmente pela sua baixa estatura. 4) Finalmente, o 4º tipo é o desta raça de *Cro-Magnon*, gente forte, de elevada estatura e grande cabeça alongada, face larga e curta, arcadas supercilia-res salientes, ao lado das bases do nariz, que se abatem ràpida-mente para os lados e desaparecem por completo. Marcellin Boule diz que "ao lado do tipo puro de Cro-Magnon, importa anotar variedades, como a do homem de *Combe-Capelle*, de *Brunn* e de *Predmost*". (5)

Torna-se indispensável insistir sôbre que não resta dúvida quanto à origem asiática do *H. sapiens fossilis*, fato demonstrado com achados abundantes de restos de sua indústria específica naquela parte do mundo, ainda num estágio mais rudimentar ou primitivo do que os descobertos alhures, onde quer que representantes da espécie tenham vivido. Além disto foram achados na China vestígios dos negroides de Grimaldi e do homem do Cro-Magnon. Quando se desfizeram definitivamente as barreiras geladas do último sub-período wurmiano, no comêço do Post-Glacial e os grupos humanos, que tinham permanecido nelas por milênios segregados, conseguiram livremente difundir-se por novas terras e virgens regiões dos continentes, já aquelas formas do *H. sapiens f.* haviam dado mais um passo na cadeia da evolução e produzido a sub-espécie atual, o *H. sapiens recens*. (6)

Naturalmente, como consequência da segregação em três compartimentos, as raças se diversificaram, adquirindo caracteres próprios, relativamente fixos.

Referiu-se o eixo léste-oeste da grande barreira do Himalaia dividira a humanidade na sua quase totalidade em tipos de elevado e de baixo índice pigmentar. Aquêles deram origem às raças melanodermas, equatoriais, ou negras; êstes produziram as raças boreais, de pele clara, divididas em duas porções pela barreira

montanhosa Tieno-Altaica; uma a oeste a das raças *faiodermas;* outra a leste, a das raças *xantodermas* ou *mongolóides.*

Desde então, as três *raças primárias,* que se espalharam pela superfície acessível e habitável da Terra, desenvolveram um extenso e muita vez intenso processo de cruzamento, sobretudo importante, como era de esperar, ao longo do largo cinturão orientado pela velha e extensa barreira do Himalaia, e menos interessante, porém ainda muito importante, nas faixas que tinham por eixo a barreira secundára dos montes Tieno-Altáicos e a cordilheira dos Urais. Outras faixas secundárias de metamorfismo racial teriam existido no hemistério sul, mas estas não importam ao objetivo visado aqui. Destas zonas de miscinegação étnica saíram tôdas as formações raciais da humanidade atual e outras que não conseguiram subsistir, formações secundárias, terciárias, etc. (7)

O critério arqueológico, que tanto contribui para esclarecer a cronologia pré-histórica, considera a indústria remanescente dos velhos povos dividida em três períodos: 1) o *Paleolítico* ou o período da pedra lascada, por sua vez divido em *Inferior, Médio* e *Superior,* na ordem de antiguidade, enquadrado no primeiro período geológico da *Era Quaternária,* o *Pleistóceno;* 2) o período *Neolítico* a *pedra nova,* ou da pedra polida, desenvolvido no decurso do último estágio geológico daquela Era, o *Hóloceno* ou *Atual;* e, *finalmente,* 3) o que se interpõe entre os dois, representando uma fase cultural de limites pouco precisos, o *Mesolítico.* No Paleolítico localizam-se as indústrias primitivas e primárias, que não conhecem a cerâmica e a agricultura, as quais perduraram enquanto o engenho dos homens fôra sòmente capaz de confecionar instrumentos de pedra lascada. No *Neolítico,* caracterizado por uma franca indústria de artefatos de pedra polida ,prática agrícola e cerâmica, a humanidade preparava-se para ingressar numa era de civilziação, precedida pelas indústrias intermediárias do bronzt e do ferro (Eneolítico). Mas para alcançar os progressos do *Neolítico,* os últimos homens do *Pleistóceno,* no período *Post Glacial,* passaram por uma fase de hesitações e de esforços construtivos, de tentativas e de

ensaios muito variados; então, começa a aparecer um acêrvo de instrumentos líticos parcialmente polidos, uma cerâmica extremamente grosseira, agricultura rudimentar com a domesticação do cão, que constituem o resultado dêstes trabalhos, consequentes e estimulados pelo clima, que se ornava progressivamente menos rude, pela flora mais rica e propícia à vida humana e fauna mais abundante, porém exigente de armas menos rudimentares ou mais eficientes.

Por êste tempo, gente branca, dolicóide, originária provàvelmente da Sibéria ocidental, invade a Ásia-Menor e passa a ocupar progressivamente as margens do Mar Mediterrâneo. Domina as regiões onde se processava a velha cultura paleolítica chamada *Capsiense*, do *H. sapiens fossilis*, a qual desenvolve e melhora para produzir a do *Capsiense Superior*. Êste povo que tomou o nome do mar a cujas margens se instalou, mais tarde atravessa os Pirineus e se apropriou da Europa Ocidental a oeste do rio Reno, dando origem às novas culturas mesolíticas, sucessivas, conhecidas por *Aziliense* e *Tardenoisense*. Algum tempo depois, outros povos, também dolicóides, vindos ao que parece do norte da Sibéria, chegaram às margens do Báltico, e pelas costas alemãs, holandesas, belgas, francesas e ibéricas do Atlântico foram encontrar-se com os Mediterrâneos. Dêles derivam os povos nórdicos da Europa Sententrional; outro ramo de siberianos perlongando as ribas do Ártico deram os Hiperbóreos de tipo mongolóide. Êstes novos emigrantes eram portadores de uma cultura própria, especialmente relacionada com o mar; traziam um interessante elemento muito característico, e para nós particularmente curioso, os *kjokkenmoddings* (*sambaquis*) que são montículos de restos de cozinha; traziam também o cão domesticado. O Mesolítico, pois, dera à Europa duas grandes levas de povoadores dolicóides, emigrados da Sibéria.

Êste período arqueológico finda com o desenvolvimento da agricultura e da cerâmica, com o uso generalizado do arco e da flecha, e principalmente com o domínio da pedra polida, elementos característicos da cultura *neolítica*.

Foi no comêço dêstes novos tempos que surgira, na Europa, um tipo humano diferente, por ter a cabeça curta em relação ao comprimento; interpôs-se entre os povos dolicóides do sul e do norte. As primeiras levas desta gente braquióide, emigrada da Ásia Ocidental, estabeleceram as suas moradas, cheias de novidades, entre os morenos Mediterrâneos e os loiros Nórdicos. Fixaram-se especialmente em tôrno dos Alpes e por isto a sua raça tomou o nome de *Alpina*. Levas posteriores ocuparam a região dos Cárpatos, e deram origem à atual raça *Dinárica*. Presume-se com bons fundamentos que tais braquióides tenham originàriamente vindo da Ásia Oriental, berço do mongolismo. Eram portadores de uma bela cultura neolítica ou média. Construíam *palafitos*, plataformas armadas sôbre estacas ou pilares de madeira plantados nas lagoas, sôbre que edificavam as suas moradas. Possuíam canoas e eram bons pescadores.

Sabe-se que os povos dolicóides precederam aos braquióides. Admite-se que êstes fôram gerados na Ásia Oriental, a léste da barreira Tieno-Altáica, por mutações, quando se formaram as raças *protomongolóides*. Dali, grupos diversos dêste tipo teriam emigrado para a Ásia Central, donde se dispersaram, tomando vários destinos. Cada corrente divergente, evoluindo de acôrdo com a resultante das ações genéticas ou internas, do meio cósmico e dos cruzamentos eventuais com elementos estranhos, formaram raças secundárias diferentes. Uma importante corrente do *protomongolóides* encaminhou-se para S-E do continente e foi produzir os *Premalaios* desta região bem como os da Indonésia. Nestas ilhas encontraram populações autóctones do tipo primitivo (australóide), que tiveram de dominar e com que teriam escassamente cruzado antes de formarem os verdadeiros Protomalaios, que interessam particularmente ao povoamento americano. A sua cultura média ou neolítica tomou na Indonésia notável progresso; desenvolveu acentuada tendência agrícola e notável dinamismo que os levou a uma grande expansão oceânica. Isto explica a rápida ocupação de tôda a Indonésia, da Micronésia e da Po-

linésia, infinitas ilhas semeadas num mar quase infinito; proeza realmente extraordinária para um povo não civilizado.

Depois, já no dealbar da civilização oriental, povos oriundos do Noroeste da Índia, certamente do vale do INDUS, relacionados com os do Irã, proximo, onde se amalgamara uma cultura pré-histórica de gente branca, com influência sumeriana (protoários), chegaram às ilhas da Polinésia; e ali, cruzando com os protomalaios, deram origem aos atuais habitantes daquela região oceânica. Senhores de uma alta cultura, com duas classes sociais bem distintas, a dos ARII, superiores ou senhores, e a dos MINAHUNE, servos; com monumentos megalíticos, escultura, cidades e uma especial capacidade estado-poética, mais tarde particularmente desenvolvida no território americano.(8)

Estas sumaríssimas noções simplificam e facilitam a compreensão e o desenvolvimtnto lógico do complexo problema do povoamento pré-europeu do continente americano. (9)

Ainda uma vez, para condensar o mais possível êste resumo, vamos formular alguns princípios fundamentais, definitivamente estabelecidos em vista das investigações mais recentes, porém ainda pouco divulgados. Prescindem de considerações ou demonstrações.

I — Não há e nunca houve homogeneidade étnica e cultural entre os indígenas do Novo-Mundo. Isto indica origens diferentes.

II — Os primeiros homens que chegaram à América eram já indivíduos da atual espécie do HOMO SAPIENS. Representavam porém a forma primitiva desta espécie, isto é, pertenciam aos elementos que constituíam o fundo étnico da humanidade atual, ainda não diferenciada em raças como presentemente. (10)

III — Êstes pioneiros chegaram à América pelo caminho do estreito de Bering, no último sub-período do Pleistóceno, um pouco antes da derradeira sub-glaciação wurmiana, numa ocasião em que a península de Alasca estava ligada à Ásia por uma língua de terra firme. Tais fatos teriam acontecido três vêzes

nesse sub-período e outras tantas nas culminações glaciais do começo da era Quaternária.

IV — Está demonstrado pela autropologia, pela etnologia e pela liguística que, além dos elementos referidos, oriundos do norte e nordeste da Ásia, entraram no Continente Ocidental elementos de outras procedências (Rivet).

V — A evidência de elementos australóides, melanóides e protopolinésios na América não significa que se trate de tipos étnico-culturais idênticos aos dos atuais povos indígenas da Austrália, Melanésia ou Polinésia, mas simplesmente de gentes que tinham, em tempos remotos, relações com os mesmos tipos étnicos arcáicos de que surgiram aquêles oceânicos.

VI — Nem todos os contingentes migratórios que contribuiram para o povoamento pré-colombiano do Novo-Mundo chegaram por um caminho terrestre. Alguns, os que constituiram os últimos grandes grupos migratórios, aportaram por via marítima ou paramarítima.

VII — Os diversos contingentes chegados à América não traziam o espírito ou a intenção de conquista ou de colonização; chegavam em consequência da difusão espacial de povos que se formaram no norte ou no oriente asiático e se dispensavam especialmente por motivos de sua economia coletora, muito primária, extraordinàriamente exigente de grandes áreas geográficas.

VIII — Existem um curioso paralelismo étnico-cultural e relações especiais de carácter cronológico e de outra natureza, que se vão esclarecendo modernamente, entre o povoamento inicial do continente americano e o povoamento dos demais continentes, no que se refere à espécie atual da humanidade.

Estabelecidas estas indicações preliminares, chega a aportunidade de extrair ou deduzir sumàriamente do conjunto de dados acumulados, das teorias e das hipóteses razoáveis modernas acêrca do povoamento americano o necessário e apenas suficiente material para a organização de um quadro sintético que encerre todos os elementos úteis ao nosso objetivo. O empreendimento nada tem de simples e fácil, requer a consulta exaustiva, minuciosa e

sobretudo cansativa de uma infinidade de obras, revistas, artigos ou ensaios dispersos, muitas vêzes pouco acessíveis, em línguas diferentes.

Sabemos que o processo do povoamento pré-colombiano da América não foi contínuo, seguido em espaços breves e regulares. Aprendemos já, também, que o conjunto de imigrantes oriundos de uma mesma região étnica do Velho-Mundo, numa determinada época, composto de elementos humanos somática e culturalmente homogêneo, não ingressou em massas volumosas. A cada um dêstes conjuntos chamaremos *Corrente migratória* como outros já o fizeram.

É evidente que tais correntes não são numerosas embora algumas tivessem sido extraordinàriamente grandes. Mas, estas mesmas correntes não entraram no Continente num afluxo contínuo; fizeram-no em *vagas* successivas, desigualmente espaçadas e desigualmente volumosas. Muitas se compunham de um número mais ou menos avultado de famílias ou mesmo de indivíduos, caçadores ou navegantes que se apartavam de seus pagos por motivos diversos, porém geralmente relacionados com a ordem econômica, como, por exemplo, a diminuição da capacidade produtiva do território explorado pelas tribos, ou melhor pela hipertrofia do grupo social em relação com a capacidade produtiva territorial, fonte da nutrição. Eram como enxames de abelhas que se desprendiam da colmeia e tomavam rumos diferentes em busca de novas áreas por explorar. Difundiu-se assim pelos continentes a espécie humana. É possível que algumas vagas fôssem reduzidas a poucas famílias ou a pequenos grupos de indivíduos. Pode-se mesmo admitir que certas, sobretudo das que integravam a última corernte, nem sempre traziam mulheres. Êstes grupos de homens, ao aqui chegarem e ao se fixarem no continente, teriam de recorrer às mulheres dos que já de muito se tinham estabelecido. Dêste modo, tais elementos, ordinàriamente se incorporavam às tribos nativas.

Quando o itinerário era terrestre, a marcha devia ser lenta e interrompida frequentemente em certos lugares, conforme a

amenidade da região, a abundância da caça e o afastamento de concorrentes humanos.

Se o caminho era marítimo, provàvelmente também seria mais ou menos demorada ou interrompida nas estações intermediárias, exigidas para repouso ou abastecimento dos barcos, nas ilhas oceânicas ou nas praias do continente asiático ou mesmo do continente americano.

Sem dúvida, em tão dilatado trajeto, as vagas humanas estariam sujeitas mais ou menos a sérias modificações estruturais, étnicas e culturais. Isto dependia da situação social dos povos com que entravam em contacto, e dêste mesmo contacto, que podia ser mais ou menos demorado ou íntimo. Acreditamos que certas vagas de origem indonesiana experimentaram um sensível refôrço de mongolismo no trajeto, antes de cnegarem a terras americanas.

Esta influência poderia ter sido cultural ou mesmo racial.

* * *

Quando as barreiras geladas do *Iowa* dividiram a humanidade asiática em três secções, um curioso e relativamente evoluido tipo étnico, com traços australóides, estava espalhado pela superfície terrestre, isto é, pelo continente Ásio-euroafricano.

Motivos especiais deixam crer que êste tipo devia constituir a base comum da nova espécie humana, da qual divergiram mais tarde os antigos elementos raciais do *H. sapiens*.

Três vêzes durante o Wisconsiano, nas épocas de glaciação, o atual estreito de Bering transformara-se numa língua de terra firme, ligando o NE. da Ásia ao NW da América. As enormes e espêsssas camadas de gêlo que cobriam grandes extensões da superfície terrestre retiravam então dos mares tão grande volume de água que o nível baixava de algumas dezenas de metros. Já se calculou que esta queda de nível marinho chegara a atingir cêrca de 200 m. na última glaciação, descobrindo em tôrno dos continentes certa extensão de terra agora normalmente mergulhadas. (11) No

mar de Bering as terras emergidas gozavam de temperatura relativamente menos rudes mercê da corrente marinha quente do Japão ou Kuro-Sivo que contornava as costas meridionais. Quando êste fenômeno ocorreu na segunda glaciação Wurmiana, o *Tazawell-Cary* (Wurm II), numerosas levas de caçadores siberianos passaram da Ásia para a América. Isto teria ocorrido entre 40 e 30 milênios pretéritos. (12)

Nos períodos de glaciação nem tôdas as terras do norte e nordeste da Ásia, do norte e noroeste da América se cobriam de gelos, ao passo que todo o leste e sul do Canadá e largas extensões dos Estados Unidos da América do Norte ficavam sob espêssas massas geladas.

Naquele tempo a população asiática era constituida de australóides primitivos, caçadores que se alimentavam especialmente de carne dos grandes mamíferos quaternários, agora geralmente extintos. Perseguindo a caça, que também emigrava do Velho para o Novo continente, êstes rudes selvagens penetravam no território do Alasca, em levas sucessivas; e o afluxo continuou até que a temperatura se elevou suficientemente, no último interglacial, *Two-Creecks* (W2/W3). e o degêlo consequente, restituindo ao mar grande parte da água que o Wurm II dêle retirara, restabeleceu o estreito. Mas, então, uma considerável população ter-se-ia acumulado, durante alguns milênios, no vale fértil e isento de gelos do rio Yukon e em terras do extremo norte da América não atingidas pela glaciação, onde a caça também se recolhia. (13)

Ao mesmo tempo que o estreito, pela elevação das águas marinhas, cortava o caminho da Ásia, um largo corredor se abria nas camadas do gêlo ao sul do Canadá, separando as geleiras das montanhas Rochosas dos campos gelados de léste (Labrador e Hudson). Agora, um caminho ligava o sul do vale daquele rio do Alasca com as grandes planíces americanas, estendidas entre as referidas montanhas e o vale do rio Mississipe, onde a vegetação e o clima propício acumularam durante o Pleistóceno Inferior e Médio variada fauna de grandes mamíferos.

Por êste corredor encaminhou-se a caça do norte e os caçadores empós, indo estabelecerem-se naquelas fartas campinas, no coração da América do Norte. Isto teria ocorrido entre o 30º e 26º milênios, naturalmente antes que a última sub-glaciação, no Mankato, fechasse pela derradeira vez o caminho através do Canadá. Desta maneira, entrara definitivamente na América, uma *primeira corrente* de imigrantes asiáticos talvez, a mais volumosa de quantas ingressaram no Continente. Embora o fluxo durasse alguns milênios, as levas sucessivas compunham-se sempre da mesma gente, a forma primitiva do *H. sapiens fossilis*, australóide, dolicocéfala, hipsicrânia, de elevada estatura. Trazia uma cultura semelhante à aurinhasense da Europa, mas, de caráter ainda mais rudimentar.

Estes australóides primitivos, como vimos, se tinham espanhado pelo Velho-Mundo. Na Europa os seus mais lídimos representantes eram os homens da chamada raça de *Combe-Capelle*, tão semelhante ao célebre tipo de *Cro-Magnon*. (14) Na África, na Ásia e até na Austrália têm-se achado os seus vestígios.

O substrato do homem atual é o mesmo por tôda a parte. Isto, aliás, era muito natural, observa um ilustre antropologista, pois, ao tempo que êstes fatos se desenrolavam, um extremo e o outro da grande massa continental Euro-asiática, sòmente podia receber a única forma existente do *H. sapiens*, oriunda do único centro de dispersão, as paragens centrais do maciço asiático.

Então, realmente, não se haviam plasmado as raças primárias da humanidade atual, a branca, a amarela e a negra.

A *primeira corrente* imigratória assentou as suas tendas ou cabanas muito tôscas no centro dos Estados Unidos da Norte América, nas proximidades da boca daquele corredor da acesso. Dali, paulatinamente, os seus representantes se difundiram primeiramente, pelas zonas do continente livres de gelos e depois se assenhorearam dos terrenos que os últimos gelos do *Mankato* foram desocupando. Na América do Norte antigos testemunhos desta gente primitiva têm sido revelados. Ora são de pedra ou

de osso, ora são raras relíquias osteológicas, os restos de sua indústria distribuídos tanto nas regiões orientais, até a península da Flórida (crânios de Vero e de Melburne), como nas costas do Pacífico; e daí, pelo México, rumo sul, até a América Central.

Através do ístmo do Panamá, então fàcilmente acessível, os austrolóides alcançaram a América do Sul (15). Os crânios de Tunebos, na Colombia; de Paltacalo, no Equador; da Lagoa Santa, no Brasil; de Colonel, no Chile e de Arrecifes e Fontezuelas na Argentina lhes pertencem e atestam a sua larga difusão.

As suas atividades cinegéticas os levaram de um a outro extremo do Novo-Mundo em alguns milênios.

Presume-se que as primeiras levas chegaram à América do Sul ha cêrca de 20 milênios; do 28º ao 8º antes do presente momento decorreram os 200 séculos gastos pelos primeiros povoadores para dominarem a América, um continente que encontraram virgem de sêres humanos e portanto à sua descrição. Não eram colonizadores, nem outro propósito os conduziu a estas plagas mais do que uma natural difusão no espaço, movida, como acontece com as espécies animais, por necessidade imediatas da luta pela vida. Não chegaram nem se espalharam em grandes massas; apoderam-se do território pouco a pouco, marchando lentamente, no transcurso dos séculos.

A cultura dos povoadores pioneiros devia ser extremamente primitiva. Caçadores nômades, constantemente no encalço da caça movediça, faltavam-lhes lazer para atividades menos prementes, e por isto não dispunham de muita cousa mais do que a essencial para abater os grandes mamíferos ou o que se podia aproveitar, como alimento, da fáuna pleistócena menor.

As pontas de pedra que chegaram até nós indicam que não se empregavam em flechas mas em lanças, que os homens arrojavam sem o auxílio de nenhum engenho propulsor; faltavam o arco, a flecha e a estólica, mas seguramente possuiam armas bumerangóides.

Pode-se fazer uma boa idéia desta cultura pelo material lítico achado em Sândia Cave, Abilene, Ventana. Folsom, Cochise, etc. regiões situadas na parte ocidental da América do Norte; nas grutas da Lagoa Santa, no centro do Brasil, e nas cavernas da Patagônia austral. Os mais velhos elementos constam das chamadas culturas de Sândia Cave e Folsom, no Estado do Novo-México (Estados Unidos), próprias do povo que ali se instalara antes do *Mankato* e vivera até o declínio desta glaciação, há cêrca de 28 milênios. Compreende material lítico que recorda o do Solutrense da Europa. São bem conhecidas as célebres pontas de Folsom. fôlhas de pedra, grandes e delgadas, relativamente bem trabalhadas, com uma larga ranhura longidudinal e base fulcral. Prêsas ao tôpo de uma forte vara, formavam os primitivos um dardo destinado a ser lançado contra a caça grande. Fôra encontrada uma destas pontas incrustada numa vértebra de bisão extinto. Não são menos interessantes as pontas de Yuma, contemporâneas dos últimos dias de Folsom, longas e delgadas, encontradiças do Alasca até o Taxas e Novo-México. As de Sândia, que foram confeccionadas pouco depois da chegada das primeiras levas de dolicóides, apresentam aspecto relativamente mais grosseiro. Caracterizam-se por um pedúnculo basilar lateral que facilita o ajustamento e engaste à haste de madeira. Êste imperecível material teria sido elemento das atividades culturais primeiramente desenvolvidas no solo americano, aquém do Alasca. Os achados de Folsom já indicam certo aperfeiçoamento.

Na Patagônia austral as pontas líticas, descobertas na camada mais antiga dos sedimentos das grutas exploradas por Bird e sua mulher, são algo semelhantes as de Sândia. Isto mostra que os primeiros povoadores do sul do continente teriam sido descendentes diretos das primeiras levas que emigraram das planícies norte-americas, pouco depois de haverem transpôrto o corredor aberto nos gelos canadenses do Wurm II.

Em geral, por tôda a parte onde se caracteriza esta arcáica cultura, encontram-se também furadores e raspadeiras de pedra

lascada e alguns raros objetos de osso. Faltavam aos primeiros habitantes dêste continente, como já se referiu, o arco e a flecha; provàvelmente também o propulsor, arma antiguíssima que teve mais tarde enorme difusão na América. O machado de pedra era extremamente tosco.

Depois que os gelos da última subglaciação se retraíram aos seus focos, a léste e a oeste, deixando aberto novamente o corredor canadense, chgaram às grandes planícies do centro dos Estados Unidos novas levas de um povo primitivo, somàticamente um tanto diferente do que constituira as vagas anteriores. Eram emigrantes da Sibéria que tinham transpôsto o estreito de Bering durante o *Mankato*, num momento propício, e se haviam estabelecido no norte do Canadá e no vale do Yukon, como os seus antecessores já o tinham feito milênios antes. Êstes novos povoadores eram também dolicóides, mas deferiam dos primeiros por que tinham a abóbada craniana menos alta e mais modesta estatura. Por outro lado, a sua cultura, ao que parece, seria bem pouco diferente. Presume-se entretanto que teriam trazido o propulsor e um machado de pedra menos rudimentar, faltam elementos materiais para estabelecer definitivamente êstes fatos. Tais dolicóides camecrânios ao alcançarem as grandes planícies encontraram ainda hipsicrânios da *Primeira Corrente*, ali chegados a uns 6 ou 8 milênios antes e já largamente difundidos pelo continente. Naturalmente, esta nova contribuição humana não foi grande por isto que dispôs de pouco tempo para transpor o estreito, visto como a duração do último subperíodo glacial do Wisconsiano foi relativamente curta.

Em contacto com representantes daquela primeira corrente, os desta, que constituem a nossa *Segundo Corrente*, visto tratar-se de gente somàticamente diversa e chegada em época diferente, deram, num grau impossível de precisar um crusamento que teria por feito imediato o aparecimento de gente dolicocéfala com moderado hipsicranismo e estatura média compreendida entre as que caracterizavam os dois tipos conjugados.

Os recém chegados, como os seus antecessores. logo começaram a emigrar das planícies em busca de regiões desocupadas e mais propícias ao seu modo de vida.

Sem dúvida, a reduzida diferenciação física dos homens desta segunda corrente e sua cultura assás semelhante a dos primeiros invasores não permitem, no atual estado dos nossos conhecimentos, seguir cautelosamente a difusão isolada das levas respectivas ou dos seus mestiços, motivo por que é mais prudente considerá-los conjuntamente com aquêles. Para nós especialmente isto oferece vantagens imediatas, porquanto, desta segunda corrente não há conhecimento de levas puras na América do Sul; todavia, algumas vêzes se deparam seus vestígios entre as populações oriundas dos pioneiros, quer de caráter somático (redução da estatura e da altura da cabeça), quer cultural.

Por êsse mesmo tempo, quando as últimas culminações glaciais do *Wurm* e o interestágio cálido as separava, entre o 45º e o 30º milênios pretéritos, os primeiros representantes autênticos do *H. sapiens*, surgiram e se espalharam pela África e pela Europa. Neste amplo interrégno foi também quando ocorreu o povoamento inicial da Nova-Guiné, Austrália e Tasmânia; australoides primitivos, saídos da India, ou das grandes ilhas indonesianas, acharam o caminho daquelas remotas paragens. Talvez êste caminho não fôra tão fácil como o da América. Embora o nível do mar tivesse caído bastante nos subperíodos de culminação glacial (Tazawell-Cary e Mankato), não sabemos com segurança se o fôra suficientemente para que os estreitos entre aquelas ilhas, que balizam o caminho da Nova-Guiné, tivessem permitido o acesso a pé enxuto ou de tal maneira vadeável que os emigrantes não precisassem mais do que tôscas jangadas. Parece que as primeiras levas migratórias, compostas dos elementos humanos menos evoluídos da nossa espécie, teriam alcançado os lugares mais remotos do ponto de acesso às grandes ilhas, como a região sul oriental da Austrália, a ilha da Tasmânia, etc. Os contingentes que chegaram depois, mais evolui-

dos, pouco influiram no processo étnico-cultural dos primeiros ádvenas e seus descendentes que se conservaram como amostras vivas de um quadro antropológico representando a aurora da nossa espécie. São êstes justamente os povos mais semelhantes aos que no paleolítico chegaram à América e cujos remanescentes mais lídimos se encontram ainda no extremo sul do continente e em alguns outros raros lugares.

Decorre do que se acaba de relatar que duas correntes de povoadores dolicóides, de origem siberiana, entraram na América durante o *Paleolítico Superior*, ou mais preciasmente nos últimos subestágios do *Wurm*.

Prosseguindo o degêlo do Mankato e já não havendo barreiras geladas que obstassem a disseminação das raças primárias do *H. Sapiens recens*, em franco e adiantado processo de formação, observa-se uma decisiva tendência para a criação de novos tipos culturais, que se vão aproximando cada dia, do que caracteriza o *Neolítico*, idade ou período da "pedra nova" Surge uma cerâmica muito rudimentar. ensaios esparsos da mais primitiva agricultura e um mais persistente uso de utensílios de osso. Êste novo período, com um caráter evidente de transição, denominado *Mesolítico*, assinala-se na África, na Europa, na América e na Ásia, onde se presume tenha tido origem e de onde se expandira com emigrações humanas dessa parte do mundo.

Ao longo das antigas barreiras, começara um amplo e intenso processo de cruzamento das raças primárias. Largo cinturão estendido no sentido do trópico de Câncer e não muito distante é o teatro de uma vasta experiência biológica de micigenação, de que resultam novos tipos étnicos, ou raças secundárias. Isto teria também acontecido ao longo das desfeitas barreiras transversais, como a Tieno-Altaica, ao Norte e outras alhures embora em proporções bem mais modestas.

Nada mais podia impedir que no centro da Ásia entrassem em contacto elementos braquióides das primitivas raças mongolóides, geradas na região oriental do continente, com elementos

faiodermos, dolicóides, das raças formadas ao ocidente da barreira Tieno-Altaica, em território possìvelmente siberiano. Dêste centro de micigenação partiram para o norte grupos de caçadores, levando uma cultura mesolítica, naturalmente recebida daqueles braquiódes. Êstes grupos foram as origens dos povos chamados *Paleosiberianos*, gente mais ou menos cruzada, caráter que ressalta do estudo antropológico das suas atuais formações étnicas: enquanto os *Yucaghiros* são mesocéfalos e tem altura craniana média, os *Chukchis* se revelam dólico-hipsicrânios. Outros exemplos ao par dêste demonstram realmente que os *pelaosiberianos* não oferecem homogeneidade étnica; não sendo, pois de admirar os casos observados de dissociação de certos caracteres raciais em povos oriundos de seu seio.

Aquêles grupos de caçadores, que emigraram das regiões centrais do continente para o norte, alcançaram as margens do oceano Ártico, onde, mercê das circunstâncias mesológicas, se transformaram em caçadores de mamíferos marinhos, adaptando-se à vida ribeirinha de mar frio. Mais tarde, ainda no Post-*Glacial,* iniciou-se a difusão desta gente para oeste e para léste, ao longo do litoral siberiano. Os elementos que se encaminharam para o ocidente chegaram a Europa com a sua cultura mesolítica do tipo setentrional. Os que seguiram para o oriente alcançaram o extremo NE do continente e, ao que parece, pela cadeia das ilhas Aleutinas e mais tarde pelo Estreito, com o auxílio dos seus primitivos barcos, construídos com uma armação de madeira revestida de peles, passaram às terras americanas. Ocuparam as costas do Alasca no Pacífico e depois, no Ártico, as do Canadá. Êstes povos desceram também pelas costas do Nordeste do Novo-Mundo. Não há consequentemente que estranhar o dimorfismo somático da velha população localizada nestas costas dada a sua origem paleoasíatica. A arcáica população *protoesquimó* já não existe desde muitos séculos; seus descendentes constituem: 1) os *esquimós históricos* que ocupam as costas norte e nordeste do Canadá e da Groelândia, e 2) as populações dolico-hipsicéfalas que ressurgem aqui e ali entre os *Noroestinos* atuais. Pre-

sume-se com boas razões que, dali, grupos dêste último tipo, porventura com alguma mistura de sangue australóide, continuaram perlongando as costas do Pacífico para o sul e foram ter ao extremo meridional do continente. O ramo oriental, continuou pelo litoral europeu e alcançou o mar Báltico. Uma parte produziu os habitantes *hiperbóreos* e outra, talvez reforçada com sangue faiodermo de origem siberiana, foi dar as populações, cujo conjunto constitui os atuais povos Nórdicos da Europa, de gente branca, loira, fortemente dólico-hipsicrânia e de alta estatura. Assim, pois, em princípio, da dissociação étnica resultaram dois tipos dolicóides; os que desenvolveram a conhecida cultura *Maglemose*, cujos vestígios se encontram no norte europeu da Escócia até a Filândia com os seus ostreiros; e o que continuou com a caça marinha ártica, hibitantes litorâneos, com a sua cultura ártica.

Igual fenômeno processou-se na América. Originaram êstes povos mesolíticos: 1) gente de tipo mais arcáico, dólico-hispsicrânia e 2) gente de tipo mais moderno, meso-camecrânia,

Esta TERCEIRA CORRENTE de povoadores americanos teria, consequentemente, trazido das regiões centrais e norte da Ásia os ancestrais dos *Esquimós* e dos *pre-noroéstidos* que, pelo litoral, contornaram o continente, deixando em vários lugares vestígios de sua estrutura óssea e da sua indústria mesolítica característica. Os primeiros não interessam ao povoamento inicial do Brasil, mas, os segundos que, depois de darem a volta a Patagônia austral, alcançaram as costas do Atlântico e por elas vieram às praias do Brasil, inclusive as do Ceará e de outros estados do Norte, merecem especial consideração.

Na Europa, sòmente depois que apareceram as populações dolicocéfalas no sul e no norte é que chegaram ao centro as populações braquicéfalas — *Alpinos* e *Dináricos*, portadores da cultura nìtidamente *Neoltica*. Cousa semelhante e paralela ocorreu na América; depois dos *paleolíticos australoides*, dolicocéfalos, e dos *mesolíticos mesocéfalos*, é que chegaram os *neolíti-*

cos braquicéfalos, constituindo a nossa QUARTA CORRENTE de emigrantes do Velho para o Novo-Mundo.

Sabe-se que a braquicefalia naseeu com os povos *premongolóides* ou amarelos na Ásia Oriental. Dali, emigraram para o centro, para o leste (Ásia Menor) e para o norte (Sibéria) as primeiras levas que constituíram a remota origem dos braquióides da Europa. Dali também saíram posteriormente numerosos grupos de *paleomongolóides* neolíticos que se encaminharam para o sueste do continente e foram gerar os *protomalaios* daquelas região asiática e da Indonésia. Calcula-se que as primeiras dispersões destes mongóis não sejam anteriores ao 8º milênio pretérito, talvez mesmo menos; poderiam ser talvez situadas entre aquêle e o 6º.

Na Indonésia, os *paleomongólicos* encontram velhas populações do tipo australóide, operou-se uma discreta mestiçagem, com larga preponderância das qualidades somáticas dos invasores que, não sòmente impuseram a sua cultura, como desenvolveram consideràvelmente certos elementos, que o meio insular e tropical parece haver estimulado.

O produto étnico resultante foi o *protomalaio*, gente extraordinàriamente dinâmica que adquiriu enorme capacidade expansionista e conseguiu dar notável incremento às suas velhas práticas agrícolas. Tornaram-se também estes *protomalaios* hábeis navegantes, dispondo apenas das suas canoas monóxilas, a que ajustaram balancins laterais, obtendo por êste meio um apreciável aumento do poder de navegabilidade e do raio de ação de barcos tão rudimentares. Conseguiram com tais recursos ocupar ou pelo menos levar a sua influência a todo o arquipélago indonesiano, a quase tôdas as ilhas oceânicas, inclusive as da Micronésia e a grandes extensões das costas continentais da Ásia no Pacífico. Para o ocidente, atingiram a grande e longínqua ilha africana de Madagascar; para o oriente foram à não menos afastada ilha da Páscoa, situada não muitas milhas da costa chilena.

O estudo do aspecto somático dêste povo, da sua cultura típica e das suas exraordinárias aventuras expansionistas na

amplidão do Pacífico conduz naturalmente à convicção de que teriam também atingido as costas americanas, barreira oriental daquele oceano, lançada de polo a polo.

O que não permite dúvida é que a QUARTA CORRENTE de emigrantes do Velho-Mundo para terras americanas, tem as suas raízes neste povo mestiço do sudeste asiático. O problema que se discute é o do seu itinerário para chegar ao nosso continente: marítimo ou terrestre?

Referindo-se ao que chama povo "malaio-polinésio, o sábio americanista Dr. Paul Rivet escreve: "Para um povo capaz de empreender a extraordinária aventura de descobrir a maioria das ilhas do Pacífico, a de chegar a costa americana teria sido cousa relativamente fácil. E, pensando bem, até seria surpreendente que não o houvesse feito". O parentesco antroplógico, etnográfico e linguístico entre ameríndios e oceânicos que êste ilustre sábio francês soube tão bem demonstrar, é realmente impressionante; deve-st, porém, entendê-lo de modo relativo e restrito, Importa atribuí-lo especialmente, de um lado, aos elementos humanos que constituiram a QUARTA CORRENTE de povoadores americanos e, de outro lado, aos seus descendentes no território continental. Observa judiciosamente o professor Salvador Canals: "É entre êstes Protomalaios que temos de achar os componentes da corrente imigratória que trouxe à América o braquicefalisimo e as culturas do tipo médio ou neolítico".

Para o Dr. José Imbelloni, êste povo constituía a sua *quarta corrente* imigratória. Compõe-se de gente da Malásia, de baixa estatura e cultura neolítica, semelhante aos pré-indonésios. Teria chegado, como admite Rivet e Canals, por via marítima. Os seus descendentes americanos são os precursores dos Brasílidos.

Nesta questão parece importante não confundir os *protomalaios* de 4 a 5 milênios A. C. com os atuais habitantes da Polinésia, os quais, depois daquele tempo, experimentaram a influência étnica e cultural de vários povos estranhos, nomeadamente de gente branca do Irã, industânicos, semitas da India etc. O estudo comparativo dos elementos étnico-culturais americanos há

de ser feito com as relíquias, ainda apreciáveis, dos antigos *malaios*. Importa procurar os representantes desta velha gente em certas regiões interiores das grandes ilhas ou nos recônditos refúgios de algumas zonas continentais, onde outrora êles dominaram. Os mais genuínos representantes dos *premalaios* são atualmente os *Toradias* das Celebes, os *Dayaks* de Borné, os *Gavos* e *Bataks* de Sumatra, os *Igarotos* e *Ifugáos* das Filipinas, os *Nagas* e *Pilaugs* da Índia e poucos outros remanecentes em via de extinção.

No litoral americano do Pacífico, observa Canals, zona que apresenta população mais largamente aparentada, étnica e culturalmente, com os protomolaios, está na região que se estande ao longo do ístmo do Panamá e costas da Colômbia. Isto induz a suposição bem fundada de que naquelas costas teriam de preferência aportado os protomalaios invasores, em vagas sucessivas. Choca-se a opinião dêstes eméritos investigadores com a do competente americanista E. Nordenskiold, sempre disposto a duvidar de qualquer imigração vinda através do oceano Pacífico. Suas ponderações oferecem um impressionante fundamento, deixando pelo menos alguma dúvida quanto ao itinerário marítimo desta QUARTA CORRENTE. Isto nos leva a admitir uma hipótese conciliatória que requer ponderação e estudo. Embora tenhamos como possível a circunstância de tão hábeis navegantes haverem chegados às costas americanas por via marítima; permita-se também admitir que poderiam ter chegado perlongando as costas asiáticas, a cadeia das ilhas Aleutinas e até mesmo largos trechos das costas continentais do Novo-Mundo até a América Central. O mais sério obstáculo àquela hipótese está na dificuldade de admitir a possibilidade da travessia do Pacífico em canoas, mesmo munidas de balancins. Daniel Brinton não julga prováveis as duas hipóteses, mas lhe parece aquela ainda menos digna de crédito. Em geral os americanistas estadudinenses só concebem o caminho único do estreito de Bering. Ora, sabe-se que os *protomalaios* levaram a sua influência às costas

chinesas, às ilhas japonêsas, e destas paragens às costas americanas o esfôrço de navegar seria bem pouco. Para gente tão dinâmica não é lícito duvidar das suas excursões paramarítimas ao longo daquelas costas, por etapas perfeitamente compatíveis com as suas possibilidades náuticas.

O tipo físico dos primeiros *mongolóides* de origem oceânica que contribuiram para o povoamento da América era: estatura relativamente baixa, braquicefalia mais ou menos acentuada (índice cefálico superior a 83), camecrania e mesorrinia pronunciadas.

Os traços mais caracteríticos da sua cultura nìtidamente neolítica são: construção de *mounds*, montículos de terra de forma variada; agricultura cuidadosa, cerâmica por vêzes artística, sedentarismo com moradas de diversos tipos e tamanho, convindo salientar os *palafitos* (também existentes na cultura neolítica da Europa), fabricação de tecidos, trançados e rêdes para dormir; armas típicas como a zarabatana; arco e flecha bem trabalhados; a canoa monóxila. No setor social, importa referir o matriarcado (predomínio econômico e doméstico da mulher) e o consequente avunculato, por isto que, nas culturas baseadas no cultivo do solo, reservado especialmente à mulher, esta se tornava responsável pelo abastecimento alimentar de origem vegetal. Dêste jeito, o cônjuge feminino assumia notável importância social nos negócios domésticos e familiares. No quadro religioso domina o animismo e a magia, com as suas consequências, inclusive o prestígio do *shamane* (pagé dos tupis), as práticas funerárias e o canibalismo ritual.

Tendo alcançado as costas centrais e ístmicas da América, os *protomalaios* não arrefeceram o inicial dinamismo expansionista; logo procuram internar-se pelo continente, o que lhe fôra relativamente fácil com o auxílio das suas embarcações (canoas) adaptadas à navegação fluvial. Encontraram, ao contrário do que ocorrera na Oceânia, o território habitado. Viviam aqui povos

de cultura inferior, paleolítica e mesolítica. Isto permite acompanhar de algum modo, no espaço, a difusão dos novos imigrantes, seguindo os vestígios da sua cultura especial, perdidos ao longo dos caminhos. Grupos braquicéfalos dirigiram-se para o nordeste e sueste da América do Norte, alcançando as costas orientais e a Flórida; na América do Sul caminharam para leste e para sueste, indo dominar a totalidade da bacia amazônica, grandes extensões da do Paraguai e as regiões costeiras do oriente, acima da embocadura do rio da Prata.

QUINTA CORRENTE. Um último, o menor contingente imigratório, porventura reduzido a grupos de navegantes desgarrados e arrastados pelos ventos e correntes marinhas, chegou às costas ocidentais da América. Compunham-se de *Protopolinésios*, que já teriam ocupado as principais ilhas oceânicas de leste. Isto teria acontecido no clímax expansionista dêste povo, em tempo relatimente modernos, mas ainda bem afastados do presente. Devemos colocar o início dêste movimento para o Novo-Mundo, algum século depois da invasão oceânica dos *Protomalaios* e também algum tempo depois da dos *protopolinésios* que os seguiram. Provàvelmente teria começado quando se processava a ocupação das ilhas mais orientais da Polinésia, no período das maiores e mais ousadas expedições, muitas das quais, total senão parcialmente, involuntária ou intencionalmente, em busca de novas ilhas, chegaram ao continente. A infinita multiplicidade e imensa distância entre estas ilhas, fatos revelados pela experiência dos nautas, teria estimulado a ousadia dos mais aventureiros, ardorosamente lançados na emprêsa de ganhar ilhas ou terras novas. É possível que êste movimento imigratório tenha ocorrido dentro do primeiro milênio antes de Cristo. Os pontos de acesso estariam situados nas costas ocidentais do norte da América do Sul e de tôda a América Central.

Inicialmente estabelecidos nas terras ribeirinhas do Pacífico, onde encontraram numerosos habitantes oriundos da TER-

CEIRA CORRENTE, e talvez também da quarta, passaram às convidativas quebradas dos Andes, seguindo os vales dos pequenos rios perenes, por onde atingiram o coração da cordilheira e toparam com algumas tribos de origem protomalaias.

Na Oceânia, *protopolinésios* e *protomalaios* deram o tipo do *polinesiano* atual; na América, não conseguiriam gerar um complexo étnico apreciável e mesmo cultural, como fizeram nas ilhas. Teriam de produzir o que seria lógico esperar das circunstâncias que envolveram o movimento migratório: poucos elementos humanos, grandes distâncias a vencer em barcos de fracas possibilidades navegatórias, e talvez a impossibildade normal de retôrno aos pagos nativos. Os elementos humanos, certamente com uma enorme maioria masculina, diluídos no seio das populações nativas de braquióides da quarta corrente, de mesocéfalos da terceira e dolicóides das duas primeiras, concorreram, ao que parece, para exaltar, embora em dose fraca, sobretudo nos elementos das classes dominantes, o braquicefalismo, aliás, já preponderante no antigo meio social, por tôda parte onde predominava o sangue *protomalaio*.

Traziam os *Protopolinésios* uma alta cultura, cristalizada no cadinho onde se fundiam os pródomos das civilizações orientais. Sua influência no meio americano foi notável, tendo concorrido para tanto, provàvelmente, a pronta aceitação por parte dos habitantes de origem protomalaia, (4ª corrente), já bem adaptados à terra e o não menos importante estímulo cósmico de região tão altamente diferenciada. O desenvolvimento cultural na América, baseado nos novos elementos importados da Polinésia e Indonésia e nos novos inventos que surgiram, em estreita relação com a nova mesologia física das regiões dominadas, deram nascimento àquela civilização tão curiosa que os europeus encontraram e selvagemente procuraram destruir no Peru e no México. Esta notável civilização, que tem as suas

mais remotas raízes plantadas no mesmo terreno de onde surgira a que se desenvolveu no Ocidente da Europa, possuía alguns elementos culturais que se sobrepunham a desta por ocasião do descobrimento da América. (16) Portadores de uma alta cultura, os invasores malgrado seu número reduzido, não acharam difícil impô-la aos nativos, já predispostos a aceitá-la no que lhes parecera útil. Os elementos mais interessantes desta importação cultural foram: 1) construções megalíticas com aplicações na arquitetura e na escultura; 2) agricultura com irrigação e sobretudo, 3) apreciável capacidade estadopoética. Êste caráter constituíu o mais notável fator de estruturação social e da formação dos estados americanos, mercê do especial desenvolvimento que as condições mesológicas ensejaram nas regiões centrais, andinas e mexicanas.

Infelizmente, os protopolinésios, que influíram tão eficazmente para as civilizações do Novo Mundo, e os seus descendentes não lograram grande expansão territorial, como ocorrera com as volumosas correntes anteriores. Isto resulta imediatamente da modesta massa humana do contingente imigratório, do breve decurso do seu ingresso, do tempo adiantado da invasão, que se efetuara sob o estímulo das principiantes civilizações orientais e da prematura destruição da sua cultura pelos bárbaros da Europa. Mesmo assim, é de admirar a extensão de seu domínio do Peru ao México e a amplitude ainda maior da sua influência cultural nos povos que se avizinhavam dos estados que fundaram. (17)

A idéia dominante nos estudiosos não especializados, e até há pouco, largamente generalizada entre os americanistas, era de que a existência das civilizações andinas e mexicanas devia ser muito antiga. Apoiava-se êste critério nos pretensos ciclos maias de 23.644 anos. Sabe-se agora que tais ciclos não passavam de indicações, simples possibilidades mercê do engenhoso *calendário* dêsse povo; não representavam a ocorrência da fatos históricos

reais. Já não é possivel recuar as suas origens na América além do primeiro milênio aC. O mais velho monumento com inscrição gravada, até o presente encontrado, é a pequena estátua de Tuxtla, cuja data, debuchada em algarismos maias, é de 12 de março de 162 dC. Para justificar o estado extraordinàriamente avançado da aritmética e da astronomia dêste povo, surgidas e desenvolvidas no território americano, importa conceder-lhe espaço de tempo razoável para a sua evolução. Os imigrantes teriam trazido sem dúvida idéias primitivas de astrologia, mas foi aqui que esta ciência, bem como a dos números, experimentaram aquêle admirável desenvolvimento. Segundo Tompson, o calendário maia data de 99 anos aC. Porém êste calendário teria requerido uma longa preparação matemática e astronômica que nos levará a alguns séculos aC., mas não a milênios. Os calendários e os conhecimentos astronômicos dos peruanos e mexicanos eram caracterìsticamente diversos, o que prova o seu desenvolvimento independente. Aquêles ignoravam o TZOLKIM, a célebre roda de pedra onde os maias gravaram o seu calendário. Contavam os peruanos 365 dias para o ano, isto é, utilizavam apenas o ano solar, ao passo que os mexicanos, estavam mesmo mais adiantado, do que os europeus do descobrimento. Possuíam um calendário mais preciso e mais exato, se bem que necessàriamente mais ampliado. Os cálculos do ano solar, do mês lunar, da revolução de Vênus são muito mais exatos que os análogos, elaborados na Europa até a idade média. Que os povos que levaram à América a alta cultura méxico-andina não auriram seus conhecimentos matemáticos das civilizações ocidentais do Velho Mundo prova-o o fato, hoje demonstrado, de que êles descobriram o símbolo do ZERO, e o usaram com mestria, séculos antes dos indús que, por sua vez precederam nisto aos europeus. Do que não teria sido capaz esta gente no domínio cultural, se não fôra a incrível selvageria espanhola?

O QUADRO seguinte resume o drama do POVOAMENTO pré-colombiano da AMÉRICA, como vimos de sumariar:

Correntes migratórias	Origens (1) Época (2) Caminho (3) Lugar de acesso (4)	1º Estabelecimento (1) 2º Estabº. (2)	Características Somáticas	Características Culturais
I	(1) N-E da Sibéria (2) 28 a 20 milênios (3) Terrestre (4) Bering	Rio Yukon Alasca (1) Grandes Planícies Norte - Americanas (2)	Estatura elevada; Dolicocefalia; Hipsicrania; Tipo australóide	Paleolítica superior; primária. Economia coletora. Lança de arremêço. Pontas de pedra, machado tôsco
II	(1) Sibéria (2) 20 a 15 milênios (3) Terrestre (4) Bering	Yukon Alasca (1) Grandes Planícies Norte - Americanas (2)	Estatura elevada, mas inferior a I Dolicocefalia; Camecrania moderada; Tipo parasiberiano.	Paleolítica superior; primária. Economia coletora Propulsor ? Machado lítico com cabo flexível (?) Cêstos
III	(1) Norte da Ásia (Sibéria) (2) 10 a 9 milênios; (3) marítimo costeiro; (4) Bering.	Costa N-W da Am. do Norte (1) Costas do Pacífico (2)	Estatura: (a) baixo (b) média Dolicocefalia moderada; Tipo: (a) Mongolóide paleosiberiano (b) Para mongolóide	Mesolítica Cerâmica do pente; navegação rudimentar; largo uso do osso; domesticação do cão. Casa semi-subterrânea, cupuliforme. Ostreiro.
IV	(1) Indonésia e Polinésia; (2) 7 a 6 milênios (3) marítimo ou marítimo-costeiro; (4) Pacífico	Ístmo do Panamá e adjacências (1) Várias regiões das 3 Américas.	Estatura baixa. Braquicefalia mesorinia Tipo mongolóide.	Neolítica ou média. Agricultura, cerâmica, - tecidos. Direito matrilinear. Avunculato. Navegação, canoas monoxilas. Arco e flecha Zaracatana. Cabeça-troféu, Animismo, Shamanisms Canibalismo rituais. Mounds
V	(1) Polinésia (2) 4 a 3 milênios; (3) marítima (4) Pacífico	Costas W. da Am. do Sul (1) Andes, Colômbia, Am. Central e México	Estatura baixa Braquicefalia, exagerada; Tipo mongolóide ou para mongolóide.	Alta cultura. Construções megalíticas, Templos Fortaleza, Agri-Cultura com irrigação. Domesticação de animais. Classes sociais Cidades e Estados. Metais. Grande parte dêstes elems. desenv. na América.

Examinamos sumàriamente os diversos contigentes humanos que participaram do primeiro povoamento da América; vimos quais foram as suas origens, fixamos grosseiramente a época da sua chegada ao continente e especificamos os seus característicos físicos e culturais. Resta saber como êstes elementos étnicos se adaptaram, se espalharam e desenvolveram no novo meio, e que tipos raciais produziram. Importa apreciar os fatores que concorreram para a formação dêstes tipos, isto é os processos antropológicos, econômicos ou sociais em geral, desenvolvidos no território americano. Sòmente assim se permite ter uma vista panorâmica do estado do povoamento dêste continente no fim do XV Século, quando se iniciou a conquista européia, seguida do longo processo de aculturação e destruição das populações primitivas.

Os mais conspícuos investigadores da pré-história americana não estão inteiramente de acôrdo quanto ao número e à qualidade dos contigentes humanos que entraram no continente; mas, a respeito dos tipos raciais que geraram aquêles contingentes, as divergências se desfazem em vista de uma melhor análise dos fatos conhecidos.

É evidente que a matéria prima empregada na estruturação étnico-cultural da América pré-colombiana não podia ser muito rica e variada. Constava essencialmente dos elementos registados no quadro acima, integrando os determinantes fundamentais da caracterização antropológica das cinco correntes imigratórias.

Um grupo de sábios norte americanos, a que se filiam Clark Wissler, do "Departamento de Antropologia" do Museu Americano de História Natural, Ales Hrdlicka, Diretor do "Laboratório de Antropologia" de Washington, A. L. Kroeber, Paul Radin e vários outros, vai ao exagêro de sòmente admitir uma origem única, a raça mongolóide do norte e oriente asiático. Outros sábios paleoantropologistas, porém, com fundamentos indiscutíveis, encontram fontes étnicas diversas para as populações ameríncolas. Paul Rivet, o mais notável americanista francês, relaciona quatro elementos antropológicos diferentes na plasmação desta

população: australianos, melanésios, malaio-polinésios e mongolóides. O professor Imbelloni julga ter descoberto oito invasões diversas étnico-culturais diferentes; 3 destas, justamente as mais antigas, teriam chegado por via terrestre e se relacionavam com os tasmânios, australianos e melanésios; por via marítima, aportaram: *proto-indonésios*, braquióides; mongolóides que deram origem aos seus tipos raciais de *Amazônides e Brasílides*, e outros; os *esquimós* e os habitantes das costas N-W da América do Norte (Esquímides e Colômbides). Andando caminhos não determinados vieram os povos do tipo mongol e indonesiano, portadores respectìvamente da média e alta cultura; aquêles produziram os tipos *Pueblo-Andinos* e êstes os *Ístmides*. O professor Salvador Canals Frau admite 4 correntes imigratórias, caracterizadas por uma mesma origem étnico-cultural. Destas, a primeira, ainda no Pleistóceno, teria entrado na América a pé enxuto pelo caminho fácil do estreito de Bering, então transformado em istmo, e as três outras no Holóceno, uma mesolítica e duas neolíticas, teriam abicado às costas ocidentais do continente em tôscas embarcações. Julga Canals que estas 4 correntes geraram os seus 13 tipos étnico-culturais, diferençados no continente durante milênios.

Aceitamos com breve discrepância esta divisão antropológica de professor Canals que nos parece muito bem justificada.

O quadro seguinte distribui os 13 tipos raciais nas 5 correntes imigratórias conforme o texto:

Correntes ou contingentes imigratórios	Características étnico-culturais	Tipos étnicos americanos	
		Na Am. do Norte	Na Am do Sul
I corrente	Dolicóide, hipsicrânia. Estatura elevada. Cultura paleolítica, primária	Sílvido	Láguido Huárpido Patagônido

continua

II corrente	Dolicóide, camecrânio. Estatura menos elevada. Cultura paleolítica, primária	Sonórido Califórnido	?
III corrente	Dolicocefalia mais ou menos moderada. Tipo mongolóide. Cultura mesolítica.	Esquímido Pacífido	Fuéguido Nordéstido
IV corrente	Braquióide de estatura baixa. Cultura meolítica	Sudéstido	Brasílido
V corrente	Braquióide. Baixa e média estatura. Alta cultura	Centrálido	Ándido

O *tipo racial*, define-se, é uma divisão da *raça*, uma diferenciação morfológica dentro da raça. Esta, por sua vez, representa subdivisão biológica da espécie, que já o é do *gênero* etc. As raças primárias da espécie *Sapiens recens*, única do gênero *Homo*, em nossos dias, são produtos da especialização e adaptação de grupos dessa espécie nas três *zonas de caracterização* do nordeste, noroeste e sul da Ásia. Estas raças, como já referimos, são a amarela, a branca (de fraca pigmentação) e a negra.

Continuando o processo natural de especialização e adaptação geográfica, muita vez estimulado por heterogênese eventual, surgiram as raças secundárias ou os *tipos raciais*. A raça tem

origem biológica e não se deve confundir com o que se chama povo, produto de ordem histórica, "conjunto de indivíduos que se consideram ligados entre si pelos quatro elos da linguagem, cultura, consciência de uma origem comum e ocupação de um mesmo território."

Os tipos raciais americanos procedem da especialização e adaptação geográfica, complicadas com o cruzamento de indivíduos oriundos de duas ou mais das cinco correntes imigratórias. É possível que um ou outro seja apenas a segmentação simples de uma corrente única; isto, porém, deve ser considerado, aqui simplesmente como mera possibilidade. A estratificação étnica é a regra.

Adotamos todos os tipos raciais definidos por Salvador Canals, embora outros investigadores julguem que o número dêles é menor. Eickstedt e Imbelloni sòmente consideram nove, outros ainda um pouco menos. Canals, como vimos, admite a existência de 12 tipos raciais essencialmente americanos, não considerando *o esquímido* que também é asiático. Lançamos a hipótese da existência de mais um tipo étnico.

O tipo racial em geral é bastante amplo e se dispersa por áreas consideráveis. Convém segmentá-lo em agrupamentos parciais, que se costuma chamar *povos* ou *unidades étnicas*. Como a base desta divisão repousa em caracteres linguísticos e culturais, com alguns autores, preferimos a denominação de *família línguo cultural* ou mais abreviadamente *família linguística*, reservando a expressão de *povo* para as grandes famílias que se podem decompor em sub-famílias.

OS PALEOLÍTICOS E SEUS DESCENDENTES

Depois de estacionarem no Alasca, os austrolóides primitivos, da Primeira Corrente passaram às planícies centrais dos Estados Unidos antes da culminação do Mankato, quando, no comêço do Two-Creeks, se abriu o corredor entre as camadas de gêlo canadenses. Isto deve ter ocorrido no decurso do 28º ao 26º milênio.

Ali estabelecidos durante muito tempo, foram pouco a pouco dispersando-se para oeste até às margens do Pacífico, para léste encontraram as ribas do Atlântico, para sueste alcançaram a Flórida e para o sul chegaram ao México, donde passaram à América do Sul, perlongando o istmo do Panamá, então fàcilmente acessível por não estar ainda coberto da espêssa selva driática dos nossos dias.

Esta dispersão durou milênios: a Flórida foi atingida no comêço do postglacial (10º milênio); a América Meridional o fôra antes, provàvelmente há cêrca de 18 ou 20 milênios, ainda no pleistóceno. Seus vestígios são encontrados através do México e da América Central e em muitas localidades da América do Sul. Os primeiramente revelados ocorreram na Lagoa Santa (Minas Gerais), descobertos pelo paleontologista dinamarquês, Dr. Lund, em 1843. Na mesma região, em 1935, numa gruta ainda inexplorada, no lugar Confins, foi descoberto um crânio dolicocéfalo, antiqüíssimo, pois as circunstâncias indicam que a caverna devia ter sido habitada há uns 10 milênios. Na argentina, desde 1865, acharam-se restos dos primitivos povoadores dolicóides ao lado de fósseis de mamíferos extintos. As relíquias ósseas da gruta de Cadonga são provàvelmente do comêço do Holóceno. No extremo sul do continente, o Sr. Junius Bird fêz demoradas e sistemáticas explorações de 1932 a 1937; achou farta messe de elementos pré-históricos, abrangendo um lapso de tempo consideràvel, agora calculado em cêrca de 9 milênios. Na gruta de Fell, encontrou na última camada, em contacto com o fundo virgem do terreno, pontas de pedra parecidas com as mais antigas da América do Norte (gruta de Sândia). Estas pontas deviam ser engastadas na extremidade de uma vara para formar venábulo. Encontrou também raspadores de vários tipos, furadores de osso, grosseiros machados de pedra, restos de fogão com fragmentos de ossos de milodon, cavalo selvagem e outros animais extintos, bem como do guanaco, que ainda hoje vive naquelas paragens. A população que ali estacionava tinha chegado antes do 8º milênio e sua cultura correspondia sensìvelmente a dos aus-

tralóides, ao tempo em que haviam ingressado na América do Norte.

A *Segunda Corrente* de imigrantes também se compunha de australóides num grau um pouco mais avançado de diferenciação somática e cultural.

Teriam transposto o estreito de Bering no declínio do Mankato, mas ainda a pé enxuto; foram obrigados a estacionar no Alasca alguns milênios a espera que se abrisse o corredor canadense nas camadas geladas, no fim dessa glaciação.

Isto teria ocorrido há cêrca de 20 milênios. Alcançaram por êste corredor as grandes planícies norte americanas, onde encontraram ainda resíduos da *corrente* anterior, com os quais logo entraram em contacto.

Os dois tipos antropológicos distinguiam-se porque o último apresentava menor estatura e menos elevada abóbada craniana; ambos, porém eram dolicóides. Presume-se que a côr da pele fôsse morena, mas não negra.

Já por êsse tempo, no norte da Ásia começara o processo de diferenciação das populações localizadas em certas regiões da Sibéria no sentido de produzir o tipo que se denomina agora *Sibérido*. Os representantes da nossa segunda corrente apresentam por isto alguns traços desta raça.

Sem dúvida, grupos importantes da primeira corrente já tinham abandonado as grandes planícies da América do Norte, indo ocupar muita vez escusas regiões onde se isolaram; a maioria, entretanto, não se pôde furtar aos cruzamentos. Dêstes teriam resultado mestiços com caracteres intermediários; mas, necessàriamente, produziram em escala reduzida, formas puras de um e outro tipo étnico, vivendo ao lado ou à margem das gerações heteromorfas, de caracteres somáticos atenuados.

Os descendentes da segunda corrente também emigraram das planícies para outras paragens da América do Norte e foram ter à América do Sul, como demonstram o crânio de Punin, encontrado numa região vulcânica do Equador ao lado de ossadas

coevas de mam,feros fósseis, e outros achados característicos. Entretanto, a sua influência étnico-cultural nesta metade do Continente carece de maior importância e sobretudo de discriminação.

Desde que os tipos raciais derivados das duas primeiras correntes têm suas origens principalmente no nordeste da Ásia em povos que atravessaram a América do Norte, é de crer que hajam conservado muitos elementos da cultura primitiva asiática aurinhasiense, espécie de fundo comum da velha humanidade de onde brotaram as raças atuais. Estas aquisições, feitas quando ainda não se operara uma dispersão importante dos povos primitivos australóides, deixaram remanescentes comuns em quase tôda a humanidade selvagem, e indeléveis vestígios ou revivescências que ainda constituem a base de interessantes elementos culturais das grandes civilizações modernas. Mas, como é natural, esta cultura original se tem conservado de modo mais completo na América do Sul, e tanto mais completa quanto mais remoto é o habitat das gentes que as conservam, como são as das regiões mais meridionais ou relativamente isoladas, da Patagônia, do planalto central do Brasil, etc. Nestes rincões sofreram os respectivos habitantes, nelas primitivamente estabelecidos e isolados, muito menor influência dos povos que chegaram posteriormente, com as correntes subsequentes, portadoras de culturas mais avançadas ou menos simples. Ao passo que novas levas de povos diferentes chegavam, os primitivos tinham geralmente de lhes ceder o terreno que ocupavam, indo procurar adiante lugar mais êrmo, mais longínquo ou menos apetecido onde instalar sua morada. Isto os levou ao extremo do continente e às mais ingratas paragens da América do Sul.

Indubitàvelmente, o caminhar longo e milenar, das planícies norte americanas até a Patagônia austral ou o nordeste do Brasil era de molde a imprimir sérias e profundas modificações no complexo cultural das levas migratórias. Contudo, isto não impediu que se conservassem mais ou menos inalteráveis alguns elementos culturais, ainda hoje encontradiços ao lado de novas

criações e empréstimos. Compreende-se assim a razão por que há muitos pontos de sensível semelhança cultural entre os mais diversos povos, não só do continente americano como também do euro-asiático. Um exemplo curioso desta cultura primitiva (australóide) impressionantemente disperso encontra-se nas armas bumerangoides, encontradas no peleotítico do Novo-Mundo, no australiano, no asiático e africano. (18) A ausência do arco e da flecha e mesmo do propulsor que é um produto do Magdaleniense da Europa; a falta de navegação no mar aberto, etc. estão no mesmo caso. Outro elo notável, ligando os mais diversos e distanciados povos do globo, encontra-se nas relíquias linguísticas. As incisivas semelhanças de expressões típicas de línguas do extremo sul americano com as de certas línguas muito arcáicas da Austrália, que P. Rivet demonstrou, não pode ter explicação diversa. É de esperar que futuros estudos de glotologia venham desvendar outras semelhanças, igualmente expressivas, no espaço geográfico do mundo antigo. (19)

A evidência de que a cultura paleolítica superior foi partilhada tanto por australianos, como pelos antigos homens da Europa, da Ásia, da África e da América dispensam novos exemplos.

As numerosas gerações que se sucederam durante o longo processo emigratório dos australóides na América, mercê de pequenas diferenciações originais, que se teriam acentuado em certos casos, dos estímulos geográficos das ações biológicas internas, teriam certamente criado a tendência mais ou menos pronunciada para modificar física e culturalmente, como de fato se deu, importantes elementos do complexo antropológico, sobretudo no domínio da linguística. Daí a variedade de aspectos humanos, mais dentro do ângulo dos fatores culturais do que pròpriamente dos fatores somáticos.

Resta agora pesquisar e definir certos elementos básicos da cultura fundamental, senão entrevê-los com suficiente clareza no seio de certos grupos indígenas atuais.

Ora, os paleolíticos americanos ao cruzar o estreito não eram agricultores nem ceramistas. Consequentemente, onde se encontrarem tribos sem agricultura ou cerâmica, atualmente, há quase certeza de que são de origem australóide; o mesmo, com maior segurança pode-se dizer das tribos que foram achadas nestas condições ao entrarem em contacto com os colonizadores europeus. Importa levar em conta que algumas, sob a influência de vizinhos agricultores ou ceramistas, tanto durante os tempos históricos como no período pré-colombiano, adquiriram estas indústrias, sendo mais frequente a aquisição da agricultura do que a da cerâmica. De ordinário, porém, as práticas agrícolas como à de olaria destas tribos são bem mais rudimentares que a dos povos neolíticos, portadores e divulgadores de tais atividades nas Américas.

Os povos não agricultores do continente vivem quase exclusivamente ao largo da costa ocidental, do Alasca à Baixa Califórnia, nos altiplanos que se estendem paralelamente àquela costa e nas zonas situadas ao norte dos Estados Unidos. Isto na metade setentrional do continente. Na América do Sul, habitam no léste e sudeste do Brasil, no planalto central, no Chaco, na Patagônia e Terra do Fogo.

Êstes povos, realmente, com a sua cultura simples ou relativamente simples, tanto material como espiritual, distinguem-se mais ou menos fàcilmente dos seus vizinhos de cultura média por alguns caracteres somáticos bem perceptíveis. No espiritual, ao que parece, caracterizam-se especialmente pela *covade*, pelas sociedades secretas de homens e pela estrutura particular da sociedade. As tribos geralmente são divididas em duas porções de cuja dualidade pode resultar uma estrutura totêmica da sociedade e notadamente um sistema de exogamia (Radin).

Importa agora tentar discriminar os grupos heteromorfos derivados destas duas correntes. Isto só é possível fazer sumàriamente em face da escassez de elementos. Os restos osteológicos são raros e os vestígios culturais das populações primitivas, re-

almente autênticos, pouco abundante. Todavia, consegue-se organizar um quadro esquemático, algo incompleto do aspecto físico e das atividades essenciais.

Como observa Canals, só o fato de terem êstes velhos povos conseguido manter em grande parte a sua herança social, isto é, os elementos mais característicos da sua cultura de tipo inferior, constitui indício firme de que a sua herança biológica não foi fundamentalmente alterada, malgrado as modificações que e tos caracteres possam ter experimentado através dos séculos. Crânios dos pioneiros achados no sul da Patagônia e na Lagoa Santa são semelhantes aos dos índios atuais. Os descendentes dos australóides em comparação com os elementos humanos de outras correntes menos arcaicas, conservaram muito bem importantes aspectos específicos antropo-sociais. A aplicação das indicações feitas vai permitir que se destaquem com relativa facilidade os remanescentes históricos dos paleolíticos americanos.

Na América do Norte os descendentes mais característicos da SEGUNDA CORRENTE constituem o tipo racial SONNÓRIDOS, gente dolicóide, de abóbada craniana relativamente baixa de estatura média. Habitava êste povo nos tempos históricos a região SW. dos Estados Unidos da América do Norte e o N. do México, inclusive a zona dos prados a O. do Mississipe.

As principais famílias línguo-culturais desta raça são:

I — Siux
II — Hoka
III — Iuto-Azteca

As duas primeiras viviam em território dos Estados Unidos. A última habitava no México, onde se fizera notável pela tendência migratória da sua gente. No sul dêste país entraram os representantes dos Iuto-Aztecas em contacto com os Maias, quando êstes, muito posteriormente, já ali se tinham estabelecido, recebendo e assimilando a influência da alta cultura que aquêle povo

trouxera da Indonésia e desenvolvera consideràvelmente em terras da América.

Ao que parece, a SEGUNDA CORRENTE de australóides não conseguiu formar nenhuma raça na América do Sul, ou se o logrou ainda não foi definida, determinada e localizada. Porém, sem dúvida, o seu sangue corre em menor abundância nas veias de alguns tipos étnicos tidos como da primeira corrente, e elementos da sua cultura são vulgares.

Na América do Norte, os dólico-hipsicrânios (1ª Corrente) constituem os ancestrais diretos dos atuais *Sílvidos*, tipo racial que não interessa ao objetivo desta monografia. As suas principais famílias localizaram-se no NE. dos Estados Unidos e L. do Canadá, numa região de espêssas florestas. Do sul para o norte as três mais notáveis famílias línguo-culturais dos Sílvidos são: a dos *Iroqueses*, dos *Algonquinos* que é a mais característica e dos Atabascas Orientais, representada pelo importante grupo dos Chippeways.

Os Sonóridos, entretanto, embora não hajam passado além da América Central e alcançado a do Sul, merecem particular atenção por isto que gosaram de particularidades curiosas.

A grande família *Yuto-Azteca* especialmente oferece um raro interêsse na préhistória americana. Acredita-se com fundamentos não desprezíveis que tenha êste povo posteriormente, principalmente o ramo denominado *Nahua*, que tão admiràvelmente soube assimilar a alta cultura dos *Maias*, dando os *Toltecas e Aztecas* mexicanos, tenha influenciado de certo mado a algumas culturas sul americanas.

Os descendentes da PRIMEIRA CORRENTE que se dirigiram para o Sul, através da América Central alcançaram o norte da Colômbia e, ao toparem a cordilheira andina, tomaram dois caminhos. Um grupo seguiu para o NE. e E. e internou-se pelas savanas da Venezuela; outro continuou em rumo do sul e parte dêle seguiu para SW., indo ocupar certas regiões interandinas e os planaltos orientais da cordilheira despidos de matas luxuriantes. Destas paragens, mais tarde impelidos por novas

e diversas levas de ádvenas foram ter ao extremo sul do continente.

O ramo oriental, voltando-se adiante para o SE. e para o S., conseguiu transpor a floresta amazônica, provàvelmente onde esta se apresentava mais estreita ou menos densa, caminhando no sentido dos meridianos especialmente. As turmas migratórias cruzaram o rio Amazonas e seguiram pelas mesopotâmias dos grandes afluentes meridionais, indo ter o planalto central do Brasil, espalhando-se pelas suas adjacências. Nesta amplissima região os dolicóides encontraram um *habitat* ajusdo ao seu especial estilo de vida. A travessia da floresta não teria sido fácil às levas desta gente que se habituara à caça em campo aberto e não dispunha de navegação aprópriada à rêde fluvial. Vestígios linguísticos do falar dêste povo, ainda encontrados no seio das populações históricas e atuais da bacia amazônica, mesmo na zona ocidental, deixam supor que os paleolíticos (seus descendentes) não passaram tão ràpidamente pelas florestas, pois que por lá teriam estacionado e deixado remanescentes até que povos da QUARTA CORRENTE imigratória chegaram e os observaram ou expulsaram. (19)

Admitimos que o planalto central do Brasil teria também recebido uma sobstancial contribuição humana primitiva procedente das banquetas andinas em tempos muito remotos. Teria chegado ali pelas cabeceiras dos rios Madeira e Paraguai, sem atravessar a selva amazônica.

Aspectos somatológicos de certos grupos que já haviam iniciado um processo de especialização antropológica naquelas paragens, reconhecíveis entre alguns elementos do planalto, autorizam a hipótese. Provàvelmente no planalto encontraram-se os elementos chegados do norte (Amazonas) e os de oeste (Andes). Um longo estacionamento nessa região não poderia deixar de dar lugar a uma especialização étnica, origem da família GÉ e de outras que lhe são afins. Conjuntamente, as hordas australóides foram especialmente ocupar a metade oriental do Planalto e dali passaram para a bacia do Rio São Francisco e as

regiões nordestinas do Brasil, cobertas de caatingas. Numerosos grupos foram viver no território das bacias de alguns rios da vertente central do Atlântico (Itapicuru, Pardo, Doce, etc.); outros derivaram para o sul até alcançarem regiões do Rio Grande e mesmo a mesopotâmia argentina. Muito além desta, as tribos andinas e transandinas já tinham chegado a oeste desta altura e ocupado vastas zonas dos Pampas e ainda mais ao sul, as planícies da Patagônia e o extremo sul do continente, não obstante o rigor clímico e a pobreza da região.

É de crer que esta imensa expansão não se processou em poucos milênios, embora oferecesse o território deserto fácil acesso no sentido norte-sul. As tribos não se deslocavam por motivos fúteis ou mesmo de pouca monta; eram impelidas sob a pressão hostil de outras ou pela carência alimentar. Imagina-se que o povoamento sul-americano, de um ao outro extremo, teria gasto de 8 a 10 milênios.

Com exceção de certas zonas mais paludosas da bacia do Amazonas, dos pantanais do Paraguai, dos páramos frios da cordilheira andina e de poucas regiões acidentadas e de vasta vegetação do Brasil, os povos oriundos das correntes paleolíticas ocuparam tôda a América do Sul. A densidade demográfica nas vésperas da chegada de outras correntes devia entretanto ser muito fraca; o seu regime econômico exigia grande amplidão territorial e largos espaços vazios. Preferiam especialmente os campos abertos, as savanas, as caatingas, prados e terrenos menos acidentados e enxutos; não eram contudo infensos à floresta, a que algumas tribos se adaptaram sofrìvelmente, antes da premente concorrência de outras correntes de cultura neolítisa.

Os traços culturais do povo mais antigo da América constavam de um fundo geral ou comum, composto de velhos elementos trazidos da Ásia e de um lastro desenvolvido ou criado no continente, antes da dispersão. O estrato asiático assemelhava-se ao que se conhece alhures por cultura Aurinhaciense e começo da Solutrense. Em geral, o material lítico conservado revela menos apuro do que o correspondente da Europa, mas se

aproxima do asiático, fonte comum do americano e do europeu. Parece que era muito rudimentar a expressão artística dos nossos australóides. Não sabemos se teriam ensaiado a escultura; mas as manifestações pictóricas, reduzidas a traços e glifos de estilo geometrico gravados nas rochas, apresentam-se sobremodo canhestras.

Caçadores nômades, constantemente em busca da caça erradia dos grandes mamíferos do fim do Pleistóceno, não dispuseram normalmente durante muitos séculos de suficiente lazer para outras atividades. Os primeiros americanos não conheciam o arco e a flecha e nem mesmo o propulsor. Os da segunda corrente, ao que parece, já usavam esta arma e talvez soubessem fazer cestos de cipó. A arma mais eficiente e generalizada era o venábulo, uma lança curta de arremêsso com ponta de pedra ou osso (Sandia Cave, Folsom, Yuma, Fel, etc.); possuíam o machado de pedra grosseiramente lascado (Confins), raspadores, punção de osso e um tipo rudimentar de bumerang. (20) Mais tarde, provàvelmente por influência dos ádvenas das outras correntes, talvez mesmo por invenção própria, aprenderam a engastar o machado num cabo de madeira flaxível, e a polir parcialmente o velho instrumento tal como ainda hoje usam seus remanescentes. Vagaram pelos campos e pelas florestas, abrigavam-se em toscas albergues de ramos superpostos ou mal trançados ou em simples paraventos de peles. Nos climas frios, se encontravam grutas, apropriavam-nas às suas necessidades de defesa contra as intempéries e as feras. A economia coletora tornava-se função das condições físicas do ambiente geográfico, e certamente não lhes proporcionava confôrto nem boa higiene. A vida na floresta tropical ainda lhes era mais difícil por isto que não dispunham de aparelhamento adaptado à caça nem sabiam como defender-se das surprêsas das feras ou construir abrigos adequados contra a infinidade de pequenos animais, sobretudo insetos agressivos. Nos prados e nas caatingas ou mesmo nos cerrados estavam os grande mamíferos extintos que sabiam abater, e onde podiam ter o fogo como precioso auxiliar na caça,

incendiando a vegetação baixa, herbácea e periòdicamente sêca. Ignoravam o cosimento dos alimentos; mas aqueciam a água em vasilhas de couro ou casca de frutos ou de certas árvores por meio de calhaus fortemente aquentados. Assavam certos alimentos num forno subterrâneo ou no borralho. Não conheciam a cerâmica. Nos climas frios cobriam o corpo com capas de peles ligadas por costura; nos temperados ou quentes, por vêzes a indumentária não existia ou era reduzida a mais simples expressão. Geralmente, porém, ao que se crê, protegiam as partes mais delicadas do corpo, como os orgãos sexuais. Apesar da dificuldade de vida, empregavam certos objetos como adornos, adaptando-os à face, ao nariz, aos lábios ou aos membros; usavam pinturas e deformações corporais.

Êstes elementos culturais não eram sempre uniformes; experimentavam variações em função de certas circunstâncias mesológicas ou de necessidades imperiosas e até mesmo de fortuitas invenções, modificações que, ordinàriamente, se acentuavam com o curso dos séculos, mas não perdiam de todo, quase sempre, os seus característicos primitivos.. Alguns todavia, desapareciam por falta de uso ou inexplicável esquecimento. Em compensação, das correntes migratórias subsequentes, tomaram empréstimos valiosos, como o arco e a flecha, artefatos líticos polidos e até, por vêzes, a cerâmica e a agricultura.

Como vimos, os descendentes das duas primeiras correntes de povoadores asiáticos espalharam-se por todo ou quase todo território americano, antes que elementos de outras chegassem. A densidade demográfica seria pequena e muitas manchas desabitadas pontilhavam o espaço. Grupos mais ou menos numerosos, todavia, concentravam-se em certos lugares a que se adaptavam melhor e adquiriam algumas tendências especiais. Começava, então, um processo de diferenciação cultural e somática qual levava aos pródromos de um tipo étnico particular. Com o tempo e mais tarde sob influências heterogenéticas discretas, diferenciação linguística, e outros fatores de especialização, completaram as condições necessárias para a caracterização de

tipos raciais. Presentemente, são conhecidos e bem determinados três tipos étnicos derivados dos dolicóides primitivos da América do Sul.

Convém estudar cada tipo tendo em vista o máximo de especialização, mas numa mesma ordem para facilitar as comparações e consequentemente as diferenciações características: 1) caracterização étnica, 2) caracterização cultural, 3) área de diferenciação, 4) área de dispersão.

Todos os esforços feitos no sentido de dar completa ou maior quadro de caracterização dêstes tipos não foram ainda satisfatòriamente acabados, do que resulta naturalmente uma certa falta de homogeneidade na exposição dos caracteres. É mesmo possível que, com um melhor conhecimento da antropologia física e social dos indígenas americanos, surjam tipos novos, sobretudo no seio dos povos oriundos destas duas primeiras correntes.

Na área de diferenciação, onde vários grupos de australóides mais ou menos afins se reuniam levando um sistema de vida sensìvelmente comum, com uma cultura relativamente comum, seguramente uma língua comum servia a tôda a comunidade.

Quando as circunstâncias, principalmente de ordem econômica, determinaram a dispersão, isto é, quando grupos le famílias mais ou menos numerosas se apartavam da área nuclear e iam procurar noutras paragens um novo *habitat*, começava, então, o processo geral de dispersão, de que resultava naturalmente, conforme as condições de meio de cada parcela destacada, um outro processo de diferenciação secundária, agora, ainda assás recente para dar lugar a apreciáveis diferenciações étnicas, mas relativamente suficiente para criar modificações culturais e especialmente linguísticas. Desta maneira, os tipos raciais constituídos nas suas áreas de caracterização, onde usavam uma língua comum, emitiam galhos e subgalhos que, normalmente, se conseguiam relativa estabilidade, formavam o que chamamos famílias *línguo-culturais*, ou simplesmente famílias

linguísticas, porque se presume que, com as necessárias reservas, cada novo grupo com o seu dialeto devia experimentar diversificações culturais capazes de caracterização, embora assentes num fundo apreciàvelmente comum (tipo racial).

Assim, cada um dos tipos étnicos referidos se secciona em famílias linguísticas e estas por sua vez em dialetos, isto é, em línguas cujo parentesco é a primeira vista evidente.

Devemos, consequentemente, ter no falar, porventura extinto ou morto, de cada agrupamento inicial ou em cada área de especialização dos tipos raciais, uma língua mãe, que se pode parcialmente determinar pelo que há de comum nas diversas famílias linguísticas. Não nos consta que já se tenha conseguido tais resultados, por enquanto teóricos, mas que uma paciente aplicação do método comparativo da linguística pode tornar objetiva e prática, com grandes vantagens para a classificação racial dos ameríncolas.

Os descendentes das duas primeiras correntes deram por diferenciação somática e cultural, na América do Sul, os três TIPOS ÉTNICOS seguintes:

I — Láguido
II — Huárpido
III — Patagônido

Dêstes, tudo leva a crer seja o primeiro o de mais antiga diferenciação; os seus elementos constituem o grupo a que J. Deniker chamou "raça Páleo-americana".

LÁGUIDO. A expressão arcáica dêste povo é revelada pela sua dolicocefalia mais ou menos acentuada, relativa elevação do crânio e pronunciada saliência das arcadas superciliares.

Os dados antropológicos mais característicos são:

Estatura média no homem .....160 cent.
Estatura média na mulher .....153 "

Índice cefálico horizontal, nos antigos, média....72
Índice cefálico horizontal, nos vivos, média.....75
Índice "no crânio, média 84
Índice nasal no crânio, média 51

Olhos pequenos, nariz relativamente chato, fronte estreita; franca leptorrínia, boca grande e boa capacidade craniana (1430 a 1500 cc.), côr da pele variando do castanho avermelhado claro ao escuro. Completa êste quadro: o cebelo negro e grosso e uma fisionomia simpática, quando não deformada artificialmente.

A sua cultura é das mais simples. Originàriamente não conheciam a agricultura e a cerâmica. Desde muito, porém, por influência de povos diversos, algumas tribos lavram rudimentarmente o solo, outros fabricam grosseira louça de argila e poucas criam gado, bovino e mais comumente suino e galinhas. O cão foi introduzido pelos colonos europeus entre quase todos os láguidos. São excelentes caçadores nas várzeas e chapadas de catingas, savanas e prados. Fabricam grandes e fortes arcos e longas frechas bem emplumadas. Freqüentemente, a sua organização social é bastante complexa, podendo dividir-se e subdividir-se em diferentes classes, com base geralmente econômcia.

A *área de caracterização* ou de formação dêste povo parece ter sido todo o Planalto Central do Brasil, cuja homogeneidade física se traduz numa notável homogeneidade antropológica, racial e cultural, e até mesmo linguística.

A *área de dispersão*, ocupada pelos láguidos ao tempo do descobrimento da América, e mesmo algum tempo depois, era muito maior que a atual, quase limitada a manchas irregulares na vertente oriental do Planalto Brasileiro. Formados no planalto, especialmente nas vastas planícies que acompanham o divisor de águas das bacias do Amazonas e Paraguai, dispersaram-se no correr dos séculos para as regiões visinhas; instalaram-se especialmente na longa vertente oriental, das primeiras cachoeiras do Tocantins às cabeceiras do rio S. Francisco. Pare-

ce que esta última região foi alcançada muito cedo, por isto que os seus primeiros vestígios de povoamento datam de cêrca de 9 a 10 milênios. Realmente, os láguidos já viviam na bacia do rio das Velhas, em Minas-Gerais, desde o paleolítico, como se verifica com os restos de Confins, Lagoa Santa, etc. Parece que nessa região estava um foco especial de dispersão, sobretudo orientado na direção sul e leste. Ao norte, estenderam-se para léste, indo ocupar o Maranhão e o Nordeste do Brasil. Acredita Canals que a área de dispersão dos Láguidos alcançara os sítios comarcanos do rio da Prata e Mesopotâmia argentina, donde já desapareceram. Em resumo, viviam entre os paralelos de 2° e 3° de latitude sul e das regiões litorâneas do Atlântico ao norte do paralelo de 22° iam até bem perto do confins ocidentais Brasil, distribuindo-os por enormes tratos das bacias do Paraná, Paraguai, rio S. Francicso e outros da vertente do Atlântico central até o Uruguai. Já antes do descobrimento do Brasil esta vastíssima área de dispersão vinha sofrendo um processo de retração, sobretudo sensível ao longo do litoral, do rio Paraguai em outras regiões apetecidas pelos invasores de correntes migratórias mais modernas.

Atualmente, o *habitat* dos Láguidos, conquanto ainda bastante grande, está muito reduzido e se apresenta discontínuo. Desde o comêço do XIX século restringe-se rapidamente; agora está reduzido a manchas territoriais apreciáveis nas encostas leste do Planalto, nas bacias do Paraná, Paraguai, São Francisco e alguns rios costeiros do Brasil central, bem como as regiões do alto Paraíba, Mearim, Granjaú e outros rios maranhenses e do leste do Pará.

As famílias línguo-culturais em que se dividem os Láguidos presentemente são:

1) — Gê
2) — Botocudo
3) — Patachó
4) — Machacali

5) — Coroado
6) — Camacã
7) — Caingang
8) — Nambiquára
9) — Opaié
10) — Tarairiú
11) — Fulniô

Destas, algumas estão pràticamente extintas.

GÊ — É a maior em número e extensão territorial e também a mais característica da raça. Nenhuma outra tem resistido melhor à ação destruidora da conquista dos europeus e seus descendentes. Talvez porque não se afastou muito da área de formação dos Láguidos, conserva muitos dos caracteres primitivos dêstes; escassos contactos com povos alófilos explicam em parte êsse primitivismo. A uniformidade antropológica, somática, cultural e mesmo linguística é notável; quase não é possível distinguir dialetos ou fazer divisões que não sejam de ordem puramente geográfca. Quanto ao aspecto somático, os dados referentes ao índice *mehim°* podem ser indicados por extensão para tôda a família por isto que êste grupo representa um tipo médio:

Estatura média, no homem	.....	159,0
na mulher	.....	152,0
Índice cefálico horizontal médio, homem	.....	79,1
mulher	.....	78,8
Índice facial, médio.....	.....	81,0
Índice nasal, médio.....	.....	49,0

Consequentemente, os mehin são mesocéfalos, euriprosopos, mesorrinos, de estatura mediana e boa compleixão, devendo os gê, em geral afastarem-se pouco das médias referidas. O fato de alguns indivíduos Kaiapós serem acentuadamente braquicé-

falos, induz à suposição de que o índice cefálico horizontal dos gê fique um pouco acima de 80,00.

Relativamente ao seu estado cultural médio, a família distingue-se pela ausência de cerâmica tecelagem e de rêde de dormir; a construção de casas em círculo, uma complexa estrutura social e notável resistência à dissolução resultante do contacto com a civilização ocidental.

A área de dispersão da família ainda é considerável; certamente fôra bem maior, como se depreende das tribos remanecentes e do relato dos viajantes que perlustraram o interior do Brasil ao tempo do Império. Estendia-se das cabeceiras do rio Gurupi, nas extremas dos estados do Pará e Maranhão, para o sul até além da confluência dos rios Paranaíba e Rio Grande, compreendendo o Triângulo-Mineiro; de oeste para léste, esta área dilatava-se das margens orientais do Xingu médio a bacia do rio Parnaíba e ribas ocidentais do São Francisco, compreendendo além disto a maior parte da vertente superior daquele rio, bem com a dêste. No âmbito dêste enorme territoório cumpre excluir alguns trechos ocupados por tribos tupis, caraíbas e carajás; êstes muito achegados às duas margens do rio Araguaia, os primeiros nas terras baixas do médio e baixo Grajaú e Mearim, no Maranhão, e certos trechos entre o alto Tocantins e Araguaia. Os caraíbas, em pequenos tratos à margem do Xingu e do rio Piauí, no Estado dêste nome. É possível que antigamente os Gês vivessem também a leste do rio São Francisco, nos Estados da Bahia e Minas Gerais. Devido à facilidade com que os diversos grupos da família se deslocam, mudando frequentemente de *habitat* preferimos, em vez do critério geográfico, tão corrente atualmente, o critério linguístico para dividir os Gê em subfamílas, ou grupos secundários:

Primeira subfamília — com os seguintes dialetos:

I — *Kaiapó* do Xingú, inclusive o falado pelos índios *Gradaô* e *Mekubemgokré;* o *Kaiopó* do rio Verme-

lho dos índios *Uchikrine*, o *Kaiapo* do sul (cabeceira do rio Parnaíba).

II — *Karaô* da serra do Estrondo, na mesopotâmia Araguai — Tocantins.

III — *Suyá*, do rio Xingu;

IV — *Tagé* do rio Mearim, no Maranhão; que difere muito pouco do falar dos índios *Mehim, Krongé, Remkokamekran, Kenkatagé;*

V — *Aponegikran* das cabeceiras do rio de Corda (Maranhão);

VI — *Piokobgé* das cabeceiras do rio Pindaré (Maranhão);

VII — *Purekamekran* do rio Grajaú (Maranhão);

VIII — *Kapiekran* do rio das Balsas (Piauí);

IX — *Kraô* ou *Makamekran* do rio Preto (Bahia) e do rio Manuel Alves Grande, nas extremas dos estados do Maranhão e Goiás.

X — *Apinagé* no ângulo norte da mesopotâmia Araguaia e Tocantins.

Segunda subfamília — com os seguintes dialetos:

I — *Akuen* ou Cherente da vertente oriental do rio Tocantins

II — *Chavante* do rio das Mortes e do rio Tocantins

III — *Chikriabá* das cabeceiras e do médio São Francisco

IV — *Akroá*, idioma dos índios que viviam entre as cabeceiras dos rios Parnaíba e Paranaíba, ao longo da vertente ocidental do rio São Francisco

V — *Geikó* do rio Canindé, no Estado do Piauí.

Provàvelmente, outras subfamílias ou dialetos teriam existido, agora extintos, sem que houvessem deixado memória; de outros há referências históricas extremamente vagas, como dos índios Akuruá que moravam nas cabeceiras do rio Gurguéia,

dos Arati ou Guarati que habitavam nas cabeceiras do rio Canindé, ao lado dos Geikó, etc.

BOTOCUDO — Êste grupo apresenta caracteres somáticos e culturais ainda mais atrazados que os dos Gé. O seu isolamento nas matas driáticas ao longo do litoral, sôbre as serras e planícies húmidas, parece muito antiga. Deve ter sido dos primeiros Láguidos que se dispersaram, oriundos, provàvelmente dos planaltos mineiros, na região do rio das Mortes.

O que se conhece dos seus caracterès antropológicos é bem pouco; os dados seguintes podem dar uma idéia muito geral da sua somatologia:

Estatura no homem		162,0
Índice cefálico horizontal	masculino	75,0
	feminino	77,2

Os botocudos são robustos, musculosos e bem constituidos. Estatura mediana, tronco alongado, pernas relativamente delgadas; face alongada, pomos salientes e cristas orbitárias desenvolvidas; cabeleira basta muito negra e cabelos lisos. A côr da pele varia de um pardo claro a azeitonado escuro. Quanto ao aspecto cultural, os primeiros explorados que os sorpreenderam no recesso das matas do Espírito Santo e Minas Gerais julgaram-no dos mais baixos entre os selvagens. Não dispunham de cerâmica nem de agricultura; dormiam no chão sôbre folhas e se abrigavam das imtempéries, não por meio de casas ou choupanas, mas de simples toldos ou paraventos. Não conheciam a navegação, mas sabiam preparar algumas vasilhas de couro e de fibras, sacolas, peneiras, etc. As suas manifestações artísticas são bem inferiores as dos gês e o mesmo se pode dizer dos seus utensilios líticos e de outros elementos culturais. Usavam, homens e mulheres, batoques de madeira nas orelhas e no lábio inferior.

A *área de dispersão* é relativamente pequena, restringia-se à quase totalidade do atual Estado do Espírito Santo e pequenos

trechos do sul da Bahia e leste de Minas Gerais. Representam os descendentes dos Aimorés que ocupavam largos trechos do litoral e da serra do Mar e eram muito temidos, pela violência com que se defendiam dos colonos invasores.

A família atualmente compreende os seguintes dialetos:

I — Krekmum, muito semelhante ao falar dos Naknanuk, Djiporoka e Krenak;

II — Pogichá, do rio de Todos os Santos;

III — Boruns, do rio Peruípe.

PATACHÓ — Esta pequena família linguística certamente teve outrora muito mais larga representação, ao lado dos Kamakans, Botocudos e Machecalís.

De um crânio existente no Museu Nacional, proveniente do rio Mucuri, sabe-se ser o índice cefálico da 77,1 (mesocrânio).

Os patacho são de estatura um pouco mais elevada do que os seus vizinhos. A côr da pele é pardo avermelhada.

Sob o aspecto cultural pouco diferem dos botocudo, coroado e sobretudo dos machacali.

Já não é possível saber qual tenha sido a sua área de dispersão máxima ou mesmo ao tempo do descobrimento da região onde foram encontrados. Há cêrca de um século viviam nas matas que acompanham o litoral, a certa distância do mar, entre os rios de Contas, Pardo Jequitinhonha e S. Mateus no sul da Bahia, ao lado de outras famílias ètnicamente aparentadas.

Até o presente não se conhecem dialetos desta língua.

MACHACALI — Importante família linguística, com vários dialetos. Os caracteres físicos e culturas são muito semelhantes aos das outras família afins e vizinhas. A área de dispersão conhecida é relativamente pequena, certamente fôra muito maior. Estende-se das margens do Jequitinhonha às do rio Doce, acompanhando numa estreita faixa o litoral, a certa distância do mar. Mais para o interior, atinge a bacia superior daquele primeiro rio, a região de Peçanha, o Alto dos Bois, rio Sussuí, etc. no Estado de Minas.

A família compreende os seguintes dialetos:

I — Machacali do lugar S. Miguel, no rio Jequitinhonha;

II — Kapochó, falado um pouco ao sul, entre Minas e Pôrto Seguro;

III — Kumanachó, em Minas Gerais;

IV — Monochó, nos limites de Minas e Bahia;

V — Maconí, no Alto dos Bois;

VI — Panháme, no rio Sussu Pequeno, em Minas Gerais;

VII — Malali, o mais diferenciado de todos, no Peçanha, alto rio Doce.

COROADO — Os índios coroado constituíam outrora uma família tão importante quanto a dos Botocudo. Entretanto, pouco se sabe de seus caracteres antropológicos. Quando à sua cultura era sensìvelmente semelhante a das outras famílias afins da região centro oriental do Brasil. O príncipe de Wied Neuwied, que os visitou no prmero quartel do século passado, observou que os Coroado são de tez moreno-escura, compleixão robusta e cabelo negro como carvão. A respeito dos Puris, ramo da família, diz que eram robustos, homens e mulheres, musculosos, de baixa estatura, cabelos grossos e negros, cortados sôbre os olhos e caindo dos lados sôbre os ombros, pouca barba; cabeça grande e redonda, rosto largo, maçãs salientes, olhos negros, pequenos, nariz curto e largo e dentes muito brancos. Entretanto, encontravam-se alguns indivíduos de compleição mais delicada, com nariz pequeno e aquilino, olhos muito vivos; de expressão às vêzes agradável, mas em geral grave, sombrio e astuciosa, obscurecida pela fronte abaulada. Havia indivíduos de pele bem clara, como um que conheci no comêço dêste século. A cultura muito rudimentar, oferece os caracteres essenciais do grupo étnico. Arcos longos e compridos flechas; aquêles em geral com mais de um metro e noventa centímetros, não sendo raros os que excedem de dois metros; é liso, tendo corda de fibras de gravatá (bromélia). As flechas tem pontas diferentes conforme o desti-

no. Moram em choças muito simples, frequentemente não passando de simples paraventos; comem a carne assada em espêto. Parece singular o uso de uma vela de cêra de abelha e mecha da algodão, que enrolam como um novelo e fazem aderir a um qualquer esteio. Usavam também um barrête de pele de macaco. A pintura do corpo era ordinàriamente de urucu (vermelho) manchas na testa e nas faces ou listas no rosto, ou azulada senão de jenipapo em faixas ao longo do corpo. Usavam ainda outros motivos, como barras transversais pintalgadas. As moças pintavam uma cinta em tôrno da cabeça. Fabricavam esteiras e cestos de palha, cintos para conduzir as crianças, peros aos ombros e à testa. Enfeitavam-se com colares de frutos, ou sementes tendo muita vez à frente dentes de macacos, onça, etc. Andavam nus.

A *área de dispesão* da família compreendia o SE de Minas Gerais, certo trecho do rio Paraíba até o roi do Pomba e certamente uma aprecável região ao oeste do Espírito Santo. Os três dialetos seguintes são os únicos conhecidos, sendo que os dois primeiros revelam-se muito semelhantes:

I — *Coroado*, no rio Chipotó, região de Ubá, da serra da Onça a de São Gonçalo, em Minas Gerais e NE. do Rio de Janeiro.

II — *Puri*, ao longo do rio Paraíba, no Rio de Janeiro e SL. de Minas.

III — *Coropó*, também em Minas Gerais, nas vizinhanças dos Coroados, especialmente no rio do Pomba.

CANACAN — A família conhecida por esta denominação, expandiu-se por uma área bastante vasta, no sul da Bahia, norte do Esp,rito-Santo e NE. de Minas eGrais. Os primeiros colonizadores destas regiões encontraram nos ocupando ainda uma extensa zona na região indicada, mas, ao que parece, êles se estadiam pelo interior da Bahia até o centro do Estado, quiçá até as ribas meridionais do rio S. Francisco.

Os camacã são semelhantes somàticamente aos demais Láguidos do Brasil Central. Diferem dos seus parentes mais pró-

ximos porque trazem os cabelos muito longos, caindo-lhes pelas costas; é usança de homens e mulheres. Sob o ponto de vista cultural, estão num estágio um pouco mais avançado. Dispondo de notável habilidade manual, fabricavam os seus utensílios com maio esmêro. Os dialetos conhecidos da família são os seguintes:

I — *Camacan*, falado na região compreendida entre os rios Ilhéus e das Contas;

II — *Mongoió*, no rio Pardo;

III — *Cutaxó*, nos rios de Contas e Pardo;

IV — *Menien*, no rio Jequitinhonha;

V — *Massacará*, na Bahia, perto de Juazeiro do rio São Francisco.

KAINGANG — O grupo constitui em geral os antigos gê meredionais. A sua área de dispersão era, até recentemente, muito grande. Agora, está reduzida a pequenas manchas isoladas nos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Outrora cobria vastas regiões dêstes estados e atingia os territórios vizinhos da Argentina e do Paraguai, onde ainda há remanescentes. O aspecto somático e cultural desta gente não difere muito dos que caracterizam os elementos do mesmo tipo. Estatura mediana; índice cefálico médio 74,6.

Os diversos dialetos da família, relativamente bem estudados, são:

I — Kaingang central, falado os rios Ivaí e Tiquié;

II — Kadurucré, no rio Ivaí;

III — Kamé, no rio Iguaçu;

IV — Kaingang do leste, no rio Paranapanema;

V — Kaingang do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul;

VI — Kaingang do norte, no rio Tieté, em S. Paulo;

VII — Wayana, entre os rios Uruguai e Paraná;

VIII — Ingaín, no território das Missões, na República Argentina;

IX — Aweikoma, no Estado de Santa Catarina.

NAMBIKUARA — Evidentemente o povo nambikuara constitui no seu falar uma família linguística bem caracterizada. Entretanto, apesar do esfôrço de vários americanistas, ainda não foi possível saber se o grupo pode ser incluído apropriadamente entre os Láguidos. São escassas as suas afinidade linguísticas com as outras famílias desta etnia, a despeito de se terem achado algumas correlações com os Gê, especialmente com o dialeto dos Suiá; tem-se também iniciado uma certa aproximação com o falar dos Caraja. Todavia, conquanto os nambiquara usem uma agricultura, que se não pode julgar muito primitiva, e uma cerâmica grosseira, apresentam muitos elementos culturais relacionados com os dos grupos derivados dos australóides americanos, principalmente com os do tipo Láguido. Dormem no chão, vivem em choupanas muito primitivas, usam o fôrno borralho, um barrete de pele de onça semelhante ao dos Coroados, tosco machado de pedra etc. Por outro lado, desconhecem certos elementos culturais próprios dos Brasílidos.

Talvez constituam ramo desgarrado dos australóides, os restos de um tipo étnico, ao lado dos Láguidos, Patagônidos e Huárpdos que, pela sua estadia longa nos confins das bacias do Amazonas e rio da Prata, tenha sofrido a influência, aliás muito discreta, dos povos andinos e de vizinhos brasílidos.

A família tem os seguintes dialetos:

I — Tauité, no rio Camararé;

II — Tagnani, no rio Roosevelt;

III — Kokuzu, nos rios Juruena, Juina, Papagaio e Camararé;

IV — Anunzé, no rio 12 de Outubro;

V — Tamaiindé, no rio Papagaio.

OPAIÉ — Temos aqui outro grupo de incerta filiação. Sem dúvida constitui uma família línguo-cultural, de limitada dispersão. Foram encontrados no vale do baixo Paranapanema e do médio Paraná, nos Estados de São Paulo e sobretudo no sul de Mato Grosso com a denominação de Chavantes; entre si,

se chamam *Opaié*. Nada conhecemos da sua somatologia e muito pouca da sua cultura. O vocabulário existente, estudado por Loukotka, revela intrusão, de palavras gês. A família parece apresentar dois dialetos:

I — Opaié dos rios Verde e Ivinheina;
II — Guatci de Vacaria.

OTÍ ou EOCHAVANTE de São Paulo. Índios agora extintos. Fôram encontrados entre os rios Paranapanema e Tieté, no oeste do Estado de São Paulo, onde eram conhecidos por Chavantes. Um crânio, a que se refere o Sr. von Ibering, deixa supor que os Otis eram dolicocéfalos; pele escura, pés pequenos, pernas finas, mandíbula saliente, olhos pequenos e horizontais. Quanto ao aspecto cultural, as informações correntes deixam assente que se tratava de uma população das mais atrasadas do Brasil. Usavam grandes arcos de 2,50 de comprimento e um longo dardo,; aparavam o cabelo ao redor da cabeça e faziam cortes longitudinais no pavilhão da orelha; desconheciam a cerâmica e a agricultura; não eram polígamos. Dormiam no chão sôbre esteiras e as suas chochas, muito baixas, eram rudimentarissimas. Tudo isto deixa suspeitar certa relação com os Láguidos! embora, como supomos não fossem Gê. A sua língua, realmente, ainda não pôde ser reduzida ao grupo gê ou a outra família desta etnia brasileira. Parece-nos que não seriam desarrazoado certa afinidade com os Huárpidos, atendendo a côr escura da pele. Por outro lado, Curt julga haver linguìsticamente um certo parentesco com as dos índios do Chaco (H. von Ihering). Sòmente é conhecido um dialeto:

I — Otí, de Campos Novos, em S. Paulo. (21)

CUCURÁ — É uma pequena família que foi encontrada no sul de Mato Grosso, entre os rios Sucuriú e Verde, afluente do rio Paraná. Nada sabemos de seus caracteres somáticos. Tem alguns hábitos semelhantes aos dos Carajás. Usam grandes e fortes arcos, com flechas longas e cachimbos de madeira ou de bam-

bu, o que mostra lhe ser estranha a cerâmica. Estas informações sugerem uma relação de parentesco com os Láguidos; entretanto, o que dêles se conhece não permite definitiva classificação, mesmo porque o vocabulário colhido pelo Snr. A. V. Fritche é muito incompleto. Pode-se aventar a hipótese de relações com os australóides do sul do continente, porventura com os Patagônidos.

A dúvida relativa a inclusão destas quatro últimas famílias na raça Láguido não significa que haja probabilidades muito positivas quanto à sua inclusão nos grupos referidos, Patagônidos ou Huárpidos, pois seria possível imaginar um ou mais tipo étnico, além dêsses, ainda não estudado, com representantes atualmente extintos ou extremamente reduzidos. Se o exame rigoroso da língua ou melhor dos vocabulários dêsses povos mostrar absoluta resistência a uma adequada afinidade com os idiomas dos tipos conhecidos de australoides, ficamos na contingência de admitir a hipótese indicada.

HUÁRPIDO — Constituem êstes povos sul-americanos uma raça secundária discriminada recentemente por Salvador Canals. que a destacou dos tipos então conhecidos de origem australóide, mercê dos seus caracteres específicos.

Os dados antropológicos seguintes fá-los realmente distintos em relação aos Láguidos e Patagônidos:

1)	Estatura elevada, média no homem	170 c.
2)	Estatura elevada, média nas mulheres	163
3)	Índice cefálico no crânio, média	75
4)	Índice de altura crâniana, média	85
5)	Índice facial, média	88

Pilosidade relativamente abundante, cabelo um tanto ondulado e preto; pele de côr escura. Anote-se a grande estatura.

A sua área de caracterização deve ser situada na região ocidental da América do Sul, sob a influência da cordilheira andina.

A área de dispersão, porém, abrange grande extensão, mas está hoje extremamente reduzida. Aquela compreende tôda a região sul-ocidental da América do Sul desde o Peru ao noroeste da Argentina. Com a invasão das culturas andinas que se sobrepuseram à sua, o *habitat* dêste povo foi progressivamente diminuindo até reduzir se a tratos descontínuos, situados na Cordilheira, ao longo da vertente oriental.

As principais Famílias línguo-culturais são a dos *Siríonos* e *Gurunguás*, agora tupinizadas e vivendo na Bolívia oriental; a dos *Tchiriguanos*, no Paraguai, dos *Lules*, extinta, vivera na Argentina, *Huarpe-Cometchang*, no oeste da Argentina, compreendendo os *Pehuentches e Puelches*, e, finalmente, os *Uros cipaias* do planalto boliviano.

III — PATAGÔNIDOS — Êste grande tipo étnico oferece os seguintes caracteres distintivos:

1) Estatura elevada, média no homem	1,76
2) Estatura elevada, média na mulher	1,68
3) Índice cefálico, horizontal, média	78
4) Índice de altura, média	85
5) Índice fácial, média	88
5) Índice facial, média	88

Como demonstram os dados acima, trata-se de gente de excepcional estatura; complexão atlética, com fraco dimorfismo sexual. Crânio alongado, volumoso e maciço, tendo paredes muito espêssas. São caracteres que evidenciam a sua origem australóide.

A área de caracterização da raça parece ser a das planícies argentinas ao sul do Chaco e centro da Patagônia. A área de dispersão ainda é consideravel, conquanto já apreciàvelmente reduzida em face do que fôra outróra, quando se estendia do paralelo de 12° ao extremo sul do continente (55°). Ao norte, alargava-se, projetando-se pelo território brasileiro, boliviano e

paraguaio, compreendido entre os meridianos de 47° e 65° de long. W. de Gw. Abaixo do paralelo de 30°, no Uruguai e Argentina, alonga-se para leste até as ribas do Atlântico.

Entre as famílias linguísticas mais notáveis, importa referir as seguntes:

1) *Tchon,* compreendendo os povos *Onas* que vivem na terra do Fogo e os *Teueltse,* na Patagônia austral. São conhecidos 5 dialetos da família. Nesta unidade linguística são comuns elementos de idiomas da Austrália.

2) *Pueltche-Genaken,* também vivendo na Patagônia, ao norte dos representantes da família precedente, nos rios Negro e Colorado;

3) *Pampa,* já muito reduzida, em que se incluem os antigos *Querandis,* encontrados na região de Buenos-Aires;

4) *Guaicuru,* com vários dialetos, de que cumpre referir: Caduveu, Toba, Pilagá, Carraim, Guachi e Paiaguá.

5) *Mataco-Macá,* com cerca de 9 dialetos estudados;

6) *Zamuco,* com 8 dialetos de que são 3 considerados extintos (Guaranhoca, Poturero e Zamuco do Chaco);

7) *Mascoy,* com os dialetos, Guaná do Chaco, Sanapaná, Angaité, Léngua, Maicoí e Sapuki das cabeceiras do rio Salado;

8) *Mbaá,* que se estende um pouco pelo território brasileiro;

9) *Abipone,* no rio Bermej°;

10) *Macoví,* em Santa Fé;

As três últimas são consideradas extintas. As quatro primeiras têm os seus principais representantes nos territórios contíguos do Paraguai, Bolívia e Brasil.

Além destas é indispensável mencionar ainda as três seguintes:

11) *Bororo,* com os dialetos de Bororo oriental, Orari e *Umotima* no Brasil, *Otuké* e *Covareoa* na Bolívia. Os bororos do Brasil são os representantes mais setentrionais do tipo.

12) *Guató,* no Brasil (Mato Grosso);

13) *Tcharrúa,* com os dialetos: *Guenôa, Minuano* e *Mboana,*

cujos representantes habitavam grande parte do Uruguai e trechos do Rio Grande do Sul.

14) *Tchiquito*, na Bolívia, com três dialetos conhecidos.

Sem dúvida é natural que os Patagônidos, espalhados por tão extenso território, especialmente alongado na direção dos meridianos, tenham experimentado modificações somáticas e culturais importantes. A enorme variação do clima, das condições geofísicas e de alimentação, ao lado da segregação de certos grupos, os contactos mais diversos com povos diferentes, são fatores não desprezíveis de diferenciação e explicam algumas discrepâncias somáticas e taxionômicas; podem também justificar a inclusão de certas famílias linguísticas, ainda não discriminadas no tipo. Talvez não seja estranho supor que a êste tipo étnico se relacionam os Caraiás do Araguaia, no Brasil central.

OS MESOLÍTICOS E SEUS DESCENDENTES

Os imigrantes primitivos que integraram a terceira correne, vieram da Sibéria pela corrente das ilhas Aleontinas ou pelo estreito de Bering, que transpuseram em pequenos barcos de peles armados num esqueleto de madeira. como os que ainda usam os nordestinos brasileiros para atravessar os rios, onde não há canoas. Sua cultura hiperbórea característica é semelhante à do norte da Europa, especialmente a do Báltico, que floresceu há cêrca de 5 milênios, e cuja origem é provavelmente a mesma das levas que se dirigiram para a América. Têm-se encontrado vestígios seus, de 7 mil anos passados, nas margens siberianas do Ártico, donde, provàvelmente se teriam expandido para oeste e para leste, ainda antes da domesticação da rena. Trata-se de gente com aparência mongolóide, o que certamente a relaciona mais ou menos com os povos do oriente asiático, berço do tipo racial padrão. A sua cultura de fundo marinho refere-se especialmente à pesca e à caça de mamíferos do oceano, tendo notável desenvolvimento os objetos de osso.

Usavam machados de pedra e pontas de lança dêste material. O espírito artístico era um pouco mais desenvolvido que o dos australóides. Moravam em choças semi-subterrâneas, circulares, com cêrca de 10 metros de diamêtro, sendo o tecto recoberto com terra. Alimentavam-se de carne de baleia e foca, cujos ossos se encontravam perto das suas antigas moradas, ao lado de outros artefatos de osso, madeira e fragmentos de cerâmica primitiva. Nessas populações siberianas ou de origem siberiana se distinguem dois tipos étnicos-culturais diferentes ou mesmo divergentes: um camecrânio, mesocéfalo, mais mongolizado e outro hipsidolicocéfalo. A cultura do primeiro é econômicamente baseada numa adaptação de pesca e caça marinhas, ao passo que a do segundo conserva uma velha tradição de caça e pesca terrestre, malgrado o longo exercício daquelas atividades oceânicas.

Êstes sistemas econômicos se conservam com pouca alteração até os nossos dias. Os seus descendentes continuam morando em choupanas semi-subterrâneas, agora tanto circulares como quadradas, e a indumentária, sempre que possível, é ainda de pele; os barcos forrados de couro ou de casca de árvores são de uso comum; os trenós e os cães, que domesticaram muito cedo, estão ainda ao seu serviço nas regiões árticas. Tinham como arma de arremesso o propulsor, tão em voga entre as velhas populações americanas. A cultura espiritual deixou vestígios na cremação dos cadáveres, no shamanismo e nas danças mascaradas que ainda agora se praticam.

Êstes prè-esquimós ao chegarem à península de Alasca, com o seu aspecto étnico não muito homogêneo, instalaram-se inicialmente nas costas NW da América setentrional, numa faixa estreita ao longo do Pacífico. Com o tempo, dois tipos caracterizaram-se: um ao que parece, de origem mais antiga, com dolicoidismo potencial, manifestando-se aqui e ali mais ou menos acentuadamente; outro, braquióide, agora dominando na região e nas suas vizinhanças.

Esta gente compreende presentemente 3 grupos: um seten-

trional (Tlingit, Haída e Chimésio); outro central (Walash e Atabascos do grupo Ne-Dené), e o terceiro, meridional, que parece relacionado com os Penuti da Califórnia. Êste último com as famílias lingúisticas *Salishe* e *Crimacua*. Tôda esta população possui um fundo cultural comum, atestando um largo espaço de tempo de vida conjunta e uniforme, com muitos elementos diversos, especialmente quanto ao aspecto social. O fundo comum baseia-se na pesca fluvial e costeira com o uso do arpão. Isto é característico.

Nota Canals que "por tôda parte há evidente e sugestiva afinidade antropológica entre as populações da costa NW. e as do nordeste da Sibéria".

No setor meridional encontram-se numerosos concheiros ou sambaquis, indicando a existência de uma antiga população de pescadores, composta de dois tipos humanos diferentes: um dolicóide e outro braquióide. Mas, em certos depósitos foram achados conjuntamente crânios de um e de outro tipo. Ao que parece, aquêle é mais antigo na região. Supõe-se que os braquióides vieram posteriormente do interior e introduziram ali muitos elementos culturais desconhecidos, como o cachimbo tubular de pedra certa arte de estilo geométrico, etc. Verificou-se também (Smith) nessa parte meridional da costa NW., enterros de cadáveres recobertos de pedra e terra, parcialmente cremados. Êste elemento de cultura tem sido encontrado no NE. brasileiro (gruta do Magé, no Ceará, gruta do Padre, em Pernambuco, etc.)

Os descendentes desta TERCEIRA CORRENTE deram origem aos seguintes tipos étnicos, até o presente conhecidos:

Na América do Norte:
I — Esquímido;
II — Pacífido;
III — Califórnido.

Na Amérca do Sul:
I — Fuégudo;
II — Nordéstido.

Êste último é ainda problemático, como veremos adiante.

Os *Esquímidos* não interessam à presente notícia, por isso que a sua área de dispersão é o litoral norte do Canadá e a Groelândia.

Quanto ao tipo *Pacífido*, relativamente braquicrânio, a zona de caracterização parece ser a costa Nordeste daquele mesmo país, compreendendo o interior do Alasca. Um grupo isolou-se no sul dos Estados Unidos ,ao norte da fronteira americana e pequenas parcialidades disseminaram-se, em época não muito remota, pelo oeste dêsse país.

As principais famílias desta raça são:

1) — Mosanica.

2 — Atabasca.

Os mais interessantes representantes dêste grupo estendem-se com algumas interrupções, do norte do México ao Alasca e do Pacífico ao que trás o seu nime. A esta família pertencem os célebres *Apaches*, os *Navajos* e *Lipames* que ocupam uma grande área no Novo México, Utah, Colorado, Kansas e Texas, bem como pequenos trechos no norte do México.

Talvez a parte branquicéfala dêsse tipo fôsse de uma irradiação da 4ª corrente.

O tipo CALIFÓRNIDO oferece maior interêsse. Conquanto os primeiros mesolíticos fôssem de baixa estatura (esquímidis), relativamente dólico-hpsicrânios, os Califórnidos, que chegaram depois, numa segunda vaga imigratória, eram mais altos, apresentavam acentuado mongolismo (braquicefalia) e relativa *camecrânia*.

Ao chegarem à costa do Noroeste encontraram os antecessores dos esquímidos que, em vários lugares preferiram abandonar os primeiros pagos ou se cruzaram com os novos ocupantes; por sua vez, êstes, encontrando em certos lugares alguma resistência da parte dos primeiros habitantes, se internaram em rumo de leste e depois derivaram para o sul (Pacífidos) ou per-

longaram o litoral para o sul, indo ocupar as costas da Califórnia (Califórnidos) e mais tarde, continuaram pela costa, no mesmo sentido. A expansão nesta direção não findou ali; estendendo-se progressivamente por tôda a costa do Pacífico, foi até o extremo meridional, onde originou o tipo FUÉGUIDO. Não parou ali, prosseguiu, contornando o extremo do continente e ganhando as ribas do oceano Atlântico, pelas quais êstes mesolíticos seguiram, rumo norte, paulatinamente, indo alcançar, ao que parece, as costas brasileiras. Nesta extensa e secular marcha, deixavam aqui e ali inequívocos vestígios de sua passagem e restos da sua cultura específica.

Esta expansão deve ter atingido a Califórnia há cêrca de 5 milênios (Kroeber), talvez antes. Ali teriam os mesolíticos encontrado uma população vinda do interior do continente, oriunda das duas primeiras correntes, porém apresentando mais acentuadamente os caracteres somáticos da segunda. Do cruzamento consequente e da adaptação mesológica resultou o tipo CALIFÓRNIDO (Canals).

Dos remanescentes desta gente, o grupo mais característico é o dos YUKI, que viviam ao norte da baía de São Francisco. Trata-se de um tipo de baixa estatura, dolicocéfalo (índice 76), com abóbada craniana e face baixa (índice médio de altura, cêrca de 81 e facial de 78). Nariz relativamente chato (índice nasal 81). Da sua área de caracterização na costa, estenderam-se os Califórnidos um pouco para o interior, pelos vales dos rios São Joaquim e Sacramento e suas adjacências. Pela costa o seu *habitat* alcançava tôda a península da Califórnia.

As mais interessantes famílias do tipo são:

1 — Penutia (Maidu, Miwok, etc.)

2 — Hoka (Yuki, Wappo, etc.)

FUÉGUIDO — Os mesolíticos, que deram os Califórnidos, continuaram perlongando o litoral do Pacífico para o sul, viajando nos seus pequenos barcos de couro ou nas suas simples jangadas. Conduziam cães domesticados e estacionavam nos lu-

gares mais abrigados das costas, nas enseada e baías, mais propícias ao exercício do seu sistema de pesca e caça. Nesses pontos, em geral, deixaram, como testemunho de suas moradas, os sambaquis típicos, formados de terra e pedra com carvão vegetal e numerosas conchas de moluscos, material mais abundante, ao lado de ossos de peixe, de aves e mamíferos terrestres e marinhos; utensílios ou fragmentos de objetos de pedra, cerâmica e osso, pilões de rocha com a sua mão do socar ou moleta, amuletos, machados de pedra polida ou semi-polida, etc. Compreende-se que largos trechos do litoral não foram ocupados, ora porque não lhes ofereciam boas condições de vida, ora porque ocupantes anteriores dominavam.

À proporção que se consideram os vestígios dêste povo mais ao sul, na costa ocidental, observa-se uma certa diferenciação cultural e da forma dos ossos do esquelêto.

Isto provàvelmente resulta quer da adaptação às condições ambienciais diversas e a cruzamentos com populações mais antigas das costas americanas. Os sambaquis das costas do Peru e do Chile atestam a passagem dêstes velhos pescadores que já poliam as pedras do seu uso. Na costa chilena, de Cobija até Huasco, encontrou-se um povo chamado Chango, agora extinto, que seguramente constituía um remanescente das populações mesolíticas desta corrente. Os Changos eram de pequena estatura (158 cents.), tinham cabeça dolicóide e baixa abóbada craniana (Ibar). Mais ao sul, foram achados restos ainda mais evidentes dos pescadores mesolíticos. Um pouco mais adiante vamos encontrar os FUÉGUIDOS atuais (Imbelloni). O estudo antropológico dêste povo mostra a sua clara expressão esquimóide. Baixa estatura, 156 c. nos homens e 146 c. nas mulheres; o dolicoidismo é indicado pelo índice médio de 77 e o *camecranismo*, pelo índice 83, a carena creniana típica, a face baixa (índice 84) bem como muitos traços da sua cultura não permitem dúvidas quanto ao parentesco com os imigrantes da terceira corrente (Canals).

A área de caracterização do tipo étnico foi a costa SW. do

Chile; a de dispersão abrange não só a Terra do Fogo como todo o arquipélago até o extremo sul. Há sinais de haver existido em alguns pontos do litoral oriental da Patagônia, onde agora vivem os Onas. Os sambaquis explorados naquelas costas revelam os sinais característicos destas construções próprias dos velhos caçadores marinhos e exímios pecadores, com utensílios de osso e de pedra polida.

Pelas estimativas do explorador Bird os sambaquis da Terra do Fogo datam de cêrca de 1.800 anos, o que de certo modo concorda com os cálculos, sob bases diferentes, de outro explorador, o Sr. Lathrop. Êste atribui a estas construções de 1.300 a 2.600 anos. Segundo Canals, esta última estimativa é a que parece mais próxima da verdade. Podemos, consequentemente, admitir que os mesolíticos canoeiros dobraram o extremo sul do continente aí pelo meado do primeiro milênio antes de Cristo.

Sambaquis com as mesmas especificações têm sido encontrados nas costas sul-americanas do Atlântico, muito mais ao norte, no litoral brasileiro e até no rio Amazonas.

NORDÉSTIDOS. Alguns fatos positivos deixam supor que, além dos tipos étnicos desta corrente, já nomeados, existe pelo menos mais um, que poderia ser denominado *Nordéstido*, por isto que, certamente a região costeira do nordeste do Brasil, abrigara uma população de origem mesolítica, provàvelmente ali chegada do sul, perlongando o litoral. Sem dúvida, se assim fôra, existem vestígios da passagem dêsses indígenas em outros pontos das costas brasileiras, onde teriam estacionado.

No Ceará, na costa entre as barras dos rios Acaraú e Aracati-mirim, encontra se ainda um resto muito degradado dêste povo, que os colonizadores conheceram com o nome de *Tremembe* ou *Târamembé*. Malgrado o estado de aculturação destas relíquias mesolíticas, é ainda possível observar caracteres e indícios culturais que justificam a criação de um tipo étnico. Ao que parece, a área de formação do tipo teriam sido as costas nordestinas do Brasil, do cabo de São Roque à baía do Mara-

nhão. A área de dispersão estender-se ia talvez pelas costas paraenses e pelas margens meridionais do rio Amazonas até o atual *habitat* dos índios Muras. Os remanescentes marinhos seriam os Tremembés e os fluviais, os Muras. Quanto a êstes, já Canals presumia a possibilidade de uma filiação à corrente mesolítica, como restos de um quinto tipo étnico.

Os *muras*, povo ictiófago e pescador, de baixa estatura (154 c. segundo Barbosa Rodrigues), viviam no rio Madeira e nas suas canoas de cascas de árvores cosidas, caçavam mamíferos aquáticos com arpão. "Seria, observa ainda aquêle sábio americanista platino, como se os *muras* tivessem conservado na região amazônica a atividade tìpicamente marinha dos nossos mesolíticos. Porém como no lugar não há focas, o que caçam são tartarugas e manatins".

Ora, em vários pontos do baixo Amazonas têm-se encontrado sambaquis, tais como o de Taperinha, perto de Santarém, Pinheiro, na região de Belém, Cachoeira na ilha de Marajó, e outros.

Por nossa parte admitimos com algumas reservas que os *Tremembés* constituiam relíquias dêstes mesolíticos, espalhados pelas costas nordestinas do Brasil. Ao que parece, nunca se internavam, limitando seu *habitat* as praias e margens dos estuários dos rios mais caudalosos. Dominavam todo o delta do rio Parnaíba e Acaraú e tudo leva a crer que estavam também senhores das baías do Maranhão e de São José, bem como da costa do Maranhão até o Pará, de onde teriam sido expulsos pelos Tupinambás que ali chegaram no XVI século. Ao serem notados pelos colonos portuguêses no comêço do XVII século, viviam ainda normalmente nas costas cearenses ao norte do estuário do rio Curu e iam além do delta do Parnaíba, dominando as praias dos Lençóis. Levavam as suas excursões venatórias, para sul, provàvelmente até o Mucuripe ou Apodi e para o norte até a baía de S. José, no Maranhão. O delta parnaibano era o seu *habitat* predileto: corriam-no todo, bem como as costas vizinhas do mar, nas suas pequenas canoas. Supõe-se que usavam, para

vadear os estuários dos rios costeiros, barcos pequenos de couro de tapir armado num esqueleto de madeira; esta suspeita provém de que os colonos de região, posteriormente, para o mesmo fim, empregavam barco semelhante utilizando o couro de bovinos. No mar, também se serviam de pequenas jangadas, com paus ligados longitudinalmente com amarras de cipós (lianas). Os colonos e cronistas consideravam-nos tapuias porque não falavam a língua geral ou dos tupis. Entretanto, não eram Láguidos como os seus vizinhos do interior. Da sua língua restam alguns vestígios em poucos topônimos e num ou noutro antropónimo. Grandes pescadores do oceano, tornaram-se famosos pelas suas pescas aos tubarões tão abundantes nas suas costas. Ao pressentirem o esqualo, arrojavam-se ao mar com um pau bipontado de tamanho adequado, prêso ao meio numa corda. Quando o tubarão investia, o pescador esperava mergulrando calmamente que abrisse a boca; então, ajustava o pau entre as mandíbulas, de modo que, quando a fera marinha fechasse violentamente a boca para segurar-lhe o braço, cravava fortemente nas pontas do pau. Isto feito, restava rebocar o peixe para a terra, depois de morto a pauladas. Caçavam as enormes tartarugas do mar, frequentes nas praias do Acaraú e Parnaíba. Exímios nadadores e canoeiros, abrigavam-se, quando em luta contra outros índios e os colonos nos mangais dos estuários, cujos meandros mais recônditos conheciam. Usavam arcos, flechas e arpões; possuíam machado de pedra polida, sendo alguns em forma de crescente ponções e raspadeiras de pedra e de conchas de grandes moluscos. Fabricavam rudimentares vasos de argila mal preparada. Tinham enfeites de pedra polida, contas de pedras perfuradas. Pouco se sabe da sua somatologia, mas, ao que se supõe, era gente muito robusta e de regular estatura. O pe. Ivo d'Evreuz diz que os Tremembés se alimentavam ordinàriamente de peixes, porém iam à caça; não gostavam de fazer hortas (agricultura) nem casas; moravam sob choupanas e preferiam as planícies às florestas. Com mais destreza que os Tupinambás pescavam à flecha. São tão robustos, acrescenta o padre, a ponto de segurarem pelo

braço um dos seus inimigos (Tupinambá) e atirarem-no ao chão como se fôsse um capão (galinha). Dormem ordinàriamente na areia. (29)

OS NEOLÍTICOS DA QUARTA CORRENTE E SEUS DESCENDENTES

Os componentes desta corrente imigratória chegaram à América em número elevado, já em pleno Holóceno, mas em camadas descontínuas, mais ou menos espaçadas, durante tempo bastante dilatado, por via paramarítima ou mesmo oceânica. Eram braquicéfalos, de baixa estatura e tipo mongolóide, neolíticos agricultores, ceramistas, tecelões e navegadores.

A irradiação de paleomongolóides da Ásia Oriental, área de caracterização dêste povo, lançou um importante ramo na direção sul e sueste que se foi sobrepor ou justapor às velhas populações australóides das regiões sul-orientais do continente e do vasto arquipélago indonesiano. Nesse meio teve origem a raça Protomalaia que se adaptou muito bem naquelas grandes e pequenas ilhas intertropicais, quentes e úmidas. O desenvolvimento extraordinário ali da sua cultura originária, prova-o satisfatòriamente. A agricultura, a cerâmica, a navegação floresceram e imprimiram nos velhos indonésios um admirável dinamismo, orientado principalmente no sentido colonizador, que os levaram a se expandir pela infinidade de arquipélagos e ilhas da Oceania. Ocuparam a quase totalidade destas terras polinesianas e micronesianas. Chegaram aos mares e ilhas da China, do Japão, Filipinas e ao litoral continental mais próximo que em vários lugares receberam a sua característica influência étnica e cultural. Das costas da China-norte à América, nada pràticamente faltava. Por mar, navegando nos seus barcos armados de balancim, ou perlongando as costas asiáticas e os cordões de ilhas, do Japão ao Kantchatca e desta península pelas Aleutinas, senão também pelo próprio estreito, teriam chegado ao Novo Continente. Facilitavam a marcha por ali em certas épocas do ano as correntes marinhas quentes

que temperavam os ares frios das regiões setentrionais do Pacífico e ajudavam a marcha das embarcações. Desta maneira os protomalaios teriam alcançado a América, provàvelmente no curso do 8º ao 2º séculos do 3º milênio pretérito. Daquelas costas setentrionais do continente, de clima inadequado a um povo intertropical, sob a pressão de temperatura que lhe não era familiar e a que sua cultura não se ajustava, desceram até alcançar praias mais convenientes à sua conformação de povo de origem e formação tropical.

Consequentemente, ter-se-iam estabelecido primeiramente nas costas, ao que se crê, entre os paralelos 30º N. e 5º S., isto é, do México à Colômbia. Efetivamente, muitos dados harmoniosamente correlacionados indicam essa porta de entrada do continente a êste povo. Admitimos que das costas do istmo do Panamá especialmente e das suas vizinhas, penetraram as levas invasoras, depois de um estágio nos litorais próximos, onde as condições mesológicas lhes pareciam convenientes, naturalmente em contacto mais ou menos estreito com populações de cultura inferior das correntes anteriores. Desde então os cruzamentos étnicos e culturais tiveram início, dando lugar a um comêço de diferenciação antropológica, acentuada sob o estímulo das condições físicas do meio geográfico, especialmente da alimentação diversa da que lhes ofereciam as plagas nativas do Velho Mundo.

Os protomalaios eram gente de baixa estatura, braquióide, portadora de uma cultura média, nova no solo americano. Introduziram a pedra polida, uma agricultura relativamente adiantada e sobretudo uma cerâmica avançada, cuidadosa, mais ou menos ornada, de textura fina e formas mais ou menos elegantes. Ainda como elementos característicos traziam os crânios troféus, a zarabatana, as pontes pênceis, os palafitos, o hábito de mastigar betel, aqui derivado em coca, com cal, entêrro primário ou secundário em urnas, os *mounds* usados nas terras baixas ou alagadiças, alguns animais e plantas domesticados, a habitação fixa, a arte de tecer fibras e a organização social do tipo matriarcal.

Muitas circunstâncias indicam que do litoral onde primeira-

mente se estabeleceram expandiram-se em várias direções para o interior até dominarem a maior porção da zona intertropical do continente e apreciáveis trechos das melhores terras subtropicais, num e no outro hemisfério.

Os tipos étnicos derivados desta corrente, até o presente conhecidos, ou melhor, admitidos são:

Na América do Norte: a) Sudéstido

Na América do Sul: b) Brasílido

Não é descabida a hipótese de que êstes tipos já traziam do país de origem germes de diferenciação, senão positivamente somática ao menos cultural, dada a extensão e variedade do território de formação e de expansão de onde procederam e as etapas intermédias porque passaram.

SUDÉSTIDO. Conforme Canals, que justificou satisfatòriamente a existência dêste tipo, trata-se de gente com estatura relativamente elevada, cêrca de 170 cents. no homem e 153 na mulher; bráqui ou mesoc-fala, com índice médio de 82, calota craniana alta, índice médio de 85. Convém atentar nos dois caractères diferenciais de relativa altura e hispsicrânia.

Supõe êste autor que a área de caracterização é o SE. da América do Norte e que a aréa de expansão deve ser aquela mesma em que os colonos europeus os supreenderam, compreendendo especialmente os estados norte-americanos da Flórida, Alabama, Mississipe, Tennesse e regiões vizinhas. A sua influência cultural teve maior expansão, tanto para o norte como para o sul através das Antilhas.

A formação étnica do tipo teria resultado do cruzamento de populações protomaláias, já relativamente espúrias, chegadas das costas ocidentais da América pelo litoral do gôlfo do México. Eram mais ou menos semelhantes aos nossos aruaques; braquicéfalos e camecrânios de baixa estatura que pelo cruzamento com australóides dolicocéfalos acrocrânios deram o modêlo racial descrito. Às primeiras migrações do ocidente, cumpre ajuntar as subsequentes, numa corrente relativamente

contínua. Dêstes ádvenas, alguns ficavam integrando o tipo, outros, com pouca demora ali, passavam e iam além e pela península da Flórida, ao que se supõe, teriam passado às Antilhas. Mas, é necessário considerar imigrações proteriores, de elementos da quinta corrente de povoadores, chegados da América Central, com elementos da sua alta cultura, contribuindo para a definitiva caracterização da raça. Parece comprovarem êstes fatos certos elementos arqueológicos descobertos na área de dispersão e recentemente estudados.

As famílias línguo-culturais mais interessantes dêste tipo, relativamente novo, são:

1) Muscogui, incluindo os Natchez, Cric, Seminola, Chicasas, Chocta, etc.
2) Iroquez meridional, compreendendo os Cayuga, Déneca, Oneida, etc.
3) Cheroqui,
4) Hurons,
5) Tuscarora,
6) Cado meridional.

Afora certos povos extintos que habitavam o litoral do Gôlfo do México, como os Tunica, Toncave, Carancava, Timucua, Calusa, etc.

Sob a influência civilizadora dos povos de alta cultura do México, êstes Sudéstidos absorveram ou incorporaram importantes elementos culturais novos, como também transmitiram vários dêles a povos seus vizinhos, inclusive a muitos Brasílidos, através das Antilhas.

BRASÍLIDO. Êste importante tipo étnico, cuja área de caracterização parece estar situada na região ocidental cisandina da bacia do Amazonas, ao norte do curso do rio dêste nome, oferece particular interêsse para o objetivo dêste esbôço de préhistória do Ceará. Logrou, porém, enorme difusão pelas regiões

quentes e úmidas da América do Sul, pelas ilhas do mar das Caraíbas. Teriam chegado à bacia Amazonas depois de galgarem as gargantas mais accessíveis dos Andes setentrionais. Aí estruturados, desceram pelos afluentes do NO. do grande rio. Uma certa porção teria também chegado, ao que parece, subindo o Orenoco e seus afluentes setentrionais, depois de haver alcançado o continente pela cadeia antilhana, partindo da Flórida.

As extraordinárias habilidades náuticas dos protomaláios, seus ancestrais, teriam sobremaneira contribuído para esta expansão dentro da amplíssima bacia amazônica. As do Orenoco e Paraguai, dominaram fàcilmente mercê da adaptação das suas canoas à navegação fluvial.

Como agricultores, preferiram as terras florestadas, úmidas e quentes, férteis e fáceis de trabalhar, tão abundantes nos numerosos vales destas grandes bacias fluviais. Todavia, não se conservaram nos limites das suas vertentes; pelos grandes afluentes chegaram a dominar a quase totalidade da América do Sul, acima do paralelo do 30º sul, com exclusão das regiões frias ou estéreis das altas montanhas, os campos áridos e os desertos, impróprios às culturas da mandioca e do milho. Da bacia do Paraná, subindo pelos maiores afluentes dêste rio, como o Tieté, Paranapanema, etc., alcançaram as bordas orientais do planalto e pelos rios da bacia do Atlântico ganharam o litoral de São Paulo e Rio de Janeiro. Do rio Paraguai foram ao Uruguai e também alcançaram o litoral do sul do Brasil. Pelo Amazonas, igualmente chegaram às ribas dêste Oceano. Povoaram alguns tratos do litoral do Pacífico e do mar das Caraíbas, e até alguns trechos das quebradas arborizadas da cordilheira. Alcançaram o Chaco e o baixo Paraguai. No Nordeste do Brasil habitavam os lugares menos áridos, alguns vales frescos e trechos das margens do rio S. Francisco, bem como o litoral atlântico ao sul da barra dêste rio e um pouco ao norte. Na costa norte do Brasil viveram nos melhores rincões e em alguns vales da vertente atlântica no Maranhão, no Pará, nas Guianas e Venezuela. Grande parte dêstes lugares foi conquistada aos

australóides e mesolíticos, processo que ainda continuava por ocasião do descobrimento da América.

Com a conquista do centro leste do Brasil pelos europeus, os brasílidos que já se tinham fixado no litoral, refluíram em grande parte para o norte e para leste e noroeste, retornando muitos para as margens do rio Amazonas, para o litoral do Maranhão e outras paragens mal conhecidas. Nestas migrações levavam os Brasílidos de roldão os Láguidos, passando através ou à margem dêles. Dêste jeito foram encontrar as levas que muito anteriormente, descendo o Amazonas, se haviam estabelecido no Pará.

Antropològicamente os Brasílidos se caracterizam, quanto ao aspecto físico:

1) Estatura baixa, média nos homens 160
2) " nas mulheres 147
3) Cabeça um tanto curta e baixa, sendo:
   a) Índice cefálico, médio 82
   b) Índice médio de altura 80
4) Cara larga; índice facial 79
5) Nariz um tanto chato; índice nasal médio 82

Completa êste quadro: compleixão assás robusta, musculatura desenvolvida, espáduas largas e amplo tórax; mãos e pés grossos e curtos, tronco desenvolvido e membros curtos. Tudo isto dá aos brasílidos um aspecto geral braquióide, que os faz parecer parente próximo dos mongóis. Porém um contacto com os velhos habitantes paleolíticos e mesolíticos dólico-hipsicrânios ou mesocéfalos, em algumas regiões modificaram seus traços antropológicos característicos, mas sem mascará-los completamente.

Quanto ao aspecto cultural, as suas indústrias neolíticas foram sempre melhorando e delas fizeram uso inteligente, adaptando-as às circunstâncias do meio. Não raramente impuseram

às tribos vizinhas de cultura inferior importantes elementos, melhorando a vida de velhas tribos paleolíticas. Foram grandes difusores de cultura.

As grandes famílias dêste tipo étnico são:

1) — Aruaque
2) — Tupi-Guarani
3) — Caraíba e Peba.

Tôdas com numerosos dialetos e largamente representadas no Brasil.

As famílias de média importância são:

4) — Pano
5) — Tucano
6) — Cariri
7) — Jibaro
8) — Uitoto
9) — Zaparo
10) — Yuracaré
11) — Tchapacura
12) — Mosetene.

Ainda outras famílias são conhecidas, mas sua importância é secundária, especialmente aos fins que determinaram o objetivo dêste trabalho, de cunho regional.

Incluímos a família *Cariri* porque já tivemos oportunidade de demonstrar em outro trabalho que, ao contrário do que se admitia geralmente, não é do grupo gê, mas do tipo Brasílido (Rev. Inst. Ceará, Tomo LXIV, 1950, pág. 314 a 349).

Com bons fundamentos deve admitir-se que os Brasílidos correspondem a pelo menos 3 sub-correntes imigratórias dos protomaláios, cada uma composta de numerosas vagas. Presumimos que a primeira sub-corrente dêstes povoadores neolíticos teria dado o lastro fundamental do tipo Sudéstido, já referido. Esta

penetrou o continente, depois de se ter estabelecido nas costas do México, ao sul da Califórnia, onde aportara; passando para o gôlfo, seguiu para o norte, indo fixar-se no sul dos Estados Unidos, em a região do delta do Mississipe e suas vizinhanças, área de caracterização dos Sudéstidos. A segunda sub-corrente protomaláia teria acostado mais ao sul, na região do istmo e norte da Colômbia; internou-se em busca das montanhas andinas, seguindo para leste. Transpondo o divisor de águas, desceu sobretudo pelos afluentes noroestinos do Amazonas e se estabeleceu nas planícies que ali se estendem das quebradas dos Andes para leste. Ao que parece, nesses páramos sombrios, cobertos de densas florestas, seccionou-se em vários grupos que se isolaram, dando origem a diferentes famílias línguo culturais que dali se expandiram em diversas direções, deixando, geralmente importantes remanescentes ao norte e ao sul do Maranon, em território colombiano, peruano, equatoriano e brasileiro. Mas, nem tôdas as formações étnicas subsistiram naquela região, algumas ter-se-iam extinguido, outras emigraram sem deixar ali remanescentes apreciáveis. Cremos que entre estas devia estar a dos proto-cariris.

A mata virgem driática, portentosa como a da bacia amazônica, constitui poderoso fator de isolamento de grupos humanos, desde que êstes não tenham excedido a um certo desenvolvimento demográfico mínimo. Êste limite não teria sido alcançado antes da caracterização de muitas famílias, étnica e culturalmente divergentes daquela segunda sub-corrente imigratória de protomaláios, que consideramos a primeira da formação do tipo Brasílido.

com a subsequente chegada de novas vagas do oeste, e o crescimento vegetativo das tribos, surgiu naturalmente um regímen de competições e guerras, dando lugar a dispersão mais acentuada dêstes povos para leste, para o sul e sueste, mas, em geral a área de expansão nunca fôra muito dilatada. Poucas as tribos, como a dos cariri empreenderam uma migração excepcionalmente longa. Os cariri chegaram às margens do ramo oriental do rio São Francisco, depois de um perambular dramático

pelo rio Amazonas e o seu afluente Tocantins, através de regiões muita vez habitadas por hordas de descendentes dos australóides das primeiras correntes. Nesta jornada, os cariri, naturalmente, perderam por desnecessários alguns elementos da sua cultura original e adquiriam outros sob a imperiosa contingência mesológica dos seus novos domínios, invenções ou empréstimos aos povos com quem se haviam em contacto.

A terceira sub-corrente de protomaláios invasores ou a segunda das que deram origem aos Brasílidos, teria entrado no continente pelas costas noroeste da Colômbia e fôra, sensìvelmente pelos caminhos trilhados precedentemente pelos representantes da sub-corrente anterior, ter ao noroeste da bacia do Amazonas, talvez um pouco mais à jusante de onde a anterior estacionara no seu processo de formação, elegendo por aí a sua área de caracterização da qual resultou a grande família Caraíba.

Uma quarta sub-corrente chegou a essas mesmas paragens, oriunda também do istmo e das costas colombianas. Também no noroeste da bacia do Amazonas estabeleceu a sua área de caracterização de que resultou o povo Tupi Guarani belicoso e andejo.

Finalmente, a quarta sub-corrente geradora do tipo Brasílido, (5ª dos protomaláios) produziu a grande e interessantíssima família Aruaque. Os fatos que teriam condicionado a formação desta família são, ao nosso ver, mais complicados. Supomos que as levas protomaláias correspondentes entraram pela costa da América Central, ao Norte do Panamá. Parte encaminhou-se para nordeste e norte, e ao que supomos, alcançou as costas do gôlfo do México e por entre os Sudéstidos chegou à Flórida. Outra parte, certamente mais numerosa, desceu pelo istmo, e pelo norte da Colômbia, transpôs a cordilheira alcançando, como as precedentes as largas planícies do noroeste amazônico, onde está a sua área de caracterização. A expansão dêste povo foi extraordinàriamente grande pela América do Sul intertropical e subtropical.

CARIRI. Esta família foi encontrada ocupando uma área

não muito extensa, que se estendia do sul do Ceará ao centro da Bahia e do oeste de Pernambuco às quebradas orientais da Borborema. Mas nem todo êste território estava senhoreado pelas hordas cariri; elas se tinham localizado nos melhores sítios, nas regiões mais férteis e menos áridas, nos vales frescos, ou úmidos como o que tem o seu nome, no Ceará, nas serras frescas, no vale do rio São Francisco, nas cabeceiras de alguns rios baianos da drenagem atlântica ao norte do rio das Contas. Viviam naquele âmbito, interpostos com os cariri tribos gê, tupí, fulniô, tarairiú, caraíba, e outras de origem ainda não determinada.

Ao que se supõe, teriam chegado a essa região, vindos do norte, como era tradição entre êles, e do noroeste. O caminho provável, mais ajustado às suas condições de vida e à sua cultura neolítica teria sido o curso navegável de rios caudalosos, no nosso entender o próprio Amazonas e o Tocantins.

Uma vez estabelecidos nas margens e ilhas do São Francisco, depois de algum tempo tiveram de expandir-se premidos pela necessidade de espaço com o crescimento das tribos; seguiram então levas para o norte, pela serra da Borborema até alcançar o rio Salgado, afluente do Jaguaribe, no Ceará, onde foram ocupar o vale entre as serras do Araripe e de S. Pedro, abundante d'água e todo o vale do rio Salgado que era então perene. Possìvelmente, ainda no Ceará moravam em trechos limitados das bacias dos rios Cariús, dos Porcos ou Podi-mirim, rio das Antas, do Rosário e de poucos outros, afluentes do Salgado. Viveram no oeste da Paraíba, nas cabeceiras do rio das Piranhas, nos melhores tratos da serra da Borborema. Outras levas preferiram marchar para o sul e os cariri se espalharam pelos sítios mais férteis do oeste de Sergipe, por tratos bem escolhidos das bacias dos rios Itapicuru e Paraguaçu. Quase nada se sabe da somatologia do Cariri, além de que tinha estatura baixa, e cabeça curta. A sua cultura, porém, é bem melhor conhecida, com veremos oportunamente. Por enquanto, baste referir que, como neolítico praticava a agricultura e usava uma cerâmica re-

lativamente desenvolvida embora bem inferior a dos Aruaque e Tupi.

A família decompunha-se em os 4 dialetos seguintes:

1) — Kipéa, na serra dos Cariris;
2) — Dzubucuá, no rio S. Francisco;
3) — Camuru, falado na aldeia da Pedra Branca, na Bahia;
4) — Sabujá, na serra da Chapada, na Bahia.

Êstes dialetos foram mais ou menos estudados, especialmente os dois primeiros. Possìvelmente devem ter existido outros, que se perderam. Os índios dos Cariris Novos, no Ceará, provàvelmente usavam um dialeto algo diferente dos referidos, como alguns topônimos deixam suspeitar. (23)

CARAÍBAS. Parece certo que, depois dêstes protomaláios de que se originaram as famílias precedentes, os que alcançaram as costas pacíficas da América Central foram as levas mais ou menos homogêneas que deram diferenciações locais, os povos *Caraíbas* ou *Caribas*. Esta família línguo-cultural, que chegou a ter notável desenvolvimento vegetativo e disseminou-se por uma grande área sul-americana, embora bem inferior às das duas outras de Brasílidos que provieram de novos contingentes indonesianos — *Tupi* e *Aruaque*, posteriormente imigrados, desempenhou um interessante papel no complexo demográfico sul americano pré colombiano, pelo seu dinamismo, espírito agressivo e conquistador.

Admite-se que a área de caracterização da família e êsse estendia dentro da bacia do rio Orenoco, nos atuais territórios da Venezuela e Guianas, provàvelmente interessando também o leste da Colômbia. Nessa região teriam desenvolvido o que há de próprio e característico na sua cultura, inclusive os traços essenciais da sua linguagem. (24) Presume-se que os antepassados dêste povo alcançaram essa região descendo pelos

afluentes orientais do mencionado rio, depois de haverem transposto a cordilheira andina ou contornado os seus espigões setentrionais, porventura mesmo perlongando as costas do mar das Antilhas em suas canoas, senão marchando pelas praias, ou melhor pela faixa litorânea. Tôdas estas vias os teriam levado à corrente principal daquele grande curso d'água, donde, pelos afluentes da vertente oposta, conseguiram alcançar as Guianas e a bacia superior do rio Negro. A área de dispersão, muito mais dilatada, alcançou uma notável extensão mercê da sua cultura avançada sôbre as dos povos que porventura encontravam nesse processo de dominação territorial e das suas habilidades como navegantes fluviais. Ocuparam muitos rincões da vertente norte-oriental da bacia amazônica e chegaram a dominar apreciáveis tratos ao longo de alguns afluentes meridionais do grande rio, como nas cabeceiras do rio Xingu (Bacaeri). Para a região nordestina do Brasil, ao que parece, infiltrando-se nos gê, foram ter às cabeceiras do rio Parnaíba, numa região imprópria ao seu natural estilo de vida (Pimenteiras).

Entretanto, não viviam os Caraíbas meridionais ao sul das cabeceiras do Xingu e nunca procuramam assenhorear-se de territórios nas regiões ocidentais da bacia amazônica, sobretudo ao sul do leito principal do rio. Apenas poucas tribos, como que desgarradas, foram por ali encontradas. Os Umauas e Kianagoto dos rios Japurá e Apaporis bem como outras tribos, algumas das quais já extintas, seriam os mais velhos representantes da estirpe que os acomodaram naquelas paragens subcordilheiranas, logo depois de terem galgado os Andes e alcançado as florestas e rios navegáveis. Uma ou outra posteriormente ali chegara de retôrno e se adaptara à cordilheira. Nos rios Madeira, Tapajós e Xingu ficaram as tribos que alcançaram as zonas mais meridionais: Palmelas, Arumá, Bakaeri, Calapago etc. Talvez a área de dispersão dos Caraíbas, anteriormente, tivesse maior extensão. O fato de se haver encontrado uma tribo isolada no Piauí, entre povos Láguidos, e infiltrações de sua linguagem nos estoques gê sugere a possibilidade de que no Nordes-

te do Brasil ou na região são-franciscano sententrional, êles tivessem tido mais larga representação, conquanto o meio geográfico não se assemelhasse ao que era geralmente procurado pelas tribos mais representativas da família, gente essencialmente habituada às florestas tropicais, rios navegáveis, e atmosfera úmida. Certa cerâmica de origem não tupi, mas de melhor confecção do que a dos descendentes dos australóides nordestinos, encontrada em alguns lugares do Ceará, parece indiciar o fato de que outrora, tribos Caraíbas tivessem, talvez eventualmente, demorado no âmago do Nordeste. Esta hipótese, contudo, não assenta em bases sólidas, pois aquela cerâmica bem poderia ter origem em artezões cariris ou de algum outro povo que desapareceu sem deixar outros vestígios seguros de sua existência. Há no território nordestino outros indícios da existência pretérita de velhos habitantes que se não podiam filiar a uma estirpe láguida ou mesmo brasílida das famílias conhecidas atualmente.

O fundamento para admitir que os Caraíbas chegaram a América do Sul, antes dos Aruaques, repousa no fato significativo dêste povo ter crenças e costumes pertencentes a um estado cultural mais arcáico, seguramente anterior ao dessa última família (P. Radin). Sem dúvida a cultura caraíba não só é essencialmente sul-americana, como oferece alguns pontos de semelhança interessantes com as velhas culturas láguidas, de que se pode concluir naturalmente que o seu contacto com os nossos velhos australóides haja sido bem mais demorado do que o dos aruaques e também embora em menor escala, do que o dos tupis. Muito mais fàcilmente se adaptavam a zonas agrestes, como as de caatingas do que os aruaques e mesmo os tupis. Por outro lado, vem também em auxílio da crença de sua mais antiga chegada à América, o fato de que as suas condições de vida, principalmente a sua belicosidade, não foram de molde a estimular um grau de cultura igual a das outras famílias brasílidas, que ti-

veram muitas e melhores criações determinadas pelo ambiente americano.

Que os Caraíbas são legítimos Brasílidos não se discute. Já Martius observara que a língua dos caraíbas, dos tupis e dos aruaques constitue estoque que se pode remontar e alguma língua comum muito antiga. A isto, acrescenta Daniel Brinton que, quanto ao vocabulário, pouco valor comparativo se logra, mas não assim acontece com o que se refere à gramática das três famílias, especialmente considerando os elementos pronominais; e daí conclui que, pelo menos, os ancestrais dêstes três povos tinham tido uma estreita ligação.

Os dados antropológicos que conseguimos colher são:

Estatura média dos homens	160,6
Estatura, média das mulheres	153,8
Índice cefálico, média no vivo	80,0
Índice nasal, média no vivo	74,1

A estatura maior que a média dos brasílidos, o índice cefálico inferior, e índice nasal também mais baixo, indicam maior mistura étnica com os povos mais antigos, e, conseqüentemente, a presunção de sua maior antiguidade no continente.

A família *Caraíba* está subdividida em numerosos dialetos. Além disto, muitos grupos linguísticos que foram destacados da família, apresentam, evidentemente, relações positivas com ela, tais como o *Yaguá-Peba, Chocó,* etc.

Na classificação moderna do Caribe indicaremos os seguintes dialetos, indiscutìvelmente integrantes da família:

I — Caraíbas do Nordeste:
A — Costeiro.
1) Insular: *Caribe, Calino*
2) Continental: a) *Caribe* (*Caribisi, Calinya, Galibe*); b) *Cumanagoto;* c) *Palanque* (*Palenque,* e *Guarineo*; d) *Pariagoto* (*Paria, Grayumo*); e) *Uyana* (*Upuriri,*

Wagana); Rucuyen e Urucuriana; f) *Chacupata;* g)*Piritu;* h) *Cimevara;* i) *Shiparicoto*, China; j) Core; k) Chaima (Sayma e Warapicha), Iagare, *Cuaga;* 1) *Carinapagoto.*

B — Central

1) Dialetos da Roraima:

a) Acawai: Patamona; b) Purocotó; c) Arecuna (Jaricuna, Pemona), Cumanacoto; Taulipang; d) Arinagoto; e) Macúshi, Peweja; f) Waica; g) Ingarico; h) Wayumará; j) Paraviyana; k) Kenóloco; 1) Manoicó; m) Azumara; n) Panshima; o) Mapoyo; p) Taparito.

2) Dialetos *Ventuari:*

a) Makiritari, Iecuaná, Maitssi; Ihuruaná, Decuaná; b) Yabarana, Curasicana, Nökiare.

C — Amazonas:

1 — Dialetos de Leste:

a) Pianocotó; b) Apalaí, Aracuayu; c) Waiwai (Ouayeoné); d) Pauxi; e) Trio; f) Diau; g) Shikiana; h) Tivericoto; i) Catawian (Parucutu); j) Cumayena; k) Urucuena.

2) Dialetos do Oeste:

a) Carijona (Umawa Omagua); b) Kianacoto; c) Guake, d) Takatsoka, e) Guagua, f) Riama, g) Caicushana, h) Makotóyana, Yakaoyana.

D — Bonarí

1 — Bonari, 2) Yawaperi: a) Atorahy; 3) Waimiry; 4) Mutuan

II — Caraíbas do Sueste:

A — Sul.

1) Arara

a) Arara (Ajujure); b) Apiacá (Apingui); c) Pariri (Timirem).

B — Yingu

1) — Bacairi

2) Nahucua (Anauque).

a) Guicurú (Cuicutl); b) Apalakiri (Calapago); c) Mariapenahuqua; d) Naravute; e) Yarumá; f) Yamarikuma; g) Akuku.

III — Caraibas do Noroeste:

A — Maracaibo — Madalena

1 — Motilones

a) Chake; Macoa, Tucueu, Pariri, Chaké; b) Mapé; Macoa, Macoita, Manastara, Yasachapara, Sicacao, Tucuco, Cumaguasata, Uaraca, Aguas, Blancas Aricuisá Catatumbo, Irapeno; c) Carate; d) Zapara.

2 — Babure (Curonado)

3) — Yarigui:

a) Quiriquiri: Topocoro, Topoyo, Chiracota, Araya, Guamacea, Nolomeu;

4 — Opon

5 — Cavare

a) Colina (Tapas): Murca, Marpapí, Curipa; b) Naura; c) Nauracoto

6 — Muso

7 — Barede

8 — Guanau

9 — Pemeno

10 — Patagon

11 — Camaniba

B — Chocoano

1 — Chocó

A. do Norte:

a) Impera: Tumucuná, dabeibe, Urubá

b) Cati: Ibexico, Pequi, Norisco, Itruango, Teco, Peneco, Caririta, Cuisco, Araque, Pubio, Guacuseco, Tuim, Nitona, Pevere

Ao Sul:

a) Nanemá: Chanco

2 — Cenu:

a) Nuta bare; Tahami

b) Cenufana;

3 — Cauca:

a) Quimbará: Quimbaya, Carrapá, Picara, Paucura; b) Ancerma; Ancerma, Caramanta, Castama, Noriguaca; d) Antioquia: Antioquina, Buritica, Carome, Evejico

C — Suoeste:

1 — Garron

2 — Buga

3 — Chanco

D — Sueste:

1 — Aroi

2 — Patangoro (Palenque): a) Tanana;

b) Guarino; c) Guagna; d) Zamana; e Dayma

3 — Panche: a) Guazquia; b) Guali; c) Mariqueton.

4 — Pijão: a) Quindio; b) Cutiba; c) Irico; d) Toche; e) Cacataíma.

Afora êstes dialetos outros de menor importância ainda existem que provavelmente se podem filiar a família Caraíba, não mencionados na lista acima de J. Aldan Mason, in The language of. South American Indians (Handbook, vol. 6, 1950). Entre êstes cumpre referir as tribos brasileiras *Palmela*, e *Pimenteira, dos* sertões do Piauí que Lowis (Handbook, vol I) diz constituir uma família separada ou independente.

TUPI-GUARANÍ. Esta enorme família, antigamente, de certo só teria sido superado pela aruaque. A dispersão é mais recente do que a dos caraíbas e mais remota que a dos aruaques. Sua cultura, e sua antropologia também oferecem dados intermediários.

Os protomaláios que deram origem a esta família teriam abordado as costas do istmo do Panamá. O grosso das levas encaminhou-se para o sul, derivando a maior parte para o SE., e, através da cordilheira andina, alcançou a região NW., da bacia amazônica; e por ali, um pouco mais aquém da montanha, em plena selva, estabeleceu-se a sua área de formação, difícil de uma determinação satisfatòriamente precisa.

A área de dispersão, porém, é razoàvelmente conhecida e extraordinàriamente extensa. Nenhum outro povo excedeu ao tupi quanto a suas tendências migratórias nesta metade sul do Continente, e a rapidez com que se deslocava é surpreendente. Da parte ocidental da bacia do rio Amazonas, desceram os tupis o curso do Maranhão e Solimões até alcançar o oceano Atlântico. Procuraram pouco as Guianas, certamente já ocupadas pelos Caraíbas. Mas, ao sul estenderam-se consideràvelmente; subiram o curso do Madeira, do Tapajós, do Xingu, do Araguaia, do rio Capim, do Gurupi, do Turiaçu e do Mearim. Provàvelmente, também do Parnaíba. Das cabeceiras do Madeira, do Tapajós, Xingu e Araguaia, passaram às cabeceiras dos rios Paraguai, pelo qual desceram até ao estuário do Prata; subiram pelo rio Paraná e talvez também pelo rio Uruguai, e pelos afluentes daquele e as nascentes dêste atingiram as ribas do Atlântico que ocuparam tanto ao sul, até a República do Uruguai, como ao norte, alongando-se pela zona litorânea, até as praias maranhenses, donde, passando para a região da bacia amazônica, encontraram algumas tribos da mesma estirpe que ali já viviam, vindas do oeste. As migrações litorâneas eram muito recentes e se faziam a custa da expulsão mais ou menos violenta de povos oriundos das correntes anteriores, sobretudo Láguidos. Para oeste do rio Paraguai se expandiram por território boliviano (Tchiriguano, Sirionó, Guaraiú).

Ao norte do rio Amazonas, sòmente os Emerillons, na costa, os Guaiapis, Oiampis, Uruaguaçus, Calianas e Apantos lograram fixar-se, entre os Caraíbas. Por tôda parte onde passavam deixavam geralmente algumas tribos, ocupando trechos de ter-

renos mais um menos vastos, porém frequentemente salteados ao longo dos cursos d'água. Dentro da sua área de caracterização, ainda restam relíquias dos formadores da família, representados pelos Cocamas, Cocamilas e Omáguas, que vivem ao longo das margens do Solimões, no Peru e no Brasil. Ao que parece, houve outrora uma importante concentração de tupis entre os rios Madeira e Xingu, sobretudo na bacia do Tapajós, e outra, talvez não menos importante, ao longo das margens meridionais do rio Amazonas, entre a foz do Madeira e o litoral paraense. Sabe-se que depois da conquista, com a ocupação portuguêsa do litoral pernambucano, baiano e fluminense, processou-se uma considerável migração de tupis para a região norte do Brasil, através dos sertões, por entre os gês e caraíbas, que atingiu às margens do rio Amazonas e aquelas costas do Pará, bem como as do Maranhão, Ceará e provàvelmente também do Rio Grande do Norte, anteriormente ocupadas por indígenas de procedência muito antiga, Tarairiús e Tremembés, principalmente. Os imigrados do sul e léste do Brasil só com alguma demora alcançavam aquêles destinos referidos, onde os velhos ocupantes da mesma estirpe já vinham de sofrer restrições que difìcilmente se explicam, agravadas mais tarde com as excursões preadoras de cativos dos colonizadores brancos e a irracional catequese dos missionários.

Não nos parece bem justificada a teoria de que os tupis se irradiaram da região de Guaíra, no médio Paraná, ao oriente do Paraguai, pois tornaria inexplicável certos fatos bem conhecidos da sua cultura e respectiva disseminação. Fazê-los irradiar do ocidente da bacia amazonense, das planícies úmidas e quentes cisandinas é muito mais razoável por vários motivos. Paulo Radin sugere a hipótese de que êste povo (ou os seus precursores) tivera relações estreitas com a América do Norte através da corrente antiliana. Teriam, provàvelmente, penetrado no continente subindo o rio Amazonas, indo com a sua cultura de milho e a sua antropofagia ritual, estabelecer-se ao sul do leito dêste rio, entre as embocaduras dos rios Tapajós e Xingu,

onde viviam povos muito mais antigos, de cultura mais simples e falando vários idiomas. Esta gente teria em parte notável absorvido os ádvenas, cultural e talvez fisicamente. Contudo êstes conservaram intatos muitos elementos da sua cultura própria. Daquela região subiram o curso dos afluentes meridionais do grande rio. Radin fundamenta a sua hipótese em várias semelhanças de caráter cultural, observadas entre os tupis e povos indígenas da América do Norte, sobretudo com o grupo siuano e em geral com os construtores de túmulos. O centro de irradiação situado ao norte, entre os rios Tapajós e Xingu, oferece melhores elementos para explicar a dispersão cultural da família tupi do que o centro paranaense de Guaíra. Todavia, deixa ainda a desejar neste sentido e não pode competir com o centro neste trabalho proposto. Em primeiro lugar, de onde vieram os contingentes humanos que acabaram por produzir os primeiros tupis? Da América do Norte, passando em canôas de ilha em ilha até as praias venezuelanas e daí pela costa alcançaram a foz do Amazonas? Isto teria sido possível, mas, não muito provável. Seria preciso admitir que da América Central contingentes protomaláios houvessem penetrado para o norte ou nordeste e depois de um longo contato com os descendentes das duas primeiras correntes de povoadores, retrocedessem para o sudeste e daí pela Flórida e Antilhas tivessem alcançado a América do Sul. Mas Radin julga que aquêles elementos característicos da cultura tupi, a cultura do milho, o canibalismo ritual e os aspectos distintivos da sua mitologia são de origem mexicana e foram recebidos provàvelmente dos toltecas-aztecas! Ora, tudo isto é muito mais complicado, mais aventuroso e menos explicativo do que admitir que levas protomaláias, derivadas da América Central ou do norte da Colômbia, alcançaram as planícies ocidentais do Amazonas e dali, depois de uma regular formação étnica, passaram àquela mesma região entre os estuários dos afluentes meridionais do grande rio, Madeira e Xingu, de onde completaram a irradiação secundária que levou os tupis ao sul e a leste do subcontinente americano,

deixando sempre apreciáveis remanescentes ou pelo menos vestígios indubitáveis da sua passagem.

A somatologia tupi ainda ressente-se de bons e suficientes dados:

Estatura, média dos dois sexos	155,4
Índice cefálico, no vivo	81,3
Índice cefálico no crânio	77,8
Índice nasal no vivo	78,4

Comparando estas cifras com as dos caraíbas, nota-se que são os tupis mais diferenciados dos australóides e apresentam um tipo mais mongolóide. Isto pode ser interpretado como a precedência daqueles em terra sul-americana; um contato mais demorado com as populações antigas teria naturalmente produzido maior absorpção física nas populações caraíbas do que nas tupis. A família Tupi-Guarani, mercê da sua larga difusão, deu lugar a formação de um grande número de dialetos, ainda carentes de conveniente classificação. Indicaremos os mais importantes:

Dialetos ocidentais, do Alto Amazonas:

1) — OMÁGUA
2) — COCAMA
3) — COCAMILA

Falados nas margens do rio Maranon, no Perú e Brasil;

4) — AISUARE, 5) BONAMA, 6) POWANA, 7) SOLIMAN (YORIMAN)

Dialetos das Guianas, ao norte do rio Amazonas:

8) — OYAMPI, no rio Oiapoque
9) — GUAIAPI,
10) — CALIANA
11) — URUÁ-GUAÇU

12) — EMERILLON
13) — PANTO, na margem esquerda do rio Amazonas.

Dialetos da Bolívia ou Ocidentais:

14) — TCHIRIGUANO, na região de Santa Cruz (Aba, Camba, Tembetá)
15) — SIRIONÓ (chori)
16) — GUARAYÓ ou GUARAYÚ
17) — PAUSERNA (Itatim, Carabere, Araibayba, Vorai, Cário, Risitococi.

Dialetos da margem meridional do rio Amazonas, no Brasil:

23) — MAUÉ, principalmente nos rios Mataurá, Andira, Tapajós e dos Maués;
24) — MUNDUCURÚ, cuja tribo se estende pelo rio Tapajós;
25) — MONGAHIBA.

Dialetos do rio Madeira:

26) — PARINTINTIN, e também no rio Maici;
27) — RAMARAMA
28) — ITOGAPUC
29) — CAWAHIB
30) — WIRAFED
31) — PARANAWAT

Dialetos do rio Tapajós:

32) — APIACÁ, também falado no Arinos e no Juruena;
33) — CAYABI
34) — TAPANYUNA

Dialetos do rio XINGU:

35) — YURUNA
36) — CHIPAYA
37) — CURUAYÁ
38) — TACUPEUA
39) — ASRINI
40) — ARUPAÍ
41) — MANITSAUÁ
42) — AUETÓ
43) — CAMAYURÁ

Dialetos do Baixo Amazonas:

44) — PACAJÁ
45) — ARARANDEWARA
46) — NTOGAPID
47) — PARACANÃ
48) — ANAMBÉ
49) — CUPEROB
50) — JACUNDÁ
51) — MANAGÉ
52) — MIRANO

Dialetos do rio Araguaia e Tocantins:

53) — KUBENEPRÉ
54 — TAPIRAPÉ
55) — CONOEIRO

Dialetos dos rios da vertente atlântica norte (Pará e Maranhão):

56 — URUBU
57 — TURIWARA
58 — GUAJÁ

59 — GUAJARA'
60 — AMANAYÉ

Dialetos do Nordeste brasileiro:

61 — TABAJARA da serra da Ibiapaba no Ceará; e no litoral de Pernambuco e da Paraíba.
62) — POTIGUARA, do litoral entre Paraíba e Ceará.
63) — TUPINAMBÁ, no litoral da Bahia e Maranhão.
64) — CAETÉ, no litoral de Pernambuco e Alagoas.

Dialetos do rio São Francisco:

65) — AMOIPIRÁ
66) — TUPINÁ

Dialetos costeiros do Brasil central:

67) — TUPINIKIM
68) — TAMÓIO

Dialetos do sul (Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina):

69) — CARIJÓ
70) — APAPOKUVA
71) — GUAYAKI, na República do Paraguai
72) — CAINGUÁ
73) — CARIMA
74) — MBYÁ
75) — ARÉ no cêrro do Ypeú
76) — CHETÁ no rio Yvaí
77) — IVAPARÉ
78) — GUAYANÁ, no Paraguai
79) — TARUMÁ
80) — TANYGUÁ

81) — GUARANBARÁ
82) — CHIRIPÁ
83) — OGUIVA
84) — TAPÉ
85) — TCHANÉ
86) — GUARANI, na República Argentina, Paraguai e sul do Brasil.

Na realidade, alguns dêstes dialetos poderiam ser grupados, formando unidades linguísticas mais gerais em vista de muitas semelhanças comuns. Neste caso, o número de dialetos (com os seus sub dialetos) seria menor.

ARUAQUES. Êste enorme grupo espalhou-se amplamente pela América do Sul, mais ainda do que o Tupi.

Partiram os aruaques de um amplo centro de irradiação situado nas planícies norte ocidentais da bacia amazônica e constituiram o mais largo e eficiente difusor da cultura neolítica nesta metade do Continente. Alguns grupos de protomaláios, principalmente dêste contingente, instalaram-se na cordilheira e nos vales intertropicais da costa pacífica, onde encontraram situações propícias às suas peculiares condições de vida. Nesses lugares, naturalmente, em geral, experimentaram uma certa miscigenação com as populações mais antigas' não maláias, que sem dúvida alterou algumas das suas características raciais e em grau menor o seu lastro cultural. Antropològicamente melhoraram os seus descendentes de estatura, ganhando em altura, ao mesmo tempo que o índice cefálico apresentava cifras mais baixas. Outros grupos de pré-aruaques que preferiram instalar-se nas costas mais setentrionais do istmo, donde partiram os pré-maláios que por ali abordavam o continente, penetravam para o interior desocupado e se foram fixar nos vales úmidos e nas baixadas cobertas de florestas da América Central e do México. A maioria, porém, continuou a sua marcha. Uns alcançaram as praias do gôlfo do México e por elas

chegaram à península da Flórida, donde, ao que parece, passaram às Antilhas, ocupando grande número de ilhas. Êste caminho, perlongando o litoral do gôlfo, manteve-se ativo, por muitos séculos. Foi por êle que mais tarde influências culturais da civilização adiantada ístmica chegou ao SE. dos Estados Unidos e pela Flórida e Antilhas, alcançou a América do Sul, independentemente do que poderia ter passado pela Colômbia.

Os mais vultosos contingentes de protomaláios desta estirpe, contudo, tomaram para o sul e para leste, transpuseram a cordilheira andina na Colômbia, onde sòmente poucos sítios convinham à sua fixação, e se foram concentrar e isolar nas amplas florestas do NW. da bacia amazônica e ocidental do rio Orenoco, um pouco ao norte da região onde se tinham acomodado os pré-tupis. Nessa enorme região de sua formação, os pré-aruaques viram naturalmente com surprêsa chegar também gente da sua mesma estirpe, provinda da América do Norte através da corrente antilhana. Ali iam ter êstes ádvenas subindo em suas canoas os afluentes ocidentais do rio Orenoco. Naquelas florestas cortadas de numerosas correntes fluviais completaram a sua caracterização somática, cruzando com populações remanescentes de origens diferentes, paleolíticos e neolíticos precursores das famílias de ascendência protomalaia que por aquelas paragens e convizinhas estacionaram anteriormente (cariri, caraíba, tupi-guarani, pano, etc.)

Admite-se que dessa enorme área de formação, os aruaques se dispersaram emigrando em vagas sucessivas para leste e sul. Mas, antes de o fazerem apuraram, restauraram e acresceram a sua cultura original oceânica, sob o imperioso estímulo do meio geográfico; muitos elementos novos surgiram por adaptação a um meio tão exuberante e ao mesmo tempo agressivo.

A verdadeira expansão aruaque partiu daquela região, onde, mais do que os seus predecessores neolíticos, demoravam e em tempo relativamente curto se assenhorearam de quase tôda a zona intertropical e de vastos tratos da subtropical da

América do Sul, isto é, de tôdas aquelas paragens de clima quente, úmido e mais ou menos cobertas de florestas driáticas. Evitaram ao contrário dos láguidos, as zonas abertas, sêcas ou áridas, as caatingas, prados e savanas. Desta maneira, os aruaques ordinàriamente não incomodavam as antigas populações de procedência arqueolítica do interior, pois estas, em geral, se estabeleciam justamente naquelas regiões menos apetecidas pelas que se tinham habituado e adaptado ás florestas. Daí por que também o cruzamento com estas velhas populações não foi freqüente, conservando-se o tipo mongolóide bem caracterizado. Isto que se diz relativamente ao aruaque, ocorreu ainda com os demais neolíticos, embora em proporção menor.

A área de dispersão aruaque excede a de qualquer outra família línguo-cultural na América do Sul. Estendia-se, outrora das margens do mar das Antilhas (Caquetios e Guajiros), das próprias ilhas (Lucaianos, Tainos e Subtainos das grandes Antilhas) e mesmo da Flórida (Tequestas) ao rio da Prata (Guanás), das margens do Atlântico (Marawaques, Arauaques Palicurs, Aruanas)· salteadamente, pela bacia do rio Amazonas acima sobpés dos Andes (Campa, Tchontaquiros, Mascos, Huachiparis, Inamaris, na vertente sul, no Peru, e Guayupé, Eperiguás, Achaguas, na vertente norte). Mas, o grosso das tribos ou grupos tribais (falando os dialetos da família) estacionou no oeste da bacia do grande rio, ao longo das margens dos seus principais afluentes, como rio Negro (Arauás, Cariaris, Uirinas, Mondauacas, Aruaquis, Manáus, etc.) e do rio Orenoco (Yaviteros, Piapocos, Banivas, Barés, Ipecas, Siusís, Guináus). Viviam numerosos grupos tribais nos rios Japurá e Içá (Yumanas, Uaiumanas, Passés, etc.) bem como as margens do próprio Maranhão ou Solimões (Ticunas, Cauichanas, Marawãs, etc). Pouco a pouco esta área de dispersão dilatou-se pelos afluentes meridionais do rio Amazonas, Juruá (Colinas, Arauas), Purus (Arawaques, Pamaris, Ipurinás, Yamamandis, Saravecas, etc), Madeira (Moxo, Bauré, Paunaca, Paicontca, Mutcchoxeone), Alto Tapajós (Parecí) e rio Xingú (Yaulapiti, Custenau, Waurá).

Os Aruaques alcançaram as cabeceiras do rio Paraguai e por êle desceram e passaram a bacia do Paraná. Nessa região outrora ocuparam uma área muito maior do que a conhecida. Viveram em ampla zona do baixo Paraná, em certos trechos do Chaco, na laguna Chiquita, nos rios Dulce e Salado onde deixaram indícios seguros de sua passagem. A chamada cultura "Chaco-Santiaguenha" é disto um atestado. Ainda agora, os Guanás, Chanés, Quiniquinaus e Terenos constituem relíquias dêste povo. Os Tonacotés e Sanvirons da Salina Grande (Argentina) apresentam sinais positivos de haverem tido uma ascendência aruaque.

Possìvelmente, esta enorme família, não só a mais extensa do tipo Brasílido, como a maior que já existiu na América do Sul, teria tido um mais largo domínio no leste-sul americano. O estado presente da arqueologia destas regiões não permite, todavia, conclusões neste sentido assaz positivas, mas é de crer que hordas aruaques tenham habitado certas zonas florestadas do Maranhão, Piauí, Ceará e Bahia, embora sem apreciável importância.

Como acontece com os Cariri, Caraíba e Tupi, a sua antropologia é de conhecimento escasso, sobretudo tendo em vista a atual população aruaque ainda existente no Alto Amazonas.

Estatura média	157,8
Índice cefálico no vivo, média	80,3
Índice cefálico vertical no vivo, média	87,6
Índice nasal no vivo, média	80,6

Das três grandes famílias de brasílidos, são os aruaques os de menor estatura e tipo somático mais aproximado do modêlo mongolóide. Sob o aspecto cultural, apresenta vantagens incontestáveis sôbre os caraíbas e tupis. A sua cerâmica por vêzes atinge notável perfeição e o mesmo se pode dizer dos seus tecidos de fibra.

Êste povo, certamente, não concorreu para o povoamento primitivo do nordeste brasileiro.

A família linguística extensíssima ainda agora, decerto o fôra ainda mais outrora. Há indícios de alguns dialetos aruaques foram substituídos por outros de vária origem, principalmente Caraíba, Aymará e Quechua etc.

Não interessa muito a êste trabalho a larga lista de dialetos Aruaques. Indicaremos apenas os principais grupos. Os insulares: (1) das pequenas Antilhas (2) grandes Antilhas *(Taino, Ciquayo, Lucayo)*. Os do Nordeste Sul-Americano: (1) *Guajiro*, (2) *Caquétio*, (3) *Guayupe;* (4) *Prápoco*. Os do Nordeste da Amazonas. (1) *Arauak*, (2) *Palicus;* (3) *do Rio Branco;* (4) *Orenoco*, com os grupos mal definidos de Banira, Bare, Arekena e Cariaya, (5) Rio Negro, compreendendo os subgrupos dos Izaneni, Miritiparaná, Mewaca, Tariama, Yapurá, Wiriná. O grupo Preandino: do Amazonas, do Cantinava, Juruá-Purus (1) Canamarí, Catukoma, 3) Catiana, 4) Iuapari, 5) Ipuriná, 6) Manitenerí, 7) Wainamri) e da Montanha (Choncho) com o 1) *Campa*, 2) Piro, etc.

O Grupo do Sul: (1) boliviano e (2) Chiquito, e o dos (3) Paressí e dos (4) Saraveca. Temos ainda os grupos do (1) Paraná, com os dialetos de leste (Guaná, Layana, Tereno, Echvoaladi, Kinikinan); e de Oeste (Chané) e o grupo Xingú (Mehinacú, Yaulapiti, Custenau e Waurá).

Há ainda que referir os grupos de afinidades prováveis como dos (I)Arauá, (2) Amueska, (3) Ticuna, (4) Tarumá, (5) Tacana; afora outros de menos importância.

OUTRAS FAMÍLIAS DE BRASÍLIDOS. Para o nosso objetivo as famílias de menor importância dêste grupo étnico não oferecem interêsse direto, pois seguramente não contribuiram para o povoamento desta região brasileira. As famílias PANO e TOCANO ainda integram um bom número de dialetos; aquela tem a sua área de dispersão ao sul do rio Solimões, no trecho ocidental da bacia do rio Amazonas, no Perú e no Brasil; esta

ocupa posição ao norte do Solimões; nos rios Uaupés, Curicuriari (rio Negro), no Apaporis, no Napo, Putomayo, alto Caquetá, rio Manacacia afluente do Meta, em território brasileiro, equatoriano e colombiano. As demais famílias brasílidas não comportam referências, neste trabalho.

DESCENDENTES DA QUINTA CORRENTE

Êstes invasores do Novo Mundo, os últimos que contribuiram para o povoamento precolombiano, em protopolinésios, povo que trazia boa porção de genes faiodermos ou caucasoides, de mistura com gentes de origem premalaia. Não foi copiosa nem demorada a corrente migratória, mas conduzia uma cultura nova mais adiantada que as precedentes, uma civilização notável. Esta alta cultura tinha as suas raízes mergulhadas no ocidente asiático, região de onde também brotaram os germens que produziram depois as civilizações da Mesopotâmia, mais tarde desenvolvida nas costas mediterrâneas, sobretudo naqueles brilhantes centros de irradiação que foram o Egito, a Fenícia, a Grécia e por último Roma.

O fluxo migratório que nos interessa partiu da Polinésia e ter-se-ia processado no primeiro milênio A. C. Os invasores atravessaram a imensidade do oceano Pacífico, arrastados pelos ventos e pelas correntes marinhas que se movem do oeste para leste. Ao que parece, a principal via de navegação coincidia com a corrente Equatorial que, um pouco acima da linha equinocial procede do largo das costas orientais das ilhas Filipinas, do norte da Nova-Guiné, coração da Oceania e passa por entre o enxame de ilhas da Melanésia e Micronésia. Depois de atravessar na sua maior largura a Polinésia, ruma diretamente para a América. Esta corrente que tem raízes diversas forma-se principalmente com a contribuição de elementos destacados das correntes Equatoriais do Norte e do Sul, e também com o tributo de um ramo desprendido de uma importante corrente do mar das Índias, chamada corrente do Malabar, a qual perlonga as costas sul das

grandes ilhas indonesianas e se imiscui no dédalo das Molucas, indo unir-se às raízes múltiplas, geradoras da Equatorial Central. Consequentemente, esta corrente poderia colhêr nas Filipinas, na Indonésia, na Melanésia, na Micronésia especialmente na Polinésia os barcos aventureiros e arrastá-los, de etapa em etapa, no sentido do oriente até, finalmente, as costas ocidentais da América Central e do Sul. Além da corrente Equatorial Central, duas outras poderiam ter contribuído para transportar da Oceania à América as canoas geminadas ou de balancins e, talvez, mesmo as grandes jangadas dos protopolinésios. Uma corrente ao norte, a corrente do Japão (Kuro-sivo), e outra ao sul, a corrente Antártica. Esta, ao alcançar as proximidades da ponta sul dêste continente, destaca um poderoso ramo que, com o nome de corrente de Humboldt perlonga as costas chilenas e meridionais do Perú, indo contribuir para a formação inicial da Equatorial do Sul. Há indícios de que tôdas estas correntes trouxeram emigrantes polinésios para a América, mas, sem dúvida, a mais eficiente contribuição deve ser atribuída à primeira — Corrente Equatorial Central.

No decurso do primeiro milênio e, por ventura também desde os últimos séculos do segundo A.C., é de crer que se teria estabelecido um' não frequente, mas eficiente intercâmbio entre a América e a Oceania. Utilizavam os nautas que partiam daquele continente, possìvelmente as duas correntes equatoriais do Norte e do Sul, ou, talvez, sòmente a última, que, sem inconvenientes daquela' oferecia, em certa época do ano, excelentes condições de viagem.

Os protopolinésios que chegavam às costas equatoriais da América não eram um povo ètnicamente puro ou homogêneo; trazia além dos genes fundamentais malaios, outros de várias origens, como caucasóides e negróides, êstes à custa de cruzamentos melanésios, aquêles provenientes de elementos industânicos de origem mesopotâmica. Não há, entretanto, inconveniência em englobar êste complexo étnico sob a denominação geral de PROTOPOLINÉSIO. E' interessante lembrar que êstes ocuparam o mundo in-

sular, inclusive a Polinésia, mas, antes de completar-se esta apropriação, chegaram à América os contingentes pioneiros. Ao alcançarem as levas vanguardeiras as costas continentais traziam bons elementos da sua cultura megalítica, adiantada agricultura, boa cerâmica e sobretudo um notável espírito de apropriação territorial e de fixação em núcleos demográficos; política e econômicamente estavam bem organizados. Grupos sucessivos iam abicando às costas americanas, uns mais ao sul e outros mais ao norte, ficando mais ou menos isolados, do que resultavam, pela fixação, centros costeiros, relativamente independentes. Nos melhores sítios encontraram, tanto no Peru e na Colômbia como nas costas ístmicas, habitantes de uma mistura diversamente proporcionada de paleolíticos e mesolíticos das primeiras correntes e de neolíticos ou protomaláios da 4ª corrente. Esta gente se havia estabelecido e amanhava as terras às margens dos estuários dos pequenos rios que desciam da cordílheira andina ou dos planaltos interiores. Nelas praticava a sua incipiente agricultura, manipulava a argila com mais ou menos habilidade e mantinha um certo intercâmbio comercial com os estabelecimentos próximos do interior, principalmente com as aldeias de descendentes de protomalaios já bem adaptados ao meio geográfico. Estava sem dúvida preparada para receber e assimilar invasões oceânicas de cultura superior. Os protopolinésios que chegavam encontravam geralmente um meio social que facilitava o seu desenvolvimento cultural e lhes proporcionava um excelente lastro indonesiano para o desenvolvimento demográfico. A mistura dos elementos chegados de novo com o complexo nativo fêz-se ràpidamente, dando lugar a uma diversificação cultural sob a influência, relativamente ponderável, da cultura local, reagindo sôbre a que chegava. Certamente, conforme a massa dos grupos ádvenas, a sua cultura diluía-se mais ou menos na indígena; nem sempre se impunha completamente, mas, de ordinário, gerava um estímulo criador notável, apressando a evolução de uma nova civilização.

Compreende-se que, na costa, vários tipos de complexos culturais diferiam de centro a centro. Isto se aprecia natural-

mente em certos produtos das respectivas indústrias cujos remanescentes chegaram aos nosso dias' sobretudo cerâmicos e esculturais.

Em breve tornou-se preciso o desdobramento dêstes núcleos ou centros costeiros, que prosseguiram paulatinamente o interior, pelo caminho mais natural e simples, subindo o curso dos rios. Foram surgindo novos pequenos centros demográficos pelos vales acima, nos sítios mais adequados, filiados à influência individualizada dos respectivos centros costeiros. Assim a nova cultura não tardou a alcançar a cordilheira e os planaltos, onde se desenvolvia em função de um novo meio geográfico e de elementos humanos um tanto diferentes dos indígenas litorâneos.

A evolução cultural em certos lugares, no interior, foi rápida e tomou aspectos característicos. Por sua vez, alguns elementos culturais dêstes centros se refletiram nos núcleos costeiros, mostrando a influência mais ou menos acentuada daqueles nestes, que lhes haviam dado origem. No curso desta evolução cultural, os modernos pesquisadores encontram centros de irradiação mais ou menos importantes e períodos diferentes de progresso, estacionamento e decadência que terminaram com a conquista destruidora dos espanhóis.

Os descendentes dêste povo, não obstante os vários centros mais ou menos isolados, acabaram por constituir dois tipos étnicos, relativamente bem definidos.

Um na América do Sul e outro nas Américas Central e do Norte.

1) Ândido

2) Centrálido ou ístmico.

Um e outro são antropològicamente bem semelhantes. Apresentam-se como formados de gente de baixa estatura, braquicéfala e aspecto geral mais ou menos mongolóide. No setor cultural, sôbre um fundo comum, abrem se diferenças relativamente acentuadas e não poucas de cunho exclusivamente regional e independente. O fundo cultural, ao que parece, teria sido

outrora muito mais amplo no espaço e contara maior número de elementos.

ÂNDIDOS. Sob êste nome compreende-se o conjunto de povos de alta cultura típica, encontrado na região andina do sul da Colômbia até a República Argentina e norte do Chile. A sua área de caracterização é particularmente a montanha, a cujas condições os grupos primitivos se adaptaram bem e souberam explorar com inteligência.

A área de dispersão estende-se por tôda a região ocidental da América do Sul, entre a cordilheira (nela incluida) e as praias do Pacífico. Compreende o sul da Colômbia, o Equador, Peru, Bolívia, norte do Chile e NW. da Argentina. A influência cultural dêste povo exorbitou desta zona e, mais ou menos diluída estendeu-se às regiões circunvizinhas cisandinas. Atualmente, é difícil traçar os limites exatos dessa influência. No Nordeste do Brasil, só indiretamente, muito débil e confusa, parece haver chegado através de grupos da família tupi.

Quanto ao aspecto antropológico, os dados mais conhecidos se referem aos Quitchuas, mas, sem dúvida, deve existir uma grande variedade somática entre os ândidos, conforme o grau de miscigenação dos protopolinésios com os representantes das correntes anteriores, especialmente com as duas ou três primeiras:

Índice cefálico horizontal, média no homem, ...	79,9
" na mulher	80,7
Índice de altura, média no homem	70,9
" na mulher.....	72,5
Índice nasal, média no homem	70,0
" na mulher.....	69,0
Índice facial, morfológico, média no homem	96,3
" na mulher	94,8
Índice facial, fisionômico, média no homem	76,9
" na mulher	78,9

Módulo cefálico, média no homem	15,7
" na mulher	15,2
Estatura, média no homem	158,4
" na mulher	145,4

O quadro completa-se: côr morena, cabelo liso e preto, iris negra e conjuntiva amarelada; regular robustez, zigomáticos pouco salientes e nariz relativamente afilado e não raramente aquilino.

As principais famílias línguo-cultural do tipo ândido, são, a contar de norte para o sul:

I — TCHIBTCHÁ, que representa o elo de ligação com os centrálidos da Colômbia;
II — ALALAN, no Equador (Quaiaquil);
III — CANHARI, também no Equador;
IV — PURUÁ, ainda no Equador;
V — ESMERALDA, igualmente no Equador;
VI — SEC, na costa do norte do Peru;
VII — YUNCA, também na costa setentrional do Peru;
VIII — QUITCHUA, principais representantes da cultura incáica com o seu grande e magnífico império. Originada do lago Titicaca, como simples clan Aymará; emigrada para o norte, teve a sua capital na cidade de Cuzco.
IX — AIMARÁ, primitivo povo que deu lugar a chamada cultura Tiuhuanaco, com centro no lago Titicaca. Compreende esta cultura duas fases: a megalítica e a imperial. Esta tomou grande desenvolvimento, mesmo fora da Bolívia e do Peru;
X — ATACAMA, no norte do Chile e NW. da Argentina;
XI — OMAGUACA, no norte da Argentina;
XII — DIAGUITA — Também na Argentina;
XIII — CAPAYANA, ainda na Argentina;

XIV — ARACAUNA, mais ao sul das precedentes, até o paralelo 40°

CENTRÁLIDOS. A área de formação do tipo foi provàvelmente a região ocidental do istmo do Panamá, inclusive o sul do México. A de expansão estende-se do trópico, inclusive o Yucatan e, pela América Central, chega ao NW. da América do Sul (Colômbia norte-ocidental), até cêrca de 2° de latitude Norte.

O tipo antropológico pouco difere do precedente. A estatura geral, média, é de cêrca de 157 centímetros para os homens e 143 para as mulheres. A braquicefalia apresenta-se mais acentuada e não tem par entre outros povos americanos. O índice nasal médio é de 80. O aspecto mongolóide dominante indica um forte influxo protomalaio. Os protopolinésios que chegaram às costas ístmicas encontraram mais avultados contingentes de remanescentes puros de protomalaios; nas costas peruanas, porém é de supor que os contingentes arcaicos mais numerosos tenham sido descendentes de australóides ou siberianos mesolíticos. Acredita-se com bons fundamentos que a corrente imigratória de protopolinésios tenha sido mais duradoura no Peru do que no istmo e, possìvelmente, também mais numerosa. Isto explica algumas divergências entre os Ândidos e Centrálidos não só somáticas como especialmente culturais, verificadas ao tempo da conquista européia. Realmente, os elementos da cultura polinésia são mais característicos e numerosos na América do Sul do que na do Norte.

As duas culturas, do norte e do sul, desenvolveram-se independentemente ou com interferências insignificantes. Disto, tem-se uma prova na diferença dos calendários maias e peruano, nos sistemas de numeração e outros elementos antigos tão diferentes.

A cultura dos Centrálidos, como a dos Ândidos, teve pouca repercussão entre os indígenas nordestinos do Brasil. Ao que parece, o pouco que se percebe, veio por intermédio dos Brasí-

lidos e limitou-se a assuntos de ordem sócio-políticos ou religiosos e mais escassamente ainda a questões econômicas de caráter agrícola.

As famílias linguísticas, são numerosas, porém as principais são:

I — MAIA-QUICHÉ, cuja cultura espiritual atingiu o mais alto nível na América pré-colombiana;

II — NAHUA (Yuto-Asteca), constituída por um povo de origem antiga que assimilou a cultura alta dos prepolinésios e foi pelos descendentes dêstes absorvido.

III — TCHIBCHÁ, cuja cultura é intermediária entre a dos ândidos e centrálidos; vivia êste povo na América Central e Colômbia.

118

POVOAMENTO DO NORDESTE E ESPECIALMENTE DO CEARÁ

Resulta de tudo quanto observamos precedentemente que o povoamento do Ceará e estados vizinhos fêz se por etapas diferentes, em épocas diversas. Sem dúvida os primeiros habitantes desta região foram descendentes das duas primeiras correntes migratórias que chegaram do Velho Mundo a êste continente. Eram, consequentemente, australóides primitivos, já ajustados ao meio americano e seguramente já miscigenados entre si numa escala elevada.

As primeiras vagas desta gente que transpuseram o istmo do Panamá e alcançaram o território colombiano, aí pelo período compreendido entre o 20º e 18º milênio pretérito, impelidas, pelas que se seguiram, para o Sul, Sueste e Leste, difundiram se largamente e acabaram ocupando a maior parte desta metade do Novo Mundo. A sucessão do fenômeno teria levado pioneiros às mais recônditas regiões habitáveis por um povo primitivo, de cultura muito rudimentar.

Os representantes mais lídimos dêsse povo foram ocupar o extremo sul do continente e o planalto central do Brasil, derramando-se pela sua encosta oriental, inclusive no estado de Minas Gerais. Desta região passaram paulatinamente para o nordeste brasileiro, já, então, semi-árido e coberto de caatingas. Embora não seja possível precisar com o necessário rigor, é de crer que chegaram a estas paragens bem antes que representantes de outras correntes migratórias tenham atingido as raias brasileiras.

Sabe-se que, desde o 8º milênio viviam nos páramos patagônicos do Sul e pelo menos desde igual tempo no centro de Minas Gerais. Tudo leva a crer que êstes primeiros povoadores teriam chegado ao nordeste do Brasil naquele tempo ou pouco depois daquela época. Até que dados pré-históricos mais precisos sejam divulgados, podemos admitir que o início do povoamento nordestino, inclusive o do Ceará, ocorreu há cêrca de 7 ou 6 milênios, isto é, de 5 a 4 milênios A.C.

Possìvelmente os Láguidos, que os colonizadores europeus encontraram no Nordeste, eram descendentes diretos daqueles pioneiros, seguramente, mais ou menos cruzados com outros povos pré-colombianos. Naturalmente, o fato de se haver achado no Ceará numerosas tribos de origem evidentemente australóide, em estágios culturais diferentes, afasta qualquer dúvida relativamente a existência arcáica de descendentes das duas primeiras correntes de invasores pré-históricos do Novo Mundo. Os esqueletos da gruta do Canastra, que estudamos em 1942, revelam traços inequívocos de uma herança australóide.

Êstes láguidos, seguramente entraram no território do Ceará através do Piauí e Pernambuco. Teriam então ocupado o âmbito, constituindo uma população disseminada, rarefeita, deixando manchas desertas mais ou menos amplas. As condições climo-edáficas da terra nem sempre ofereciam meios para que estas regiões fôssem habitadas ou exploradas por um povo simplesmente coletor, especialmente dado à caça.

Um grupo considerável de láguidos estacionou primitivamente entre o maciço da Borborema e as serras que dividem as águas do Parnaíba, a oeste, das do São Francisco, rio Açu e Jaguaribe, a leste. Depois de um longo tempo, experimentou modificações étnico-linguísticas, dando lugar à formação de uma família bem caracterizada, a família línguo-cultural *Tarairiu*, nome de uma das mais importantes tribos desta gente. Êstes curiosos láguidos, posteriormente se disseminaram por todo o Nordeste, ocupando a imensa área compreendida entre aquêle divisor de águas, o rio São Francisco e o Oceano, isto é,

os territórios dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Há indícios de que hordas desta família viveram também no Piauí, sobretudo ao norte do rio Poti, e ao sul do leito do rio S. Francisco, especialmente entre as cabeceiras do Vasa-Barris e o rio do Salitre. Esta considerável área de dispersão da família é aproximadamente determinada pelas relíquias toponímicas, oriundas de expressão tarairiús que resistiram a invasão da tupi.

No decurso do 4º ao 3º milênio A.C. entraram no Ceará, pela costa, vindas do Sul, tribos derivadas da terceira corrente de povoadores americanos, mesolíticos de origem siberiana que já teriam dado a volta do litoral americano do Pacífico e do Atlântico Sul. Efetivamente, ao longo das costas sul americanas do Atlântico, encontram-se vestígios de que um povo, diferente dos láguidos e dos brasílidos, vivera e ocupara durante um tempo apreciável certos rincões, apropriados ao seu sistema de vida, com uma cultura especialmente orientada no sentido do mar, da pesca e da caça marinhas. Êstes vestígios se patenteiam com o achado de certos sambaquis ou ostreiros e uma expressiva toponímia vetusta, em geral agora desaparecida, mas conservada em alguns documentos antigos. Eram êstes invasores, que aqui chegaram já muito cruzados com láguidos e com a sua cultura primitiva modificada, mas ainda reconhecível através da sua orientação particularmente marinha. As modificações culturais, ditadas pelas condições clímicas intertropicais das costas, nem sempre dissiparam por completo as tendências ancestrais. Em vez de focas ou lobos marinhos, capturavam tubarões, e o faziam com extrema habilidade e ousadia. As suas choupanas experimentaram notáveis simplificações, ora reduzindo-se a simples abrigos contra a soalheira e as chuvas, ora limitando-se a fossos abertos nas areias da praia.

No nordeste do Brasil, êstes mesolíticos apresentavam sensíveis alterações tipológicas, o que nos induziram a hipótese de um novo tipo étnico, o *Nordéstido*. No Ceará e estados vizi-

nhos a família característica desta gente trazia a denominação de *Taramembé* ou *Tremembé*. Ao tempo do descobrimento do Brasil a área de dispersão da família acompanhava a costa, pouco ou nada afastando se das praias, entre a foz do rio Açu, no Rio Grande do Norte ou talvez, o cabo de S. Roque e o estuário do rio Turi-açu (talvez do Gurupi) no Maranhão; portanto, compreendia tôda a costa do Ceará. Pouco depois, esta área foi reduzida com a invasão de tribos tupis, deslocadas da região pernambucana e paraibana; os colonizadores cearenses ainda os encontraram entre o estuário do Curu e os Lençois no leste do Maranhão.

As primeiras expedições portuguêsas no Ceará depararam no Noroeste e Centro-norte tribos indígenas não tupis e, ao que se supõe, também não aparentadas com família Taramembé. Não é possível com segurança incluí-las na família Tarairiú. Entretanto, é de crer que fôssem láguidos. Destas tribos, as mais conhecidas são as dos *Wanacés, Anaçés, Jaguaribaras, e Apuarés*. Nada é possível conjecturar sôbre a época da chegada dêstes ameríncolas no território cearense. Todavia, se eram, como se presume, láguidas podemos admitir provisòriamente ao menos, que teriam chegado logo depois dos Tarairiús, vindos através da serra de Ibiapaba, da região maranhense. Sendo isto certo, não será despropositado julgá-las filiadas à grande família gê, ou, senão, a outra família (tàlvez, a mais de uma), já desde muito extinta.

Muitos séculos depois, chegaram ao Ceará levas de Brasílidos em vagas sucessivas e, ao que parece, bem distanciadas cronològicamente.

As primeiras que teriam alcançado o sul do Estado e ocupado os vales do rio Salgado e do Cariri, representam um enxame destacado da família línguo-cultural *Cariri ou Quiriri*. Isto se deu logo depois que esta se constituira e se firmara na região do médio rio São Francisco. Supõe-se que teriam dali vindo pelos vales do riacho da Brígida e do Pajeú. Na sua disseminação ao norte do S. Francisco, estabeleceram-se os Cari-

ris na Borborema nas cabeceiras do rio das Piranhas e em poucos outros rincões nordestinos. No Ceará, a área de dispersão compreende além daqueles dois vales mencionados, trechos dos vales dos rios Carius e Riacho dos Porcos. Esta expansão no Ceará foi relativamente reduzida, uma vez que, por um lado encontrava a resistência dos láguidos, cujas hordas fôra preciso deslocar para o norte e para leste, e por outro lado, não se deparavam com regiões amplas adequadas ao seu estilo de vida, isto é, rios perenes ou mesmo navegáveis, florestas, terrenos de solo agriculturável, abundância de frutas e de peixe. Estabeleceram-se onde encontraram as melhores condições que a geografia cearense lhes podia oferecer, pouca cousa mais do que o vale fresco e bem irrigado que tomou o seu nome e algumas regiões circunvizinhas.

Quanto ao tempo da chegada das primeiras levas, sòmente conjecturas se permitem. Os Cariri foram dos primeiros imigrantes protomaláios que abicaram as costas americanas do Pacífico, no istmo ou na Colômbia. Teriam bem cedo deixado a área de caracterização tipológica. Isto ocorreu, provàvelmente, quando ainda nela chegavam novas levas que vinham de galgar os Andes. Admitindo que essas primeiras levas na quarta corrente de povoadores alcançaram as costas de onde se internaram no continente no curso do NW. amazônico aí pelos últimos séculos dêste milênio. O estacionamento na área de formação dos Brasílidos (porventura dos pré-brasílidos) não teria sido inferior a um milênio antes da dispersão. Esta teria durado cêrca de meio milênio. Tudo isto nos leva a conjecturar que êste povo chegara às margens do rio S. Francisco há cêrca de 1,5 milênios, portanto ainda no primeiro quartel da era cristã. Poucos séculos depois estariam alguns grupos de Cariri estabelecidos no sul do Ceará, isto é, aí pelo IX ou X século da nossa era.

Muitas centúrias após o estabelecimento dos Cariri no Ceará chegaram, pelo interior, grupos de outros Brasílidos que foram ocupar as zonas frescas e úmidas da serra da Ibiapaba.

Julgamos que os Tabajaras alcançaram o planalto um ou dois séculos antes do descobrimento do Brasil. Quando, no comêço do XVII século, os colonizadores europeus vieram pela primeira vez àquela região serrana, encontraram êstes tupis sòlidamente instalados e perfeitamente adaptados às condições locais, tendo numerosas tabas disseminadas na chapada, e dominavam superiormente os tapuias (tarairiús) vizinhos que certamente haviam expulsado dos melhores sítios da serra.

Tais condições, tratando-se mesmo de um povo guerreiro e agressivo, como eram os tupis, requerem pelo menos um século de ajustamente ao meio. Talvez os Tabajaras da serra da Ibiapaba fôssem dos primeiros tupis que, sob a pressão dos colonos portuguêses de Pernambuco, emigraram para o interior. Isto, sem dúvida, não passa de hipótese, pois há certos indícios de que, antes daquela época (comêço do XVI século), já os Tabajaras se haviam estabelecido em certa região da serra. Que o fizeram antes da defecção indígena em massa, de que resultou a ocupação do litoral maranhense pelos Tupinambás, não resta dúvida.

Algumas décadas depois, outras tribos tupis da nação Potiguara deixavam aquela região do litoral norte de Pernambuco e se encaminhavam, pela costa, para o Rio Grande do Norte e Ceará, expulsando dos seus pagos os Teremembés para o norte e os Tarairiús para oeste. Esta invasão de brasílidos é completamente do domínio histórico.

*
* *

Até que novas investigações revelem dados mais positivos sôbre esta matéria, podemos admitir que o povoamento pré-colombiano do território cearense foi primeiramente efetuado por um povo australóide de estatura elevada ou média, dólico ou mesocéfalo, de cultura muito rudimentar, seguramente há 7 milênios. Assenhoreou-se da área habitável sem empecilhos

de ordem humana estranha até o 4º milênio. Então, começou a chegar pela costa o primeiro concorrente que dera o povo conhecido Taramembé. Mais tarde, como uma cunha interposta entre Tarairiú e Gê primitivos, penetraram Cariris, já perfeitamente caracterizados, destacados dos Brasílidos estabelecidos no curso médio do rio S. Francisco. Nas vésperas dos tempos históricos penetraram novas levas de Brasílidos, agora, porém, da família Tupi, que ocupara os melhores tratos da serra da Ibiapaba ao lado dos velhos láguidos. Finalmente, no albor da nossa história chegaram outros tupis pela costa, completando assim o quadro pré-histórico do povoamento do Ceará.

O esquema seguinte resume êste movimento demográfico indígena:

Tipos raciais	épocas	área de ocupação
Láguidos:	do 7º ao 4º milênio	Todo o território
Nordéstidos	do 4º ao 3º milênio	Tôda a costa
Brasílidos:		
Cariris	do 2º ao 1º milênio	O sul do Estado
Tabajara	no XV século	A serra da Ibiapaba
Potiguaras	nos XVI e XVII séculos	A costa

NOTAS AO PRIMEIRO CAPÍTULO

(1) As pesquisas modernas no campo da Pré-história sugerem que, nos primeiros estágios do Paleolítico, houve uma separação pràticamente radical entre os homens ou hominidios do oriente asiático e os do oeste do Velho Mundo. Naqueles tempos tão recuados, quando ainda não existia a nossa espécie humana, elementos culturais comuns a China. Indochina, Indonésia, Birmânia e índia oriental eram estranhos ao mundo ocidental, Oriente Médio, Africa e Europa. Isto faz supor lògicamente que, para além dos últimos 200 milênios, o Leste e Oeste do Velho Mundo evolviam separadamente ou independentemente, o que permite crer, como observa H. Vallois, estariam as culturas orientais ligadas ao Pitecantropos e Sinantropos e as ocidentais ao Homem de Mauer, ao de Neanderthal e Piltdow. Certamente, tais resultados geram novos e interessantes problemas paleoantropológicos com que os investigadores terão de contar.

(2) O Homem de Neanderthal, de que já se conhecem mais de cem esqueletos bem conservados, tinha compleição robustíssima, baixo e entroncado, com os membros inferiores curtos. O crânio de grande capacidade (1540 cent. cúbicos para os homens e 1290 para as mulheres) era muito alongado (grande dolicocefalia), mas o cérebro oferecia uma notável simplicidade, sendo o lobo frantal bem menos desenvolvido que o do **H. Sapiens**; tinha uma testa depressa e espessa, viseiras orbitárias. A face afocinhada ostentava um nariz enorme e saliente e carecia de mento. Os dentes grandes, mas com as características humanas. Êste era o homem que formava a humanidade quando apareceu a atual espécie. Desapareceu pouco depois que esta surgiu.

(3) O sábio antropologista francês P. Rivet acha que o tipo negróide de Grimaldi deixou descendentes na Europa Ocidental, Bretanha, Suíça, Iliria e Balcans. Vestígios seus revelam-se no vale do Ródano e sul da Itália. Na África acharam-se sináis déste tipo no Saara (Asselar), na bacia do Niger e no caminho do Sul do Continente, bem como na Ásia.

(4) Êste tipo humano tem sido encontrado por tôda parte; a sua universalidade é curiosa e digna de meditação. Mansey, na sua pré-história da

Indo-China (1931), regista que em 77 crânios antigos da gruta de Bac-Son, 6 são os proto-melanesianos, muito longos e estreitos, com o buraco ocipital demasiadamente traseiro, mais ainda do que no Homem de Chapelle-aux-Saints. Um outro se aproxima muito do Homem de Combe-Capelle (considerado como uma variedade do Cro-Magnon, diz aquêle autor).

(5) Parece-nos que originàriamente o homem de Combe-Capelle e o de Cro-Magnon não ofereciam diferenças étnicas apreciáveis. Mais tarde, processou-se uma divergência de que o tipo **Brno** é um interessante intermediário. O primeiro, sem dúvida, é mais antigo e difundiu-se mais vastamente no Velho-Mundo. Os seus restos, encontrados na Àsia Oriental e no norte da África, indicam origem asiática e balisam o itinerário para a Europa Ocidental. Os três tipos, embora tivessem aparecido em épocas diferentes, sobreviveram o tempo necessário para que houvessem coexistido. Surgiram no cenário do mundo quando o homem de Neardenthal ainda existia e, provàvelmente, com êles cruzara. Isto parece confirmado pelos achados osteológicos de cavernas na Palestina. Achou-se ali um tipo humano contendo caracteres do **H. Neandertalensis** e do **H. Sapiens**.

(6) É de crer que, quando ocorreu a difusão geral das raças primárias do **H. Sapiens recens** ainda os imigrados na Europa tenham encontrado os remanescentes do Cro-Magnon, do Grimald e do Chancelade.

,O cruzamento consequente teria sido mais ou menos extenso e explicaria ali a completa extinção dos primeiros representantes da nossa espécie, isto é, da variedade **fossilis**, por aborpção étnica.

O mesmo teria ocorrido na África do Norte e, noutro sentido racial, na África do Sul.

(7) Estas ligeiras noções relativas à formação das raças primárias resultam da condensação da teoria do sábio antropologista M. von Eicktedt e das idéias um tanto vagas de Jacques de Morgan. Aquela teoria, magistralmente exposta na obra notável "Rassenkund und Rassengeschichte der Menschheit", Stuttgart, 1933, teve naturalmente alicerce apreciável no livro de Morgan. "L'Humanité Préhistorique", Paris, 1924.

Da Ásia, diz Eickstedt, partiram em vagas sucessivas os grupos humanos que povoaram os continentes. Reconhecem-se fàcilmente pelo menos 4 vagas. A primeira, muito antiga, precedera a interglaciação Riss-Wurm, e teria gerado o grupo que denominou Prehomo (Pitecantropo, Sinantropo, etc.); a segunda, os diferentes tipos do **homo primigenius** (Neanderthal etc); a terceira e a quarta, o **homo alluvialis** (os paleolíticos superiores). A maneira como se diferenciaram estas últimas vagas está em relação com as condições climicas da Ásia durante o Würm. Então, esta parte do mundo estava dividida em três zonas inteiramente isoladas pelas geleiras que cobriam o Himalaia e se prolongavam para oeste pelas que se debruçaram sôbre o Iran, separando a região do sul, da que ficava ao norte. As geleiras dos montes Altais dividiam,

por sua vez, a região setentrional em duas porções, a que ficava ao oriente, correspondia a China e a Mandchúria, a que ficava ao ocidente a Sibéria.

O isolamento destas três zonas permitiu a diferenciação dos três grandes estoques fundamentais da humanidade atual: os Sul-Hominides (negros) que se formaram ao sul da barreira irano-himalaia; os Este-Hominides (amarelos) e os Oeste-Hominides (brancos).

O enxameamento dêstes estoques e de alguns grupos intermediários, formados em raros pontos de contato que as barreiras glaciais deixaram abertos, nas direções possíveis, radiais a partir da Ásia, produziram as raças agora conhecidas.

Os grupos oriundos da terceira vaga ou começo da quarta foram progressivamente empurrados pelos que se seguiram, de modo que, hoje, só se encontra nos "territórios de refúgio", situados na periferia dos Continentes. Tais são os Ainus, restos dos proto-europeus relegados no extremo este da Ásia e separados dos outros brancos pela expansão dos Mongóis. Assim são também os Vedas, repelidos para a ponta da península da índia; os Bochimanos para o sul da África; os Fueginos para o extremo sul do Continente americano. Outras formas primitivas desapareceram ou se transformaram, como, por exemplo, os homens de Cro-Magnon, primeiros representantes dos Oeste-hominidos na Europa.

Depois de indicar o destino dos Norte-Hominidos e Sul-Hominidos, Eickstedt observa que os Amerindios (os primeiros naturalmente) provieram certamente da Ásia do norte ou setentrional, donde partiram em vagas sucessivas, provàvelmente, desde o último período interglacial. O elemento de base é o Este-Hominido; mas, como os Norte-Hominidos na sua origem muito vizinhos do estreitos de Bering, tem-se a explicação por que os Amerindios lhes tomaram numerosos empréstimos, elementos que a êstes deram muitos dos traços, tendo muita cousa do Europeu.

Aqui, também, a distribuição das raças depende das condições geográficas, e os grupos provenientes das vagas mais antigas foram repelidos para a periferia: os Márgides, dolicocéfalos, empurrados para os bordos do continente; os Centrálidos, pequenos braquicéfalos dos planaltos do Sul; os Pacífidos, grandes braquicéfalos da zona montanhosa, e Sílvidos da floresta canadense, que invadiram os prados americanos do Norte.

Na América do Sul, paralelamente, duas raças dolicocéfalas e duas braquicéfalas tomaram posição. Daquelas, uma, a encantonada na região central de Minas Gerais, os Láguidos, cujos caracteres australóides resultam de terem sido participantes da primeira vaga invasora e não de migrações australianas; a outra é a dos Brasílidos, habitantes das florestas. Das duas raças braquicéfalas, os Andidos da zona montanhosa se opõem aos Pâmpides das planícies meridionais.

Êste resumo calcado sôbre o que H. V. Valois inseriu no tomo 44 de L'Anthropologie (1934), serve para comparação com o que dissemos no texto a respeito desta matéria. Vallois afirma que Eickstedt deu na sua grande obra a divisão e a história das raças humanas um aspecto biológico como ainda, não existira, e não esquece de anotar que se trata de um livro que contém uma série completa de noções do maior interêsse, provido de documentação complett.

Alguns poucos americanistas que versaram êste assunto, entretanto, discordam de Eickstedt e seus discípulos, como especialmente fêz o dr. Martim Gusinde recentemente, quanto à divisão étnica do índio Sul Americano. Seus argumentos porém não chegam a convencer.

Todavia como se vê do texto, nem sempre acompanhamos o ilustre antropologista, cuja rota entretanto não perdemos de vista e palmilhamos longamente através de um assunto que ainda requer observações cuidadosas e inteligente interpretação. Fontes outras, mais modernas, tiveram de ser exploradas com atenção na arquitetura do nosso esquema. O esbôço de Eickstedt não podia ainda se beneficiar dos progressos recentes da genética, nas suas tão intimas relações com o problema das raças. Os genetistas são mais precisos por isto que dispõem de dados mais objetivos.

Há hoje uma manifesta tendência para classificar as raças humanas sob uma base genética; mas isto não abala completamente os mais sólidos alicerces do velho edifício, que continua apresentando a sua exterior aparência, quando observado dentro de certos ângulos.

Começa-se a observar que a melhor e mais geral classificação física e antropológica da humanidade, apoiada sob uma base genética, não pode prescindir dos caracteres sorológicos.

Admite-se que a espécie humana primitiva se dispersou pela superfície acessível da terra e a sua diferenciação racial operou-se pela ação dos quatro mecanismos seguintes: 1º mutação; 2º efeito Wright; 3º Seleção; e finalmente, mais tarde, 4º por mestiçagem. Ao que parece, um dos mais eficientes fatores de diferenciação no comêço teria sido o efeito Wright atuando sôbre os pequenos grupos humanos que se afastavam do tronco originário.

(8) Descobriu-se, não há muitos anos, uma civilização arcaica no vale do rio INDUS, na península industânica. Segundo Macey (**in The Indus Civilisation, 1935**), as escavações ali feitas mostram que os níveis superiores estão relacionados em certos lugares com os inferiores mas aquêles são referidos a época de 2.500 anos A. C. ou a um milênio antes da chegada dos ÁRIAS na índia. Macey acha que os construtores das velhas cidades exploradas recentemente naquele vale, construídas 300 a 500 anos antes da referida chegada, eram da mesma origem que os SUMERIANOS e os PROTOELAMITAS, cuja escrita oferece pontos comuns com os sinais pictográficos então usados no vale do INDUS. Numerosos objetos pequenos, relacionados com a religião local, foram encontrados, dentre os quais o Autor julga perceber um símbolo solar com disposição radial de certos animais figurados. A suástica e a cruz grega aparecem nos desenhos achados. A cerâmica, bem ornada e bem cosida, tem geralmente um inducto vermelho e motivos em negro; aparecem círculos que se entrecruzam e figuras de animais, ruminantes e aves associadas a motivos vegetais.

Na cidade de **Mohengo-daro**, uma das exploradas, achou-se um fragmento de vaso de esteatita indubitàvelmente importado do SUMER, relativo ao ano de 2.800 A. C. Os poucos esqueletos encontrados revelam um tipo humano de baixa estatura e cabeça volumosa. Certamente não se pode esquecer a notável seme-

lhança de tais cousas, também, com vasos e desenhos inhumados nas costas ocidentais da América do Sul. Tudo isto deixa mais do que uma suspeita das relações das populações do vale do Indus, não só com a velha Suméria, como os pioneiros da 5ª corrente de povoadores americanos, através dos protopolinésios.

(9) A linguística ajuda a confirmar de modo convincente e existência de um fundo racial comum para tôda a espécie atual da humanidade, a espécie do **Homo sapiens**, com as suas raças primárias e metamórficas variedades e tipos atuais. Desde 1932 von Hévisy achou afinidades entre as línguas dos Mundas da índia, por sua vez aparentadas com as línguas australóides (Rivet) e as uraloaltaicas. Isto reforça a hipótese da origem dos protomongolóides e das suas emigrações para o centro da Ásia e daí para o norte da Sibéria, para o oeste e centro da Europa; e também para o sudeste da Ásia, a índia e a Indonésia.

(10) Com relação à idéia de um fundo étnico para a humanidade atual, a primeira forma do **H. sapiens**, é assaz interessante a opinião de V. Suk, expendida na sua interessante obra "ON THE QUESTION OF HUMAN RACES ON THE BASIS OF THE PRECIPITING TESTAND ISOAGLUTINATION", 1933.

Diz o ilustre sábio: o encontro de faces negróides nas populações puramente européias, assim como de faces europóides nas ilhas Célebres, japonêsas, no sul da Africa, judéia, na Melanésia, se explicam em virtude de combinações de genes primitivamente comuns em toda a humanidade. Êste fundo comum seria o australóide primitivo, primeiro povoador de Novo Mundo, ainda na infância da espécie.

O Dr. W. Boyd, eminente genetista, na sua notável "Introdução a Antropologia Física Moderna" admite que devemos partir de uma fonte já ligeiramente diferenciada do **Homo sapiens**, dispersa por imensas regiões da Ásia, e talvez também da Europa (Eurásia). Supõe-se que esta fonte possuía os grupos sanguíneos **O, A,** e **B** e adquiriu, de qualquer modo, o mecanismo moderno da hereditariedade de **M** e **N**, e possuía então, em proporção desconhecida, o gene responsável pela sensibilidade gustativa do feniltiocarbamida, bem como, talvez ainda, o gene negativo **Rh**. O fundo comum é inegável e sua origem asiática indiscutível, mesmo em considerando as modernas idéias genéticas na formação da atual humanidade.

(11) Conforme ERNST ANTEWS, a queda máxima do nível do mar foi de 80 metros (THE LAST GLACIATION). Entretanto, outros estudiosos da matéria, mais bem informados, como A. C. RAMSAY, que aprofundou as suas investigações informa que no Würm, última glaciação do Quartenário, o nível do mar baixou de 183 a 276 metros. Julga RAMSAY que os cálculos de ANTEWS são deficientes porque sòmente avaliou o volume dos gelos da última glaciação na Europa e Ásia em 5.350.000 quilômetros cúbicos, enquanto, realmente devia ser de 43.250.000k3. Outros sábios estudaram também o assunto modernamente, inclusive o geólogo W. C. Brogger (in ON THE LAST-GLACIAL CHANGE OF LEVEL IN THE KRISTIANIA REGION). Os seus cálculos levam-no a cifras que se

aproximam das de RAMSAY. Finalmente, a KNUDSEN LARRAIN (1949), utilizando cartas batimétricas modernas, avalia esta queda do nível marinho em 330 metros.

De qualquer maneira, entre os extremos registados, 80 e 330 metros, teria se estabelecido uma língua, mais ou menos larga, de terra firme entre a Sibéria e a penínnsula de Alasca. Provàvelmente, se KNUDSEN tem razão, muitas das ilhas entre a península da Malaia e o continente australiano estavam ligadas entre si, permitindo a passagem fácil dos australóides que foram primitivamente povoar aquela parte do mundo.

(12) A aplicação do mais moderno e preciso método cronológico, baseado no rádio-carbono ou C14, a restos de madeiras encontrados entre 24 e 30 metros de profundidade na vasa gelada de Fairbanks, no Alasca, revelou que árvores já ali estavam mortas há mais de 20 milênios.

Comparando tais resultados com os obtidos por meio de outros objetos achados no mesmo nível, conclui-se que, seguramente, os primeiros homens que se aventuraram a ingressar no Novo-Mundo subiram o vale do rio Yukun a nunca menos de 30 milênios (Hibben). Alguns outros investigadores, porém, admitem maior antiguidade, indo mesmo a longínqua era de 40 milênios.

Êstes homens que ainda a 10 milênios viviam nas grandes planícies norte americanas, chegaram ao extremo sul do continente (Patagônia) há cêrca de 9 milênios (já ali estacionavam seguramente a 8.638, como o C14 demonstrou). Quantos milênios teriam sido necessários para que os broncos caçadores paleolíticos, partindo do extremo norte da América, depois de estacionarem no vale do Yukon e nas grandes planícies, chegassem ao extremo oposto do longo continente?

(13) Foram levantadas objeções quanto à possibilidade dêsses emigrantes estacionarem no vale do Yukon, em vista, naturalmente, do clima rigoroso atual do Ártico ali onde a caça também não poderia viver. Mas, recentes achados de ossadas em profusão e algumas pontas de sílex, enterradas profundamente nas minas de oiro em exploração naquele vale, provam irrefutàvelmente que lá viveram os primeiros povoadores da nossa América. (Ver F. C. Hibben, in "L'Homme Primitif Americain", tradução de B. de Zélicourt, 1953, pág. 32 e seguintes). Êste eminente professor de Antropologia conclui, dizendo que: "Os dados arqueológicos e os restos de antigos mamíferos nas lamas do Alasca atestam que por ali, pelo estreito de Bering, passaram os colonizadores indomáveis da América, abrindo um caminho através das grandes planícies e dos vales do continente setentrional, e em seguida, através do istmo do Panamá, foram a América do Sul".

(14) O homem de CRO-MAGNON é parente próximo do Australoide primitivo. Representa, provàvelmente um tipo étnico formado pela diferenciação de uma leva emigrante da Ásia que levou aquêles primeiros constituintes da nossa espécie à Europa Ocidental e Norte Africano. Realmente, trata-se de gente de elevada estatura (1,80/1,90 ms. média), dolicocéfala (índice 73,7) de crânio volumoso (capacidade média de 1.590 cc) e alto, dolico-pentagonal, malares fortes e salientes, acentuado prognatismo, com mandíbula inferior robusta e mento proeminente.

Este tipo deixou vestígios da Inglaterra a Moravia e no Norte da África, com variações somáticas perceptíveis. Ao lado do tipo padrão de Cro-Magnon se alinham os homens de Combe-Capelle, de Brünn, de Predmost e outros. Em verdade a raça ainda não se extinguiu completamente, pois aparecem presentemente, através do Neolítico e Eneolítico, isoladamente, representantes, da sua estirpe, na Provença, na Espanha, no Norte Africano e nas Canárias. Segundo Giuffrida-Ruggeri, o crânio de Combe-Capelle é mais dolicocéfalo, prognato e platirrínico (Quatro Crani preistoric dell'Italia meridionale e l'Origine del Maditerranei, in Arch. per l'Anthrop. e la Ethn. Vol. XLV, 1916, apud M. Boule).

Observa Marcelino Boulle que os verdadeiros Cro-Magnon podem ser considerados como um tipo médio, em tôrno do qual gravitam variações devidas provàvelmente a influência de diversos meios geográficos e talvez também a cruzamentos. Mas o conjunto forma de fato um bloco" (Boule, "Les Hommes Fossiles", 2ª Ed., pg., 292). Êste ilustre antropopaleontologista informa ainda que o tipo não desapareceu e aparece esporàdicamente em vários lugares da Europa e Norte d'África, mas, especialmente entre os Guanches. Diz-nos igualmente que entre os tipos negroides de Grimaldi, os homens de Cro-Magnon e de Chancelade existe certo número de traços comuns e fundamentais, atestando a unidade e variabilidade do **Homo sapiens fossilis** (Les Homens Fossiles", 2ª Ed., pg. 298). Por outro lado, De Quatrefages afirmava existirem grandes relações dêsse tipo com os Peles Vermelhas.

Tudo isto revela a origem dos homens fósseis da nossa espécie na Europa e na América e noutras regiões do Globo.

Com a relativa homogeneidade antropológica, física e cultural, de certo tipo do H. sapiense fossilis, já se não permite razoàvelmente falar da origem polifilética da atual humanidade, malgrado haver sido relembrada modernamente, depois de um longo período de esquecimento. A referência neste sentido não abrange os tempos prevurmianos atém-se simplesmente à nossa atual espécie.

(15) Não é descabido supor que, por ocasião da culminação do Mankato, o gôlfo do México não passava de um enorme lago, um grande mediterrâneo, por isto que com o abaixamento do nível do mar naquela época ter-se-ia formado uma ponte terrestre pelas Antilhas. Esta ponte teria dado fácil passagem às migrações mais antigas entre as duas Américas. Pode-se admitir com certas reesrvas que por ali teriam transitado como o fizeram também pelo istmo, os australóides que se anteciparam no povoamento desta parte do Novo-Mundo.

(16) Escavações relativamente recentes no vale do Indus, na índia, revelaram a existência de duas antigas cidades do III ou IV milênio A.C., ostentando uma civilização autoctone relacionada com a que se desenvolvia, então, na Mesopotânia. Os esqueletos achados na cidade de **Mehenjo-Daro**, nome da cidade cujos vestígios vinham sendo expostos, foram especialmente estudados por Friedericks e Muelle (DIE RASSENELEMENTE IM INDUS-TALWAHREND DES 4º UND 3º VORCHRISTLICHEN YAHRTAUSENDS UND LHERE VERBREITUNG) mostram que ali viviam vários tipos humanos: Wedas, Dravi, Australóides e Melanoides, bem como

um tipo protomediterrâneo e outro mongólico. Esta civilização pré-histórica estendeu-se por uma área considerável, como mostram os restos de outra cidade descoberta, Harappa, situada a 650 quilômetros ao sudoeste daquela.

MACKEY (in THE INDUS CIVILISATION, 1935), um dos que dirigiram as escavações reveladoras dessas cidades, pensa que o nível superior, o mais recente da vida daquelas cidades, está situado 1.000 anos ante da chagada dos "Àrias" na índia; e que os homens que as construiram eram da mesma origem dos Súmeros e dos Proto-Elamitas, cuja escrita tem elementos comuns com sinais pictográficos achados no vale do índus.

É de crer que dêste vale tenham emigrado grupos humanos para a Indonésia. Isto teria ocorrido nos primeiros séculos da fundação da referida civilização, quando ainda lhe faltavam certos elementos culturais que surgiram mais tarde, senão que os fundadores daquelas cidades tenham sido apenas um galho destacado do ramo ou tronco que proviera da Mesopotâmia, tendo o outro galho ido para a Indonésia.

Os elementos da nossa quinta corrente de povoadores prè-históricos da América traziam, consequentemente, genes dêsses fundadores da civilização do índus, através da Indonésia e da Polinésia sucessivamente.

(17) Não há dúvida sôbre que esta influência se projetou muito longe das suas origens andinas. Na América do Norte é admirável o fato da quase completa assimilação da civilização superior dos mexicanos pelos povos Astecas, vindos do norte. Pensa o Dr. Paulo RADIN que povos aruaques trouxeram do SE dos Estados Unidos influências mexicanas para a bacia do Orenoco e as costas setentrionais do Brasil e, por intermédio dos povos tupis, tiveram grande difusão nas regiões intertropicais do continente meridional. O rio Amazonas e alguns dos seus afluentes da vertente setentrional e do curso superior facilitavam as comunicações dos povos de alta cultura com os que viviam no curso-médio e baixo. Daí porque, indiretamente, alguns elementos culturais daquelas gentes andinas, mais ou menos modificados, chegaram até as ribas do Atlântico e as costas orientais do Brasil e a vários sitios do interior. Não é aqui o lugar próprio para desenvolver esta matéria, objeto de um trabalho em eleboração para posterior publicação.

(18) Bumerang é arma de arremeço, geralmente de retôrno, ainda empregada pelos indígenas australianos. Apresenta uma certa variação de forma ou vários tipos. O de retôrno, segundo o General Pitt Rivers, foi usado no antigo Egito; e ainda agora, no nordeste da África, uma arma bumerangóide, até mesmo fabricada de metal (thorowing knives, é empregada, pelos negros. No sul da índia achou-se um bumerang que parece ter tido outrora largo uso. Os Hopis do Arizona (América do Norte) empregam um bumerang que não retorna ao ser projetado; índios do nordeste do Brasil e do Rio S. Francisco arremeçavam com grande violência contra os inimigos e a caça grande um pau apontado de forma bumerangóide muito pesado e de grande resistência.

Depois de curiosas comparações léxicas, o Dr. P. Rivet pondera: "A língua Tchon possui os correspondentes exatos das poucas palavras comuns à maioria dos dialetos australianos, como mão, pé, excremento, língua, fogo, canguru. Em compensação, perdeu completamente os pronomes e numerais que, é preciso notar, diferem entre uns e outros dialetos australianos. Isto parece indicar, observa o ilustre sábio, que o Tchon se separou do australiano numa época muito antiga".

(19) Estes remanescentes se patenteiam principalmente no domínio linguístico. Explicam porque se encontram em certos dialetos aruaques, caribes e de outras línguas de povos que jamais deixaram as suas plagas nas florestas amazônicas, do lado ocidental da bacia, alguns elementos léxicos. Certos litoglifos da mesma região daquela grande bacia hidrográfica, evidentemente de origem paleolítica, revelam que os descendentes dos australoides, que por ali viveram e cruzaram a floresta, não o fizeram com tanta rapidez, como geralmente se pensa.

(20 Realmente, armas desta natureza têm sido reveladas em vários lugares do continente americano, quer ao norte quer ao sul do istmo, com formas um pouco diferentes, mas significativas. Pesquisas arqueológicas recentes descobriram-nas no antigo Egito, no sul da África e na própria Europa. O mais curioso é que ainda agora são usadas no sul da índia e no nordeste da África, onde são fabricadas até de metal.

21) Os Oti foram cruelmente dizimados no 3.º quartel do século passado por fazendeiros que se haviam instalado perto dos seus velhos domínios.

A respeito dos Curura pensa o Dr. Curt Ninmendaju que não são mais do que um simples grupo de Opaié no que parece não ter razão o hábil explorador dos nossos índios.

22) O Dr. Gustavo Barroso, ilustre Diretor do Museu Histórico do Rio de Janeiro, mandou-me duas fotografias reproduzindo as estampas de dois índios Tremembé que figuram num códice colonial da segunda metade do século XVIII, em côres (aquarela) representando tropas pagas, ordenanças e milícias do Ceará. As duas interessantissimas figuras de índios, provàvelmente de uma aldeia de missionários, que devia ser a de Almofala, situada no estuário do rio Aracati-açu, município de Acaraú, confirmam os traços físicos e robustez dêsses índios costeiros. O esquisito olhar de sosláio, que as estampas registam tão fielmente, ainda hoje se observa entre os remanescentes daqueles ameríncolas, conforme o testemunho do Dr. Florival Seraine que, no seio daquelas relíquias, andou colhendo elementos para um curioso estudo folclórico.

23) Que os CARIRI eram Brasílidos e não Láguidos, como se supunha geral-

mente, parece ter ficado razoàvelmente demonstrado pelo autor desta monogra_ fia no Tomo LXIV referente ao ano 64 da "Revista do Instituto do Ceará" (1950) .

24) Tem-se um importante indício dêste itinerário no fato, agora verificado por Rivet e Jijon y Camanho, de que muitas das línguas da Colômbia, formalmente consideradas como do grupo CHIBCHÁS, são ou foram (pois várias delas estão extintas) CARIBAS. Nelas se incluem o CHOCÓ e o PIJAO.

OBRAS CONSULTADAS (*)

1 ABERG, Nils. — La Civilisation Enéolithique dans la Péninsule Iberique. Halle, 1921

2 ABREU, S. Fróes, — Sambaquis. Rio de Janeiro, 1928

3 — ACCIOLI de Cerqueira e Silva, J., — Dissertação Historica, Ethnographica e Politica sobre Tribus aborigenes da Bahia.

4 ALLEN, F. A., — La très-ancienne Amérique ou Origine de la Civilization du Nouveau-Monde. In Anais do Cong. Int. des Amer. en Nancy. 1875.

5 — AINSWORTH MEANS, P., — A survey of Ancient Peruvian Art. In Conneticut Ac. of Arts and Sciences. Vol. 21, 1917

6 AMEGHINO, Florentino. — La Antigüidad de l'Hombre en la Plata. Buenos-Aires.

7 AMEGHINO, F., — Armes et Instruments de l'Homme Préhistorique des Pampes. Anth. Tomo 3.º, 1880

8 ANTEVS, E., — Climatic variation during the Last Glaciation in North America. In Boll. Am. Meteor. Soc. XIX. Washington, 1938.

9 AREILANO, J. de, — Antiguedades de Costa Rica. Madrid, 1892

10 AUGUSTO CALDAS, J., — Memória Histórica sobre os Indigenas da Provincia de Matto Grosso. Rio de Janeiro, 1887

11 AVILA, Bastos de, — Questões de Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro, 1935.

12 ABREU, S. Fróes de, — Na Terra das Palmeiras. Rio de Janeiro, 1931.

13 ABREU, S. Fróes de., — Os Indios Crenaques em 1926. In Tomo XVI da Rev. do Mus. Paulista. S. Paulo, 1929.

---

* Todas estas obras e numerosos periódicos foram consultados. Muitas forneceram idéias e sugestões positivas ou mesmo valiosas contribuições. outras, não passaram de elementos mais ou menos úteis de estudo ;várias foram de efeito puramente negativo, servindo indiretamente para firmar objetivos em relação com a matéria por elas tratadas total ou parcialmente.

Nem tôdas, mesmo das que contribuiram com elementos uteis de divulgação, foram citadas no texto. Os assuntos de caráter inteiramente pacífico ou já muito conhecidos e divulgados pressidem de referências autorais.

1 — BAILEY, T. — Angkor — The lost kingdom of the Khmers. Nat. Hist. Vol. XLVII, n. 4, 1941

2 — BALDUS, Herbert. — Tribos da Bacia do Araguaia e o Serviço de Proteção aos índios. Rev. do Mus. Paul. Vol. II, 1948

3 — BALDUS, H. — Ensaios de Etnologia Brasileira. S. Paulo, 1937

4 — BALDWIN, J. D. — Ancient América. London, 1874

5 — BARBOSA de FARIA, J. A Cerâmica da tribo Maboi dos rios Trombetas. 1928/29.

6 — BARBOSA de FARIA, J. A Cerâmica da tribo dos rios Trombetas. e Jamundá. 1928/29.

7 — BARBOSA RODRIGUES, J. — Poranduba Amazonense. Manáos, 1887.

8 — BARLOW, R. H., — Conquistas de los Antiguos Maxicanos. J. S. A. P. T. XXXVI. 1947

9 — BARTON, R. F., — Ifugao Law. American Archaelogy and Ethnology, Vol. 15, n. 1, 1919

10 — BARTON, R. F., — Ifugao Economies. Am. Archael. and Ethn. Vol. 15, n. 5, 1922

11 — BENNET, W. C., — The Andean Civilization. H. S. A. I. Vol.

12 — BENNET, W. C. — The Archeology of Colombia. H. S. A. I. Vol. 2.º

13 — BENNET, W. C. — Means, Strong e Vaillant. — Preliminary Report of the Institute of andean Research Program, Ac. Am. Vol 1 n. 2, 1943

14 — BERTOLASO STELLA, J. — Vestígios da Língua Primitiva. 1933

15 — BEUCHAT, H. — L'Ecriture Maya. J. S. A. P. Tomo X, 1912.

16 — BEUCHAT, H. — Manuel d'Archeologie Americaine. Paris, 1912

17 — BETENDORFF, J. F. — (1669/93). Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. R. I. H. G. B. 1910

18 — BIASUTTI, R. — Contributi all'antropologia e all'antropogeografia della popolalione del Pacifico settentrionale. Arch. per l'ant. e la etnologia. Vol. XL, 1910

19 — BIASUTTI, R. — La Razza e i popoli della Terra. Torino, 1941

20 — BIRD, Junius. — The Archaelogy of Patagonia. H. S. A. I. Vol. I

21 — BISHOP, C. W. — Origin of the Far Eastern civilization. Vashington, 1942

22 — BLACK, P. D. e Teilhard Chardin, P., Young, C. C. e Pei, W. C. — Fossil Man in China. Men. Geal. Survey of China n. 11, 1953

23 — BLACK, D. — Palaegeography and polar shift. A study of hipothesical projection. Eoll. of the Geol. of China. Tomo X.

24 — BOAS, F. — The history of the American race. Annais New York Acad. of. Sc. Vol. XXI, 1912.

25 — BOMAN, Eric. — Antiquités de la region de la Republique Argentina et du desert d'Atacama, Paris, 1908.

26 — BON, Gustave le — L'Homme.

27 — BORDIER, A. — Japonais et Malais. Anth. Tomo 4º 1881.

28 — BOULE, Marcellin. — Les Hommes Fossiles. Paris, 1923.

29 — BOYD, W. C. — Génetique et Races Humaines. Trad. do inglês de F. Bourliére e J. Sutter. Paris, 1953.

30 — BRETTON, B de — Origines des peuples de l'Amerique. Comp. R. de Cong. Int. des Amer. 1875.
31 — BREUIL, L'Abbe, — Le Feu et l'Industrie de Pierre et d'Os dans le gisement du "Sunanthropus" a Choukoutien, Anth. T. 42, 1932.
32 — BREUIL, L'abbé — L'Etat actuel de nos connaissences sur les indus-gisement du "Sinanthropus" a Choukoutien., Anth. T. 42, 1932. d'Ant na sessão de 19_6-1935. Anth.
33 — BRINTON, Daniel. — The American Race. Philadelphia, 1891.
34 — BRITO, Machado. — Os Carajás. Rio de Janeiro, 1945. Neerlandaises. Anth. T. 43, 1933.
35 — BUING, D. J. — Recherches sur les groupes sanguins aux Indes
36 — BUNGE, O. D. E. — Contribution a l'Astronomie Maya. JSAP. Tomo XXXII, 1940.

1 — CAAMANO, J. J. y — Puruha. Bol. Ac. Nac. Hist. Equador, Vol II e V, 1921 e 1923
2 — CAAMANO, J. J. y — Los aborigenes de la Provincia de Imbabura. Madrid, 1912
3 — CAAMANO, J. J. y — Un Vaso "Thein orange" del País Caranquis, Equador. Am. Ant. Vol. XIV n. 3, 1949
4 — CANALL FRAU, S. — The Huarpe — H. S. A. I. vol. 1.o
5 — CANALL FRAU, S. Prehistoria de America. Buenos_Aires, 1950
6 — CAPITAN, Dr. L. — Contribution á l'etude des raports de l'Amerique avec l'Oceanie. J. S. A. P. Tomo XVII, 1923.
7 — CAPITAN, Dr. L. — Compairison de la ceramique des Pueblos avec les céramique eneolithiques de Vieux-Mond. J. S. A. P. Tomo XI, 1927
8 — CHAMBERLAIN, Dr. Alex F. — Nomenclature and distribution of the Principal Tribes of the Arawakan Linguistic stock of South American J. S. A. P. Tomo X, 1912
9 — CHILDE, V. Gordon — New Ligth on the most ancient East. London, 1934
10 — CHURCH, J. W. — A vanishing People of the South Seat. The Nat. Geog. Mag. Vol. XXXVI n 4, 1919
11 — CLAPP, F. G. — In the Northwest of the Australian Desert. The Geog. Rev. Vol. XI, n. 1, 1921
12 — COLANI, Melle M. — Recherches indochinois, Bull. de l'Ecole F. d'Ext. Oriente Tomo XXX.
13 — COLBERT, E. H. — Mammoths and Man. Nat. Hist. Vol. L nº 3, 1949
14 — COLLIER, D., — The Archaelogy of Equador H. S. A. I. Vol 2º
15 — COON, C. S., — The Racer of Europe. New York. 1943
16 — COOK, James — Viaje hacia el Polo Sur y Alrededor deo Mondo. Trad. do inglês de Ortega y Gasset. Madrid. 1921
17 — COOPER, J. M. — The Souther Hunters. HSAI. Vol. 1º
18 — COOPER, J. M. — The Chone. HSAI. Vol 1º
19 — COOPER, J. M. — The Yahgan. HSAI. Vol 1º
20 — COOPER, J. M. — The Ona. HSAI. Vol 1º

21 — COOPER, J. M. — The Patagonian and Pampean Hunters. HSAI. Vol. 1º

22 — COUDRAU, H. — Voyage au Xingu. Para, 1895.

23 — COUDRAU, H. — Voyage au Tapajós. Pará, 1896.

24 — COUDRAU, H. — Voyage d'Exploration dans l'Interieur des

25 — CREVAUX, Dr. Jules — Voyage d'Eploration dans l'Interieur des Guiannes, 1876 e 1877. Le Tour du Monde, 1897.

26 — CREVAUX, Dr. Jules De Cayenne aux Andes, 1878 e 1879. Le tour Du Monde, 1880

27 — CURT Nimuendajú. — The Social structure of the Ramkokamecra (Canella). Trad. de Robert H. Lowis. Amer. Anthr. Vol. 40

28 — CURT Nimuendaju. — The Mura and Piraha. HSAI. vol 3.o

1 — DAVISON, Dorothy, — Na Aurora da Humanidade. Trad. do inglês de Mello-Leitão, 1942.

2 — DENIKER, J., — Les Races et les Peuples de la Terre. Paris, 1926.

3 — DENIKER, J., — Les Kalmouks. Anthr., 1884

4 — DIGUET, Leon., — Contribution a L'Ethnographie Précolombienne du Méxique. JSAP., Tomo 1, nº 1, 1903.

5 — DIGUET, Leon., — Notes d'Archeologie Mixteco-Zapoteco. JSAP., Tomo 2., 1904

6 — DOBZHAN, Th., — Genetic and the Origen of Especies. New-York, 1941

7 — DUPONT, M. E., — L'Homme pendent les Ages de la Pierre. Paris, 1872,

1 — EDWARD C. COLIN, PH. D., — Elementos de Genética. Trad. de Moura Rangel. S. Paulo, 1947

2 — EGON SCHADEN — Ensaio etno-sociológico sôbre a Mitologia heroica de algumas tribos indigenas do Brasil. Sociologia, Vol. VIII, 1945

3 — EHRENREICH, P. — Divisão e distribuição das Tribos do Brasil. Rev. da Soc. de Geog. do Rio de Janeiro, 1892.

4 — EHRENREICH, P. — Contribuição para a etnologia do Brasil. Trad. de Egon Schaden. Rev. do Mus. Paul. Vol. II, 1948

5 — EHRENRAICH, P. — Die Mythen und Legenden der Sudamerikanischen Urvolker und — Ihrebesilkungen zu denen Nordamerikas und der alten Welt Berlin, 1905

6 — EIKSTEDT, E. von — Die Rassengeschichte von Indien mit besonderer Berücksilkungem von Mysore. Zeitschrif — Tomo 32, 1938

7 — EICKSTEDT, E. von — RASSENKUNDE und Rassengeschichte der Menssechheit. Stuttgard, 1933.

8 — EKHOLM, G. F. — Is American IndianC ulture Asiatic? Nat. Hist. Vol. LIX, n. 8, 1950

9 — EKHOLM, G. F. — The Glory Before Cortez Nat. Hist. Vol. LIII, n. 3, 1938/41

10 — ENNES, ERNESTO. — As Guerras nos Palmares, 1º Vol. S. Paulo, 1938
11 — ESTEVÃO, C. — O Ossuario da "Gruta do Padre" em Itaparica. BMN. 1938/41
12 — ESTEVÃO, C. — Cerâmica de Santarém, RSPHAN, n. 3, 1939
13 — EVREX, Ivo d' — Viagem ao Norte do Brasil, 1615. Trad. do francês

1 — FAIRSERVIS, Jn.º, W. A. — Exploring the "Desert to Death" in Central Ásia. Nt. Hist. Vol. LIX n. 6, 1950
2 — FEBVRE, L. — La Terre et l'Evolution Humaine. Paris, 1922
3 — FERNANDES, Florestan. — A Organização Social dos Tupinambá. S. Paulo, 1948
4 — FERRARIO, Benigno. — El Idioma de los Chonos y de los Caucaues. Physis, 1939
5 — FERRARIO, Benigno. — Della possibile parentela fra lelingue "Altaiche" ed alcune americane.
6 — FERRIS, H. B. — Antropological Studies of the Quichua and Machigang Indian. Conneticut Ac. of Arts and Sc. Vol 25, 1921
7 — FERRAZ de Macedo, Dr. F. — O Homem Quaternario e as Civilizações Prehistóricas na America. Lisboa, 1882
8 — FIORE, B. O. — A Origem do Homem Americano. Investigações, n. 11, 1948
9 — FIORE, B. O. — Investigações mental paralela em povos primitivos da América e do Mediterrâneo. Investigações. n. 10, 1949
10 — FOOTE, R. B. — The Foote collection of Préhistoric and Protohistoric antiquities. Madras, 1914
11 — FOOTE, R. B. — Notes on their Age and distribution, Madras 1916
12 — FOSTER FLINT, R. — Trade-Marks of Yesterday's Glaciers. Nat Hist. Vol. LVII, n. 8. 1948
13 — FOSTER FLINT, R. — Trede-Marks of Yesterday's Glaciers. Nat Hist. Vol. LVIII, n. 4, 1949
14 — FOSTER FLINT, R. — Ups Dows of the Great Lakes. Nat. Hist. Vol. LXI, Nº 8, 1941
15 — FOSTER FLINT, R. — Ups Dows of the Creat Lakes. Nat. Hist. Mo. 1913

1 — GALLARDO, Dr. C. S. — Los Onas. Cong. Latino Americano.
2 — GARCIA, Fr. G. — Origem de los Indios del Nuevo Mundo. Madrid, 1726
3 — CESSAIN, R. — Contribution a l'etude des Tapehua de Huehuetla — La tache pigmentaire congénitale. JSAP. Tomo XXXVI, 1947
4 — GIRSCHNER, Max. — Die Karolinsel Namoluk und ihre Bervohner.
5 — GOELDI, Dr. E. A. — Excavações Archeológicas em 1895. Memorias do Museu Goeldi, Pará, 1905
6 — GOEJE, C. H. de — O Cariri. Trad. do alemão de Osvaldo Riedel. RIC. 1950

7 — GORDON CHILDE, V., — The Down of European Civilization. London, 4ª Ed. 1947

8 — GOSNER, K. L. J Maya Metropolis. Nat. Vol. LVI. n. 3, 1952

9 — GOURY, G. — Origine et Evolution de l'Homme. Paris, 1927

8 — GROSSE, E. — Origens da Arte. Trad. de Ed. Rossi, 1943

9 — GUENTHER, H. — Die nordische Rasse bei den Indogermanen Ariens.

10 — GUHA, B. SI — Antropologist to the zoological Survey of India. Trad. Mel. Bonnet. 1935

11 — GUENTHER, H. — Die nordische Rasse bei den Indogermanen Ariens. Mubich, 1934.

12 — GUY, Harnois — Les Théories de langage en France. Paris

13 — GUSINDE, MARTIM — El tipo Antropologico del indio sudamericano, XXXI Intern. Cong. of. Amer. 1952

1 — HADDON, A. C. — The races of man Cambridge, 1929.

2 — HAGEN, V. W. von — Shrunken Heads. Nat. Hist. Vol. LXI. n. 3, 1952

3 — HARTMANN, R. — Les Peuples de l'Afrique. Paris, 1880

4 — HAWKES, J.; HAKES, C. e Terra, H. de — Paleolithic human industrie in Northwest Pundjab Kashirmir and their geological significance. Mem. of the Conn. Acad. of Arts ands Sc. Tomo VIII, 1934.

5 — HEYERDAHL, THOR, a Expedição KON Tiki. Trad. de A. Soares de Moura S. Paulo, 1951

6 — HELEN C. Palmatary. — Tapajó Pottery, 1939

7 — HIBBEN, F. C. — L'Homme Primitif Americain. Trad. do inglês de B. Zelecourt, Paris, 1953.

8 — HOLmes, W. H. — Como se pobló American. Vol. XIV de los trabajos del 4º Cong. Client., en Santiago do Chile, 1909

9 — HOSTOS, Ad. de — Notes on West Indian Hydrography in the Relation to Prehistoric Migrations. An. XX Cong. Americanista no Rio de Janeiro, 1922.

10 — HOUGH, Dr. W. — Fire Origin Myths of the New-World. An. XX

11 — Howells, W — Prehistore et histore naturelle de l'homme. Trad. do

12 — HOYOS, L. de — Cranes Fuéglens et Araucans. JSAP Tomo X, 1912 inglês de M. Clavalier. Paris 1950.
Cong. de Americ. no Rio de Janeiro, 1922.

13 — HRDLICKA, Ales. — Remains in castern Asia of the race that peopled America Smithsonian misc. coll. Vol. 60, 1912

14 — HRDLICKA, Ales. — Pan-American Antropology. In. Acad. Am. VI, n. 2 1943.

15 — HRDLICKA, Ales. — The Genesis of the American Indian. Proc. of the Nineteenth Ins. Cong. of Am., Washington. 1915

16 — HRDLICK, Ales — The Derivation and probable place of origin of the North American Indian. Intern. Con. of. Americ. Londres, 1912

17 — HUC. M., Souvenirs, d'uni Voyage dans a Tartarie et le Tibet (1844-46) Pekin, 1924.

1 — IHERING, Dr. H. von. — A Anthropologia do Estado de São Paulo. In Rev. do Museu Paulista. Vol. VII, pg. 203-257, 1907
2 — IHERING, Dr. H. von. — A Ethnologia do Brasil Meridional. S. Paulo, 1903
3 — IHERING, Dr. H. von. — A Questão dos Indios no Brasil Rev. do Mus Paul Vol. VIII, pg. 112 — 140, 1910.
4 — IHERING, Dr. H. von. — Residuos da Idade da Pedra, na cultura actual. Rev. do Inst. Hist. de São Paulo Vol. X, 1904
5 — IMBELLONI, J — La Esfinge Indiana. Buenos Aires, 1926.
6 — IMBELLONI, J. — Fueguidos y Láguidos: Posicion de la raza Paleo-americana e de Lagoa Santa. Man. do Museu Ar. Cienc. Nat. Buenos Aires, XXXIX, 1937.
7 — IMBELLONI, J. — El Idioma de los Incas del Peru en el grupo linguistico Melanésio-Polinésio. Esf. Ind. 1925.

1 — JENNESS, D. — Prehistoric Culture Waves fron Asia to America. Jour., Wash. Ac. Scien Vol. 30, n. 1, 1940.
2 — JENNESS, D. — The Indians of Canadá, Dept. of Mines, Bol. 65, 1932
3 — JOLEAUD, L. — L'Histoire Biogeographique de l'Amerique et la teorie de Wegener. JSAP. T. XVI, 1924
4 — JOLEAUD, L. — Les Rites de l'euux aux temps Neólitiques dans el Nord Oest Africain. Revue Scientifique. N. 22 1953.
5 — JONGHE, Ed. de. — Le Calendier Mexicain. Jour. de la Soc. des Am. de Paris Tomo III, 1905, N-S.
6 — JOURNAL de la Soc. des Amer. de Paris. — Melanges. tomo IX. 1912, N-S. pg. 463. — Les Problémes de l'unité ou de la pluralité des Aborigines d'Amerique et le lieu proplable de leur origine.
7 — JUDD, N. M. — Everydey Life in Pueblo Bonito. NGM. Vol. XLVIII, 1925

1 — KATE, Dr. H. ten, — Notes d'Anhropologie Sud Americains JSAP. Tomo XVI, 1924
2 — KEITH. A, — The Antiquity of Man. London, 1925
3 — KEITH, A., — New Discoveryes relating to the antiguity of man. London, 1931.
4 — KISSENBERTH, W., — Bei den Canella — Indianern inzentral-Maranhão., 1912
5 — KISSENBERTH, W., — Uber die hauptsachlchen Ergebnisse der Araguaya-Reise. Zeitschrift fur Etnologie. T. I, 1912
6 — KLARA von Moeller — A Ilha da Páscoa e o Peru. BMN., 1938-41
7 — KOENIGSWALD, G. H. R., — Search for Early Man. Nat. Hist. Vol. LVI n. 1, 1947
8 — KOSSOVITCH, N., — Recherches séro-anthopologiques chez quelques

peuples du Sahara français — C. R. des Sceances de la Soc. de Biológie. T. CXVI, 1934

9 — KRAUSE, Fritz., — Die Kunst der Karajá-Indianer. 1908

10 — KRAUSE, Fritz., — Amerika und Bogen_kultur. Mitteilunger der Anthropologyschen Geelischaft. Vien. T. XXXXII, 1912

11 — KRICKEBERG, W., — Beitrage zur Frage der alten kulturgeschicht lichen Bezichungen zurschen Nord und Sudamerika. Zeitschrift für Etn. T. 66 — 1934

12 — KRIEGER, H. W., — Design areas in Oceania Based on specimens inthe United States National Museum — Proceeding US. Nat. Mu. T. 79, 1932

United Stetes Nacional Museum — Proceeding US. Nat. Mu. T. 79, 1932

13 — KRVEBER, A. L., — Anthropology. NY. 1923

14 — KRONE, RICARDO. — Vorgeschichtliche Aufzeichnungen. Notas Preristóricas. Brasillanische Rundschau (Rev. Brasileira), 1911

1 — LACERDA, A. de., — O Fenômeno Religioso e a Simbólica. Porto, 1922

2 — LACERDA filho e Rod. Peixoto. Contribuições para o estudo antropológico das Raças indigenas do Brasil Arca. do Museu Nac. Vol. I, Rio de Janeiro, 1876

3 — LAPOUGE, G. V., de, — L'Arien. Paris, 1899

4 — LARRAIN, A. Knudsen, — Las Glaciaciones Pleistocenicas y su relation con el nivel de los oceanos durante el Cuaternario. RMHNC. T. II, 1949

5 — LATCHAM, R. E. — Antropologia Chilena. Vol. XIV. Trabajos del 4.º Cong. Cient. (1.º Pan Americano) de Santiago, Chile, 1908

6 — LOOSER, G. — Las Balsas de cuero de lobo de las costas de Chile. Santiago, 1939 e Notas do Dr. A. Oyarzun in RMHNC, Ano I, 1939

7 — LEAKEY, L. S. B., — The Stone Age Races of Kenia. London, 1935

8 — LOPES, R. — A Civilização Lacustre do Brasil. BMN. n. 2. Rio de Janeiro, 1924

9 — LOPEZ, V. F, — Les Races Aryennes du Peru. Montevideo, 1871

10 — LOTHROP, S. K., — Indians of the Paraná Delta and la Plata Littoral, in HSAI. Vol 1.º

11 — LOWIE, R. H., — The Tropical Florest Tribes. An Introduction. In HSAI, Vol. 3.º

12 — LOWIE, R. H, — The Northwestern and Central Ge. HSAI, Vol. 1.º

13 — LOWIE, R. H. — Traité de Sociologie Primitive. Trad. de E. Metraux, Paris, 1936

14 — LOWIE, R. H. — Manuel d'Antropologie Culturelle. Trad. de E. Metraux, Paris, 1936

15 — LUBBOCK, J. — L'Homme Prehistorique. Paris, 1876

16 — LOUKOTKA, Cestemir — La Parenté des langues du bassin de la Madeira, Posnan, 1950

1 — MAC-GURDY, G. G. — New light on Prehistoric Man in Asia. Proc. of the Amer. Plilosophical Soc. T. LXXII, 1934

2 — MCM-COWn, Th. D., — The Antiquity of Man in South America, HSAI, V. 6.º

3 — MAMIANI, L. V., — Arte de Grammatica da Lingua Brazilica da Nação Kiriri. Rio de Janeiro, 2.a Ed. 1877

4 — MAMIANI, L. V., — Cathecismo da Doutrina Christã na Lingua Brazilica da Nação Kiriri, 2a. Ed. Rio de Janeiro, 19

5 — MAN, S. H., — On the Aboriginal Inhabitants of the Andaman Islands

6 — MANSUY, H. — La Prehistoire en Indochina. Resume de l'etat de nos connaissances sur la Prehistoire et Etnologie des races anciennes de l'extreme-Orient méridional. Paris, 1931

7 — MARIO Melo. — Os Carnijós de Águas Belas. Rev. do Mus. Paulista. T. XVI 1924.

8 — MARTINEZ del RIO, P., — Las Origenes Americanas. Mexico, 2.a Ed. 1943.

9 — MARTINEZ LOPEZ, R., — Autoctonia de los Americanos y sus primitivas relacione con el lejano Oriente. Instit. Carnegie de Washing-

10 — MARTIUS, C. F. P. von, — e SPIX, J. B. von, — Viagem pelo Brasil, Trad. do alemão de Lucia F. Lahmeger, 1932.

11 —MASSELIN, M., Le Canadá pre-historique. Cong Int. des Amer. Nancy, 1974

12 — MAYHIASSEN, T. — The Present Etage of Esquimo archaeology. Acta Archaeologica T. II, 1931

13 — MATSUMURA, J. — Contributions to the Ethnography of Micronesia. 1918. Enc. Brit., vol. 17.

14 — MATTOS, Anibal. — A Raça de Lagoa Santa. S. Paulo. 1941

15 — MATTOS, Anibal. — O Sábio dr Lund e Estudos sobre a Pré-historia Brasileira. Belo Horizonte.

16 — MAX UHLE — La Esfera de influencia del pais de los Incas. Vol. XIV, de los Trabajos del 4.º Cong. Cient.. Santiago, 1908/09

17 — MAXIMILIANO, Princ. de Wied neuwied, — Viagem ao Brasil. 1820. Trad. do alemão de Oliverio Pinto, 1940

18 — MAGGERS, Betty G., — The Archeology of the Amazon Basin. HSAI, Vol. 3.º

19 — MEILLET, A., — e COHEN, M., — Les Langues du Monde. Paris, 1924

20 — MENDES CORREIA, A. N., — Nouvelle Hypothese sur le peuplement de l'Amerique du Sud. 1928, Tomo V, An. da Faic. Ec. do Porto

21 — MENDES CORREIA, A., — A Posição Sistemática do Esqueleto de Combe-Capelle; Soc. Port. de Anth. e Eth. Tomo 6.º, 1933

22 — MENDIZABAL, M. O. de, — La Cronologia Náhoa. An. do XX Cong. de Amer. Rio de Janeiro, 1922.

23 — METRAUX, Alf., — Médecine Men of the Chaco. Natural Hist. Vol. L. n. 1, 1942

24 — METRAUX, Alf., — Migrations Historiques des Tupi-Guarani. JSAP. Tomo XIX, 1927

25 — METRAUX, Alf., — Le Baton de Rythme JSAP, Tomo XIX, 1927
26 — MIRANDA, Pontes de, — Condições exigidas a uma boa teoria do Totemismo. An. do XX Cong. Amer. Rio de Janeiro, 1922
27 — MONTANDON, G. de, — Les Cyeles de Culture et la Prehistoire. 1935
28 — MONDIÉRES, A. T. — Les Races de l'Indo Chine. Antropologie. Paris, 1882
29 — MORET, A. — e DAVY, G., — Des Clans aux Empires. Paris, 1932.
30 — MORLEY, G. S., — The Foremost Intellectual Arkievemont of ancient América The Nacional Geog. Mag. Vol. VXLI, n. 2. 1922
31 — MORSELLI, E., — L'Homo. Torino, 1911
32 — MORTILLET, G. — Le Prehistorique. 3.a Ed., Paris. 1900
33 — MONTANDON, G. de, — La race les races. Paris, 1933
34 — MONTANDON, G. de, — Traité d'Ethnologie Culturelle. Paris, 1934
35 — MOREIRA e SILVA, DR., — O Homem Sul americano. 1919
36 — MOREIRA e SILVA, Dr., — Grupos Sanguineos Comuns e fatores MEN em índios Canelas do Marahnão. Rev. do Mus. Paul. Vol. 1948
37 — MORGAN, J. — L'Humanité Prèhistorique. Paris, 1924.
38 — MORLEY, S. G., — Chichen Itzá, an ancient American Mecca. NOM. Vol. XLVIII, 1925
39 — MORRIS, E. H. — Exploring in the Canion of Death. NGM. Tomo XVVIII, 1925
40 — MOSS, C. R., Nabaloi Law and Ritual. Am. Archael. and Ethn. Vol. 15, n.° 3, 1920
41 — MOSS, C. R., — Kankanay Ceremonies. Am. Archael. and Ethn. Vol. 15, n.° 4, 1920
42 — MULLER, W. Dr. V., — Austroinsulares Kanus als Kult and Kriegs-Symbole
43 — MULLER, Sophus — L'Europe Préhistorique. Trad. do dinamarquês de E. Philipot. Paris, 1907

1 — NADAILLAC, Le Marquis de, — Les Premiers Hommes et les Temps préhistoriques. Paris, 1881
2 — NADAILIAC, Le Marquis de, — L'Amérique Préhistorique. Paris. 1883.
3 — NEUVILLE, R., — Notes de Prehistoire Syro. palestinienne. L'Industrie dite solutreenne de Minet Dalieh. La Station de l'Ouadi Halle-oueh. Journal of the Palestine Oriental Soc. Tomo XIII, 1933
4 — NEUVILLE, R., — Mégalithes Abyssiens et Mégalithes Indiens. Antrop. 1933
5 — NILSON, S., — Les Habitants Primitifs de la Scandinavia. Trad. do sueco, 1868
6 — NORDENSKIOLD, Erland, — Origen de las Civilizaciones Indigenes en America del Sul. Buenos Aires, 1946
7 — NORDENSKIOLD, E., — Modifications in indian culture through inventions and Loans. Goteborg, 1930
8 — NORDENSKIOLD, E., — Indian y el Gran Chaco. Stocholm

9 — NORDENSKIOLD, E., — L'Archéologie du Bassin de L'Amazone. Ars. Americana I, Paris, 1930

1 — OBERMAIER, H. e A. GARCIE y BEllido, — El Hombre Prehistorico y los Origenes de la Humanidad. 4ª Ed. Madrid, 1947
2 — OITICICA, J., — Do Método no Estudo das Linguas Sul-Americanas. Bol, do Mus. Nac. Vol. IX, n. 1º, 1938
3 — OLIVEIRA MARTINS, J. P., — Elementos de Antropologia. 6ª Ed., Lisboa, 1924
4 — ORREGO, Alf. E., — Prehistoria Americana. Trabajos del 4º Cong. Cient. em Santiago, Chile. 1908
5 — OTT, Carlos F., — Vestígios de Cultura Indigena no sertão da Bahia. 1945
6 — OUTES, Felix, F., — Los Tiempos prehistoricos y Protohistoricos en la Provincia de Córdoba. Rev. del Mus. de la Plata. Tomo XVII, 1911
7 — OUTES, F. F., — Sobre el Hallazgo de Alfaverias mejicana en la Provincia de Buenos Aires. Vol, XVII do 4º Cong. Cient. en Santiago, 1909
8 — OYARZUN, A., — Contribuicion al Estudio de la influencia de la civilization peruana sobre los abrigénes de Chile. Cong. Int. de Amer. Buenos Aires, 1910

1 — PALAS, Dr. Leon., — Contribution a l'Etude Antropologique de Noir en Afrique Equatoriale française. Antropologia. Tomo 44, 1934
2 — PALAVECINO, E., — Elementos Linguisticos de Oceania en la Quechua. In-La Esfige Indiana. 1926
3 — PALAVECINO, E., — Areas Culturales Americanas (Adaptação do esquema de C. Wissler). 1946
4 — PALMER, Ed., — Notes on some Australian tribes. Journal of the Anthro. Inst. of Gr. Brit. and Ireland. 1884
5 — PATTE, Et., — Terminologie et Chronologie Préhistoriques. Rev. Scient. n. 20 1933
6 — PAYON, J. G., — Problémes Archeologiques de la region Totonaque. JSAP.' Tomo XXXV. 1943-46
7 — PEABODY, Ch., — Red Paint. JSAP. Tomo XIX, 1927
8 — PERRIER, Ed. — La Terre avant l'Histoire. Paris, 1921
9 — PEYRONy, D., — Paleolithique Superieurs européon et africain. Report entre aux Revue Anthropologique. Tomo XLII, 1932
10 — PICTET, ADOLPH. — Les Origines Indo Européennes. Paris, 1877
11 — PIGAFETTA, Ant., — Primeiro Viaje em torno del Globo. Trad. de F. R. Morcuenda. Madrid, 1927
12 — PIRINEUS de SOUSA, Dr. Ant., — Notas sobre os Costumes dos Indios Nambiquaras. Rev. do Mus. Paul. 1919
13 — PINOCHET, A. C., — La Geografia de la Tierre del Fuego y Noticias de la Anthropologia y Etnologia de sus habitantes. An 4º Cong Sc. en Santiago, 1908

14 — PIQUET, V., — Les Civilistions de l'Afrique du Nord
15 — PITARD, E., — Les Races et l'Histoire. Paris, 1924.
16 — PLONGEON, A Le, — Sacred Mysteries among the Mauas and the Quiches. N-Y 1909
17 — POISSON, G. — Les Arynes. Paris, 1934
18 — POMPEU Sobrinho, Th., — Sistema de Parentesco dos Indios Cariri. Fortaleza, 1948
19 — POMPEU Sobrinho, Th., — Os Crânios da Gruta do Canastra. Rev. do Inst. do Ceará. Tomo LVI. 1942
20 — POMPEU Sobrinho, Th., — As Origens dos índios Cariri. Rev. Inst. do Ceará, Tomo, LXIV, 1950
21 — POMPEU Sobrinho, Th., — íNDIOS Fulniô. Rev. do Inst. do Ceará Tomo XLIX, 1935
22 — PAPE, S. T.., — A Study of Bows and Arrows. Univ. of Calif. Public. Vol. 13, 1923
23 — POSNANSKY, A., — Razas y monumentos prehistoricos del Altiplano andino. 4º Cong. Cient. Am. Santiago. 1908
24 — PRICE, W., — Will the Pacific. Bronwns or Yellow? Nat. Hist. Vol. LIII, 1944
25 — PRJÉVALSKI, N., Mongoliee et Payes des Tangoutes. Trad. do russo de G. du Zaurens. Paris 1880

1 — QUATREFAGES, A. de, — L'Espèce Humaine. 4ª Ed. Paris, 1911
1 — RADIN, Paul, — The Sources and authenticity of the History of the ancient Mexicans. 1920
2 — Radin, P., — Indians of South America. 1946
3 — RADIN, P., — Histoire de la Civilisation Indienne. Trad. do inglês de E. Metraux. Paris, 1935
4 — RAFFRAY, A., — Voyage en Nouvelle Guinée em 1876-77. Le Tour du Monde, 1879
5 — RAMIREZ, F. C., — Lengues Indoenropeas em América. Mexico, 1951
6 — RAND, A. L., — e Archbold, R., — Latchkey to a Savage Tribe. Natural Hist. 1941, nº 4
7 — RATZEL, F., — Las Razas humanas. Barcelona, 1889
8 — RAUSCH, von P. J., — Die Sprache von Südest-Bougainvile Anthropos, 1910
9 — RECLUS, Elic — Eltudes sur les Populations Primitives, les Cafres et les Zoulous. Antropologie, tomo 7º, 1884
10 — REICHLEN, H., — Recherches Archeologiques dans la Province de Santiago del Estero. Argentina. JSAP. Tomo XXXII, 1940
11 — REICHLEN, H., — Recherches Archeologiques dans les Andes de Cajamarca, Peru. JSAP. Tomo XXXVIII, 1949
12 — REINACH S., — Os Arias. Trad. do francês de Fortes.
13 — RENAUD, E. B., — Les plus anciennes cultures prehistoriques de Sud-Ouest americain. Authrop .Tomo 40, 1930
14 — RIALIE, G. de, — Formose et ses habitants. Anthrop. 1885.

15 — RIBEIRO, DARCY., — Notícia dos Ofaié Chavante, RMP. Vol. V — n. 5, 1951
16 — RIVET, Paul, — L'Anthropologie. Boletim do Mus. Nac. Vol. IV, nº 3
17 — RIVET, P., — The Indians Colorados. JSAP. 1905
18 — RIVET, P., — Recherches Anthropologiques sur la Basse California. JSAP, 1909
19 — RIVET. P. — Les Malayo-Polynesiens en Amerique JSAP. Tomo XVIII, 1900
19 — RIVET, P., — As Origens do homem Americano. Trad. São Paulo, 1948
19 — RIVET, P., — As Origens do Homem. Anhenmbi, nº 24 e 25. S. Paulo, 1952
20 — RIVET, P., — As Origens do homem Americano. Trad. São Paulo, 1948
21 — ROBERTS, F. H. H., — Evidence for a Paleo Indian in the New Wold. Ac. Am. Vol. I, nº 2, 1943
22 — ROUMA, G., — Quitchouas et Aimaras; étude des populations autochtones des Andes boliviennes. Extracto do Boll. de la Soc. belge d'Anth. et Prehist. 1933
23 — ROWE, J. H., — Inca Culture at the Time of the Spanish conquest. HSAI. V, — vol. 2.o

1 — SAFFORD, W. E., — Notre Héritage des Indiens Americains An. do XX Cong. Amer., Rio de Janeiro, 1922.
2 — SARASIN, F., — Recherches Préhistoriques au Siam. Antrop — Tomo 43. 1933
3 — SARG, Fr. C. A., — Die Australischen Bumerangs in Stadtishen volker-Museum Anthropos. 1912
4 — SARMIENTO, L. A., — The Uncknown age in Colombia. Nat. Hist. Vol. XLVIII, n. 1, 1941
5 — SCARET, R., — On the Evidence of a former land-bridge between Northern Europe and North America. Dublin. 1909
6 — SCHMIDT, Max, — Resultados da minha expedição trienal a Mato Grosso. 1926-38 BMN. 1938-41
7 — SCHMIDT, Max, — Estudos de etnologia Brasileira. Trad. de Catarina B. Cannabrava. São Paulo. 1942
8 — SCHMIDT, M., — Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. Zeitschrift fur Ethnologie. 1912
9 — SCHMIDT, M., — Indianerstudien in zentral Brasilien. 1905
10 — SCHMIDT., — Die Paressi Kabichi, Ethnologische Ergebmisse der Expedition zu den Quellen des Jauru und Juruena im Iahre, 1910. Bra.
11 — SCHMIDT., Dr. Wilheim, — Ethnologia Sul Americana. Trad. do alemão de Sergio de Holanda. 1942
12 — SERGI, G., — L'Homo, secondo le origini, l'antichitá, le variazione e sa distribuzione geografica. Turino
13 — SERGI, G., — La piú antice Umanita vivente: Turino, 1930
14 — SERA, J. L., — L'Alteza del cranio in America. Archivo per l'Antropologia e la Etnologia. Tomo XLII, 1912

15 — SERRANO, Ant., — Etnografia de la antigua Provincia del Uruguay. Paraná 1936
16 — SERRANO, Ant., — Los Primitivos Habitantes del Territorio Argentino. Buenos Aires, 1930
17 — SERRANO, Ant., — Los Sambaquis y otros ensayos de arqueologia brasilena.
18 — SETZLER, F. M., — Archaeological explorations in the Unitas States, 1930-1942
19 — SEVERIANO da Fonseca, J., — Voyage autour du Brézil. Rio de Janeiro, 1899.
20 — SILVA Amada, J. J. da, — Etnologie du Portugal. Antrop. 3º Vol., 1880
21 — SIMÕES DA Silva, Ant., — A Tribo Caingang. Rio de Janeiro, 1930
22 — SIMÕES da Silva, Ant., — Viagem pelo Interior da Republica Argentina. An. do 3º Cong. Scient. Latino-Americano, tomo III, Rio de Janeiro, 1905
23 — SIMPICH, F., — Arizona Comes of Age. NGM. 1929
24 — STEINEN, K. von den, — Entre os Aborígenes do Brasil Central. Trad do alemão de Egon Schaden. São Paulo. 1940
25 — STEWARD, Julian H., — South American cultures. A Interpretative summary. HSAI. Vol. 5º
26 — STEWARD, J. H., — Circum Caribean tribes. HSAI. Vol. 4º
27 — STOHLYWO, K., — Le Probleme des Types Anthropologiques. BMN. 1938-41
27 — STEWARD, J. H., — Petroglyphs of California and adjoining states. UCP in A. Arc. Et. Vol. 24, 1929
28 — SALISTROWSKI, Z., — On Location in the Amazon. Nat., Hist. n. 3,
29 — SUK, V., — On the Question of human Races on the Paris of the precipiting Test and Isoagglutination. Acta Soc. Sc. Nat. Moracicae. Tomo 8, 1933

1 — TAYLOR, Douglas, — Columbos Saw them First. Nat. Hist. Vol. XLVIII, 1941
2 — TAYLOR, G., — The Evolution and Distribution of Race, Culture and Linguage, Review Vol. XI, n. 1, 1921 The Geograph.
3 — TEITHARD de Chardin, — Le "Sinanthropus" de Peking. Antrop. Tomo 31. 1931
4 — TESCHAUER, Carlos, — Porandubà Rio Grandense. 1929
5 — THALBTIZER, W., — Der Ethnographische zusammenhang der Eskimo Groenlands mit denen der Hudson bai
6 — THALBITZER, W., — Paralliels within the culture of the Arctic Peoples. An, XX Cong Am. Rio de Janeiro, 1922
7 — TOPINARD, Paul, — L'Antropologie. Paris
8 — TORRES, Luis Maria, — Los Primitivos Habitantes del Delta del Panamá. Universidad Nac. de la Plata. Buenos Aires 1913

9 — TOUNG, De kien, — De Porigine des Americains Précolombiens. An. do XX Cong Amer. Rio de Janeiro. 1922.
10 — TROMBETTI, Alf., — Elementi di Glottologia. Bolonha.
11 — TROMBETTI, Alf., — Introduzione agil Elementi di Glottológia. Bolonha, 1922
12 — TSCHIFFELY, A. F., — Buenos Aires to Washington by Horse. NGM. vol. LV, 1929
13 — TYLOR, E. B., — La Civilisation Primitive. Trad. do Inglês de Pauline Brunet Paris, 1876
14 — THOMSON, J., — Dix ans de Voyages dans La Chine et l'Indo-Chine. Trad. de MM. A. Talandier et H. Vattemare. Paris, 1877

1 — UHLE, Max, — El Problema Paleolítico Americano. Boe de la Acad. Nac. de Hist. Vol. V, 1923
2 — UHLE, M., — The Emeryville Shelmonnd. Univ. of Calif Publication. Vol 7, n.º 1
3 — UHLE, M., — Exploratinos at Chincha. Univ. of Calif. Public. Vol. 21, n.º 2
4 — UHLE, M., — Las Relaciones Prehistoricas entre el Peru y la Argentina. An. do XVII Cong. Int. de Amer. Buenos Aires. 1910
5 — UHLE, M., — Los Origenes de los Incas. An. do XVII Cong. An. do XVII Cong. Int. de Amer. Buenos Aires. 1910

1 — VAILLANT, G. C., — Human Sacrifice in ancient Mexico. Nat. Hist. Vol. XLVI, n. 2, 1940
2 — VALLOIS, H. V., — Recherches sur les ossements mésolithiques de Mugen. Antropo. Tomo 40, 1930
3 — VAUFREY, R., — Notes sur le Capsien. Anthrop. Tomo 43. 1933
4 — VELLARD, Dr. J. A., — Les Indiens URO du Desaguadero. BMN. 1938/41
5 — VELLARD, Dr. J. A., — Archeologie des Andes Venesuelennes. BMN. 1938/41
6 — VERNEAU, Dr. R., — Les Anciens Patagons. Monaco, 1903
7 — VERNEAU, Dr. R., — Les Collections Anthropologiques equatoriennes du Dr. Rivet. JSAP. Tomo IV
8 — VERNEAU, Dr. R., — Les Origines de l'Humanité. Paris 1926
9 — VERNEAU, Dr. R., — L'Homme, races et Coutumes. Paris, 1931
10 — VIDAL, NEy, — Contribuição ao conhecimento da Paleontoolgia do Nordeste brasileiro. BMN. 1946
11 — VIGNATI, M. A., — Archeologia y Anthropologia de los "Conciales" fueginos. Rev. del Mus. de la Plata. Tomo XXX. 1926/27
12 — VIGNAUD, H., — La Question de l'antiquité de l'Homme Americain. JSAP Tomo X, 1912
13 — VIGNAUD, H. — Le Problème du Peuplement initial de l'Amerique et l'origine ethnique de sa population indigène. JSAP Tomo XIV — 1912
14 — VINSON, Julien, — La Langue Basque et les langues americaines. An.

do Cong. Int. des Americ. de Nancy 1875

1 — WAHL, E., Deutsche Vorseit. Leipzig, 1932
2 — VASSEN, H., — An Analogy between a South American and Oceanic motif, and Negro influence in Darien. Ethn. Stud. X.Goteborg, 1940
3 — WATELIN, L. Ch., — Essai de coordenation des Periodes Archaiques de la Mesopotamie et de l'Elam. Anthrop. Tomo 31. 1931
4 — WATERMAN, T. T., — Bendelier's Contribution to the Study of ancient Mexicen Social Oganisation. Am. Archae. and Eth. Vol. 12. n. 7, 1917
5 — WEBSTER, H., — La Magie dans les Societés Primitives. Trad. do inglês de J. Guillard, Paris. 1925
6 — WEISGERBERG, Dr. H., — Les Blancs d'Afrique. Paris.
7 — WERNERT, P., — L'Anthropophagie Rituelle et la Chasse aux Têtes aux époques actuelle et Paleolithique. Anthrop. Tomo 47. 1936
8 — WIENER, C., — Estudos sobre os Sambaquis do Sul do Brasil. Arch. do Museu Nac. Rio de Janeiro, 1876 Vol. 1
9 — WIENER, C., — Perou et Bolivie. Recit. de voyage. Paris. 1880
9 — WILLENS, E. e SCHADEN, Egon, — The Brasilien Shel mund or Sam_ baqui. RMP. Vol. V, 1951
10 — WILLENS, E. e SCHADEN, Egon, — The Brasilien Shel mound or Sam-
11 — WILLEY, G., — The Archeology of the Greater Pampa. HSAI. Vol. 1.º LVI, n. 8 1947
12 — WILSON, C. M., — Back Wards A Dozen Centuries. Nat. Hist. Vol. LVI, n. 8 — 1947 ,
13 — WISSLER, Clark, — Corn and Early American Civilization. Nat. Hist. Vol. LIV. 1945
14 — WISSLER, C., — The Origin of the American Indian. Nat. Hist. thropology of the New World. N-Y. 1917
15 — WISSLER, C., — The American Indian: an introduction to the an-

1 — ZABOROWSKI, M" S., — Les Peupples Aryens d'Europe — Paris. 1908

ALGUMAS ABREVIAÇÕES úteis a esta bibliografia:

JSAP..... Journal de la Société des Americanistes de Paris;
HSAI..... Handbook of South American Indian;
NGM..... The National Geographie Magazine;
RMP..... Revista do Museu Paulista;
RMHNC... Revista del Museu de Historia Nacional de Chile;
BMN..... Boletim do Museu Nacional;
RSPHAN.. Revista do Serviço po Patrimônio Historico e Artístico Nacional;
Ac. Am.... Acta Americana;
ANT. ou ANTHROP.... L'Anthropologie (Revista);
NAT. HIST. Natural History. The Magazine of the American Museum of Natural History
IHGB.... Instituto Historico e Geografico Brasileiro;
RIC..... Revista do Instituto do Ceará

157

E R R A T A

Á pág.	linha	ONDE SE LÊ:	LEIA-SE:
7	6	certamente irregováveis	certamente irrevogáveis
10	quadro	Post-Claciol	Post-Glacial
11	20	em wajjak	Wadjak
11,	última linha,	Neandertralensis	Neandertalensis
12,	5	Egito'Rodésia	Egito e Rodésia
12,	8	Mindel Riss	Mindel-Riss
14,	31	Referiu o eixo	Referiu-se que o eixo
15,	12	Destas zonas de miscinegação	Destas zonas de miscigenação
16,	5	que se ornava	que se tornava
19,	29	chega a aportu-	chega a oportu-
29,	28	pelas costas do Nordeste do	pelas costas do Noroeste do
33,	6	Dayaks de Borné	Dayaks de Borneo
33,	11	observa Canals, zona que	observa Canals, a zona que
35,	18	o Novo-Mundo, algum	o Novo-Mundo, alguns
35,	19	século	séculos
42,	2º quadro da IV corrente	Cultura meolítica	Cultura neolítica
50,	26	de certo mado a algu-	de certo modo algu-
51,	20	e os observaram ou expulsaram	e os absorveram ou expulsaram
55,	9 e 10	completa ou maior quadro de	completa ou maior nitidez ao quadro de
58,	19	do rio Paraguai em outras	do rio Paraguai e em outras
58,	27	Granjaú	Grajaú
63,	23	Pardo Jequitinhonha	Pardo e Jequitinhonha
64,	8	no rio Sussu	no rio Sussui
65,	26	CANACAN —	CAMACAN —
66,	26	falado os rios	falado nos rios
68,	23	Parece-nos que não seriam desarrazoado	Parece-nos que não seria desarrazoada
75,	16	Pacífico ao que trás o seu nime	Pacífico ao rio que trás o seu nome
78,	6	e eximios pecadores	e exímios pescadores
80,	3	os colonos de região	os colonos da região
80,	15	o pescador esperava mergulrando	o pescador esperava mergulhando
80,	18	o braço, cravava fortemente	o braço, cravava-as fortemente
88,	32 e 33	Poucas as tribos,	Poucas tribos

91,	17	que deram diferenciações	que deram por deferenciações
91,	28	Admite-se que a área de cara cterização da família e êsse estendia	Admite-se que a área de caracterização da família se estendia
92,	26	da estirpe que os acomodaram	da estirpe que se acomodaram
94,	32	(Paria, Grayuno); e) Uyana Upuriri,	(Paria, Gayuno); e) Uyana (Upurirui,
95,	2	h) Cimevara; ... China	h) Cumewara ... Chipa;
95,	8	Cumanacoto	Camaracoto
95,	9	Peweja	Teweja
95,	10	h) Wayumará; j) Paraviyana	h) Sapará; i) Wayamará; j) Paraviyana;
95,	15	Nokiare	Wokiare
95,	24 e 25	d) Takatsoka, e Guagua, f) Riama, g) Caicushana, h) Makotóyana, Yakaoyana	d) Tsahatsaha; e) Guague, Riama, Caicushana, Makotóyana
96,	1ª	B — Yingu	B — Xingu
96,	18	Guamacea, Nolomeu	Guamaca, Tholomeu
96,	32	Tumucuná	Funucuná,
96,	33	b) Cati ... Itruango	b) Catio: ... Ituango
97,	7	Quinbará	Quimbayá
97,	9	Noriguaca; d),	Nori, Guaca; c)
97,	10	Evejico;	Evejico; d) Arma: Arma, Pozo
97,	16	Aroi	Arvi
102,	9	Cário, Risitococi	Cário, Kiritococi
			18) TORA'
			19) PORIKIKIOCA
			20) PALMARES
			21) TAPIETA
			22) UBEQUA'
104,	1ª	59 — GUAJARA'	59) QUAJAJARA
105,	12	ARUAQUES	ARUAQUE
107,	20	acima sobpés	acima até os sobpés
110,	8	em protopolinésios	eram protopolinésios
119,	21	o âmbito	todo âmbito
121,	14	com família Tara-	com a família Tara-
122,	21	levas na quarta	levas da quarta
122,	23	no curso do NW. amazônico	no curso do 4º milênio podemos situar a sua chegada nas planícies do NW. amazônico
128,	27	Segundo Macey	Segundo Mackey

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

TH. POMPEU SOBRINHO

PRÉ-HISTÓRIA CEARENSE

Monografia N. 3 - Tomo